

# A CULTURA AO REDOR DE NÓS



Ana Martina Baron Engeroff

Bruna dos Santos Bolda

Organizadoras



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA

# A CULTURA AO REDOR DE NÓS



Ana Martina Baron Engerroff

Bruna dos Santos Bolda

Organizadoras



Periodicosj  
EDITORA ACADÊMICA

## **Equipe Editorial**

Abas Rezaey

Ana Maria Brandão

Fernado Ribeiro Bessa

Filipe Lins dos Santos

Flor de María Sánchez Aguirre

Isabel Menacho Vargas

Izabel Ferreira de Miranda

Leides Barroso Azevedo Moura

Luiz Fernando Bessa

Manuel Carlos Silva

Renísia Cristina Garcia Filice

Rosana Boullosa

## **Projeto Gráfico e editoração**

Editora Acadêmica Periodicojs

### **Capa**

Jordânia da Conceição Silva

### **Idioma**

Português

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Cultura ao redor de nós [livro eletrônico] :  
ensaios etnográficos na formação de professores /  
organizadoras Ana Martina Baron Engerroff,  
Bruna dos Santos Bolda. -- João Pessoa, PB :  
Periodicojs, 2026.  
PDF

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-6010-228-6

1. Cultura 2. Educação 3. Ensino - Finalidades e  
objetivos 4. Etnografia 5. Professores - Formação  
I. Engerroff, Ana Martina Baron. II. Bolda, Bruna  
dos Santos.

26-369046.0

CDD-370.71

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Seção de Pesquisas na América Latina da  
Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

**CNPJ: 39.865.437/0001-23**

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs



**APRESENTAÇÃO**

É com enorme satisfação que trazemos a público esta coletânea de ensaios etnográficos produzidos pelos acadêmicos da primeira fase de cursos das áreas de Ciências Humanas, da Educação e das Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), produzidos durante o primeiro semestre do ano de 2025. Trata-se de uma proposta inicialmente lançada como atividade nas disciplinas de Antropologia e Educação, Antropologia e Antropologia Cultural, para os cursos de licenciatura em Pedagogia, História e Música, e que, de forma genuína, foi aos poucos tomando o formato de um livro. O que originalmente foi pensado enquanto um exercício ensaístico de etnografia, com o passar das aulas mostrou-se, para alguns estudantes, um desafio científico e pessoal de compreensão dos grupos e espaços sociais que constituíram suas próprias trajetórias.

Entendemos que o olhar antropológico, quando aperfeiçoado com o permanente fazer etnográfico, desperta a atenção do “primeiro encontro” com grupos sociais e/ou etnias. Longe do sentido piegas amoroso, falamos em primeiro encontro a exemplo de uma criança que, encantada com o novo, passa a se permitir vivenciar experiências sem julgamentos preliminares. Somente o vive e experiencia. Como afirma Lévi-Strauss (1983) parecia estar correto quando afirmou que o olhar antropológico se esforça para entender o mundo como se o visse pela primeira vez.

Jovens recém-chegados à universidade, que estão realizando seus primeiros encontros com a formação profissional, reconhecem no “olhar antropológico” uma possibilidade para a análise crítica da realidade multicultural. Nesse sentido, a formação antropológica, no modo como a entendemos, contribui em três dimensões - a qualquer ingressante em cursos de ensino superior. Especificamente, os sujeitos dos cursos de licenciatura são especialmente tocados por essas dimensões, na medida em que se formam, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática - como já defendia Freire (1996).

A primeira, a dimensão pedagógica. A Antropologia desloca a episteme do observador em uma direção anti-etnocentrada. A famosa máxima de Ruth Benedict (1972) em *O crisântemo e a espada* expressa muito bem essa ideia: “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas



e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. Logo, em se tratando de uma lente, ela encobre ou molda o modo como se entende a própria realidade. Cabe ao antropólogo se desvencilhar de sua própria lente e colocar lentes outras para compreender os sentidos e os significados produzidos pelas culturas, nos seus próprios termos. Assim como uma lente que refrata a luz e a traduz em imagem, também o etnógrafo deve trazer à tona os aspectos simbólicos da vida cotidiana, constantemente invisibilizados.

Nesse aspecto, a etnografia nas escolas é um desafio pedagógico, seja pela espinhosidade da relação entre as áreas da Antropologia com a Educação (como indica Gusmão, 1997), ou pela dimensão de tomar a educação como expressão das culturas. A escola é um locus privilegiado para o encontro entre a pesquisa e as dimensões da educação na vida social, visto que naquele espaço - familiar aos que estão nos cursos superiores, visto que já estudaram em alguma e reencontram-na enquanto professores em formação -, se materializam práticas, valores, conflitos, expectativas e significados sobre os processos educacionais. Assim, a etnografia nesses espaços permite captar diferentes discursos sobre a educação e perceber, nas práticas vividas, os gestos, as rotinas, os rituais, as disputas simbólicas, as estratégias de pertencimento, as práticas pedagógicas, enfim, expressões das culturas escolares que estão na sala de aula, no recreio, nas reuniões, nos corredores, na entrada e saída, em espaços planejados ou não.

Pode-se falar, ainda, em uma dimensão normativa. Há uma tendência crescente de inserção de disciplinas de Antropologia tanto em cursos de graduação nas áreas das Ciências Humanas e das Licenciaturas, mas que não visam formar Antropólogos, quanto em cursos de graduação de áreas que não pertencem às Ciências Sociais e que tampouco formam professores. Nessa toada, Sartori (2012) observa que a inclusão da disciplina na maior parte dos cursos se deve justamente pelo potencial teórico e prático da Antropologia, auxiliando no entendimento do Outro, seus valores e culturas, contribuindo para o respeito à diversidade e, portanto, impactando na formação dos futuros profissionais. Os dispositivos conceituais da Antropologia permitem o desenvolvimento prático de um olhar antropológico que compreende os outros, em respeito às diferenças - habilidades fundamentais em uma



realidade multicultural como a do Brasil. Todavia, ainda que a disciplina de Antropologia esteja presente em inúmeros cursos de Ensino Superior, nota-se a sua posição marginal no currículo, seja por uma carga-horária pequena (como é um caso de inúmeras instituições privadas), seja por sua posição de eletiva ou não-obrigatória (como é o caso em inúmeras instituições públicas) - como indica Satori (2012).

Nesse sentido, entendemos que ainda é necessário avançar em direção à formulação de uma política nacional de fortalecimento do ensino de Antropologia no Ensino Superior que assegure a sua presença obrigatória nos currículos. Tal política deveria contemplar Resoluções do Conselho Nacional de Educação, com o objetivo de fomentar Diretrizes Curriculares Nacionais voltadas para a presença estruturante da Antropologia nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação como veículo para valorização da formação profissional ética, cidadã e intercultural. Em meio às intensas discussões e disputas sobre os currículos das licenciaturas especialmente na adequação às recentes resoluções e imbricamento das práticas docentes com as fases iniciais dos cursos, a Antropologia abre possibilidades de articulação e compreensão destes desafios.

Por fim, há uma terceira dimensão, que se apresenta como força transgressora dentro da própria prática antropológica. Trata-se da dimensão ontológica, cujo impulso reconfigura radicalmente o modo como as Ciências Humanas e as Artes se relacionam com o mundo. Nesse sentido, “etnografar” não é somente um exercício de deslocamento epistemológico entre o sujeito e o objeto, entre o pesquisador e a realidade – como pretende a lógica científica moderna que abre um abismo intransponível entre o “cientista” e a sua “produção científica –, mas uma forma própria de existência política.

O que chamamos de virada ontológica (ontological turn), no sentido proposto, por exemplo, por Eduardo Viveiros de Castro (2015), não designa um simples giro teórico ou metodológico, mas uma transformação nos modos de reconhecer o que pode ou não existir. O que propomos, aqui, enquanto dimensão ontológica do etnografar, perseguindo as pistas de Viveiros de Castro, é que os profissionais de Ciências Humanas, da Educação e de Artes, para além de apenas reconhecer a pluralidade de modos de vida, habitem esses



modos de existência, deixem-se afetar, aprender e transformar-se a partir deles. Nessa perspectiva, o fazer antropológico é também uma prática existencial e ética: ele transgreda a neutralidade, implica o corpo e a vida do pesquisador no campo que investiga, e assume que compreender o outro é, inevitavelmente, recriar a si mesmo.

Por isso, a organização deste livro é uma mirada para o potencial da Antropologia na formação de professores, especialmente sobre os processos educacionais, entendendo que as culturas têm uma lógica própria - como já nos dizia Laraia (2007). As etnografias que são apresentadas nas páginas a seguir são resultado desse esforço coletivo e do encontro dos(as) graduandos(as) com a pesquisa antropológica, exercitando a observação do familiar (Velho, 1978) e o processo de desnaturalização do que se enxerga. Nessa composição a muitas mãos, Amurabi Oliveira, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e autor da obra “Etnografia para Educadores”, lançada em 2023, nos brinda com entrevista que elucida a relação da Antropologia com a Educação e a etnografia.

Como parte deste empreendimento formativo coletivo, optamos por tornar a obra integralmente acessível por meio da audiodescrição de todas as etnografias aqui reunidas. Afinal, entendemos a acessibilidade também como um imperativo ético e pedagógico, que reafirma o compromisso da universidade pública com a democratização do conhecimento – especialmente porque a audiodescrição das etnografias foi executada pelos próprios estudantes: desde a elaboração textual das descrições das imagens até a gravação efetiva dos áudios. Todos os áudios estão disponíveis por meio do QR code, permitindo acesso direto ao conjunto das etnografias em formato sonoro.

Desejamos a todas/todos uma ótima leitura!

Ana Martina Baron Engerhoff

Bruna dos Santos Bolda

Doutoras e professoras da FAED/UDESC



## REFERÊNCIAS

BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSMÃO, N. M. M. DE .. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. Cadernos CEDES, v. 18, n. 43, p. 8–25, dez. 1997.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O olhar distanciado. São Paulo: Editora Perspectivas do Homem, 1983.

SARTORI, Ari José. O ensino da Antropologia para quem não vai ser antropólogo. Revista Percursos, Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 99-119, jan/jun. 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Who's afraid of the ontological Wolf: Some comments on an ongoing anthropological debate. Cambridge Anthropology, v. 33, n. 1, p. 2–17, 2015.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A. Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132



# Prefácio



Prefaciara presente obra que parte de uma construção coletiva com protagonismo de estudantes de graduação é sempre muito acalentador. Ainda mais quando duas professoras universitárias reconhecem o empenho e dedicação dos estudantes e transformam uma avaliação parcial em uma publicação acadêmica. Esse tipo de reconhecimento e esforço, inegavelmente, faz com que os trabalhos produzidos por estudantes esforçados e talentosos, não sejam esquecidos em uma gaveta ou pasta digital. Eles devem e precisam ser publicizados.

Cabe lembrar que todo o trabalho envolvido na orientação de cada um dos textos, nas indicações de melhorias em diferentes momentos, na escolha de uma editora e na organização da obra constituem um tipo de trabalho que é invisível para quem recebe a obra pronta. Por isso é tão salutar acessar obras que são resultado de trabalho voluntário de organização de obras coletivas que popularizam os conhecimentos e o trabalho formativo realizado no interior de um curso de graduação no interior de uma universidade pública.

Você leitor, está tendo acesso a uma obra de popularização de um dos métodos mais consagrados da Antropologia, ou seja, a pesquisa etnográfica. A Etnografia alcança um status de método de pesquisa no interior das pesquisas antropológicas e, posteriormente, com a pertinência e avanços realizados na construção dos dados em campo de uma profundidade e qualidade inegáveis, passa a ser absorvida como técnica de pesquisa em outras áreas do conhecimento científico. Este é o caso no campo educacional.

Na educação, a etnografia ganha outras características e potenciais como técnica de pesquisa. Diferentemente do que ocorre como método no interior da antropologia, na qual os conceitos antropológicos são fundamentais na análise dos resultados dos dados construídos



na pesquisa (conexão com a etnologia). Na educação, entendida como técnica, ela ganha outros contornos, já que tende a trabalhar com teorias e conceitos do campo educacional para analisar os resultados da pesquisa de campo e os relatos etnográficos. Mesmo que se faça referências e diálogos com outras etnografias e obras do campo antropológico, no campo da educação, outros autores e pensadores fora do escopo antropológico são mobilizados.

Ao ler a presente obra lembrei rapidamente da minha primeira experiência etnográfica durante minha graduação em Ciências Sociais. Realizei uma etnografia de uma semana, etnografando diariamente o ambiente de uma rodoviária na cidade de Porto Alegre. Realizei uma etnografia por imagens, para uma disciplina: Antropologia Visual no antigo currículo da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa experiência pontual foi muito marcante. Tanto que segui a antropologia e a etnografia em minha pesquisa de mestrado.

Já na pós-graduação, realizei uma pesquisa etnográfica no campo da Antropologia Econômica. Lembro nitidamente dos inúmeros dias acompanhando o cotidiano de um ateliê de costura, inserida na rede da Economia Solidária. Desde os primeiros dias em que eu ficava em um “cantinho” registrando no meu diário etnográfico: o ambiente, a disposição das máquinas de costura e das micro-decisões de cortes e aproveitamento de tecidos. Nesses dias iniciais lembro de me sentir alguém que “estava ali para anotar”. Era tratado como o “estudante”, de forma bem formal e distante. Somente próximo ao final do terceiro mês de idas cotidianas nesse espaço de trabalho, alcancei o status de “guri”. Passei a receber convites para tomar café na sala ao lado (a “salinha” do café) e ser incluído na lista de contribuição do cafezinho e da bolacha.

Entre ser o “estudante” que vinha “olhar o que a gente faz”, para ser aceito em campo e ser considerado o “guri” que poderia fazer perguntas, tirar dúvidas, tinha abertura para me mostrar interessado e curioso no processo da costura e no cotidiano do espaço laboral, uma profundidade enorme de acesso à cultura laboral se abriu.



Somente nos meses finais da pesquisa pude acessar os elementos mais profundos relacionados ao convívio no espaço de trabalho. Foi possível captar as percepções sobre o que significa para cada membro, fazer parte da Economia Solidária, ou, até mesmo, sair junto com algum dos trabalhadores para comprar mais tecidos e linhas. Essa aceitação em campo, algo que nem sempre alcançamos, me permitiu, no interior da minha experiência etnográfica, acessar como cada trabalhador se entendia culturalmente nesse coletivo. Por mais de oito meses de inserção etnográfica, vivi um “gostinho” da experiência de inserção em culturas remotas, que diferente de mim, conviveram por anos os grandes etnógrafos e os leitores terão acesso a alguns desses ao longo dessa belíssima obra.

Hoje, como professor efetivo do curso de Pedagogia, atuo em um currículo no qual a Antropologia e a etnografia são ofertadas desde as primeiras fases dos cursos. Representando um ganho de amplitude de repertório intelectual de pesquisa científica construindo elementos formativos muito positivos na formação desses futuros pedagogos e pedagogas. Principalmente, quando o foco das etnografias são os espaços educacionais ou os espaços que eles frequentam como cidadãos cotidianamente, acabam por vivenciar o exercício que Gilberto Velho definiu como “estranhar o familiar”.

Apontando, em especial, no espaço escolar formal, em um contexto de disciplina que envolve os alunos dos cursos de licenciatura, cabe apontar suas particularidades. Um estudante de licenciatura, futuro professor de música, de artes, de pedagogia, por exemplo, vivenciar a possibilidade de, antes mesmo se familiarizar como educador nos espaços escolares, construir um estranhamento deste local como etnógrafo, constitui uma vivência extremamente rica para a sua formação. Em parte, o desafio da pesquisa nos espaços escolares, por exemplo, é que todos nós que estamos ou estivermos na universidade, necessariamente passamos pela escola como alunos. Temos uma “familiaridade” com essa instituição na posição de alunos.

Alguns trechos têm excesso de frases longas, comuns em textos acadêmicos, mas



que em livro podem prejudicar a fluidez.

Antes que esse processo ocorra, a possibilidade de cursar no currículo do seu curso, uma ou mais disciplinas que tragam a Antropologia ou mesmo, a etnografia como experiência de pesquisa, alça uma experiência de estranhamento do familiar utilizando as lentes interpretativas da teoria científica de grande importância na formação intelectual e de pesquisa. Depois de experiências assim, a escola, os espaços que até então você convivia sem refletir, nunca mais serão os mesmos. Posso afirmar que essa experiência etnográfica irá impactar positivamente em todos os estudantes. Dito de outra forma, ninguém sai igual de uma experiência etnográfica.

Neste prefácio, não pretendo me ater a resgatar e dialogar com as ideias e referências antropológicas clássicas e contemporâneas, já que as professoras universitárias e organizadoras da presente obra: Dra Ana Martina Baron Engerhoff e Dra Bruna dos Santos Bolda realizam esse diálogo de forma muito competente na apresentação do livro. Também apontam para elementos políticos curriculares para o reconhecimento da importância da Antropologia nos currículos universitários e elementos formativos ontológicos que fundamentam a proposta.

Em momento anterior, em um contexto de reforma curricular no curso de Pedagogia que trabalho, presenciei alguns colegas relatando que Antropologia não teria importância no currículo do curso. Frente a essa afirmação, respondi da forma acadêmica com a publicação do artigo intitulado: Reformas curriculares e as contribuições antropológicas na formação de pedagogas no Brasil (2024). Assim como as professoras que assinam a organização da presente obra, me somo a luta por uma ampliação de espaço nos currículos de professores do Brasil, para disciplinas que tragam uma base importante de conhecimentos do campo antropológico. Sem a sensibilidade e o olhar interpretativo das diferenças culturais ofertados pela Antropologia, os licenciados do Brasil perdem conhecimentos fundamentais para sua humanização e alfabetização científica ampla.



Assim, posso me responsabilizar aqui em convidar os leitores a percorrer a “boniteza” dos capítulos, como bem definiu Paulo Freire, ao se deparar com a sabedoria popular e seu potencial humanizador. Os capítulos escritos por estudantes de graduação são um verdadeiro convite ao contato com a experiência etnográfica, vivendo seu primeiro desafio antropológico, descobrindo uma simples rampa de uma escola, as brincadeiras entre crianças, os movimentos dos corpos, as religiões, a música, um festival de Rock, uma ida ao supermercado, uma arte urbana, ou mesmo, o cotidiano das pessoas em situação de rua. Depois da leitura dos capítulos que compõem a obra, passamos a observar o cotidiano com outro olhar.

Essa riqueza de temas e espaços pesquisados nos convidam a sentir “na pele” dos pesquisadores, acompanhados por seus relatos. Somos convidados a viver a experiência de quem realizou a etnografia de forma plena. Lembro que desde o meu primeiro contato com a Antropologia, o que mais me encantou, foi a capacidade de imaginar com base nos detalhes do lugar pesquisado, as pessoas e suas condutas culturais, as percepções que os pesquisadores evocam, que ao longo dos textos, me fazia sentir como coadjuvante na experiência do pesquisador, estando junto com ele, quase como o filme curioso chamado Quero ser Jonh Malkovich (1999).

A leitura de uma pesquisa etnográfica é vivenciar sem estar, é pensar com a cabeça e com os olhos do pesquisador. Esse é o belíssimo convite da obra *A cultura ao redor de nós: ensaios etnográficos na formação de professores*. Desejo que ele seja lido e apreciado por todos aqueles que desejam um “mergulho” nesse conjunto de experiência e relatos etnográficos. Espero que a experiência de vocês seja como a minha, relatos antropológicos que se transformam em poesia para quem lê. Uma ótima leitura!

Ivan Penteado Dourado

Doutor e professor da FAED/UDESC



## REFERÊNCIAS

QUERO SER John Malkovich. Direção: Spike Jonze, Produção: Steve Golin. EUA. Universal Pictures Brasil, 1999, 1 DVD.

DOURADO, Ivan P. Reformas curriculares e as contribuições antropológicas na formação de pedagogas no Brasil *Pedagogía y Saberes* n.º 61 Universidad Pedagógica Nacional - Facultad de Educación. 2024. pp. 6–69



# Sumário



## PARTE I: ETNOGRAFIA NAS ESCOLAS

CAPÍTULO 1	
UMA ETNOGRAFIA PARA ALÉM DA ACESSIBILIDADE: A RAMPA COMO ESPAÇO CULTURAL	21
Robson Nunes de Souza	
CAPÍTULO 2	
O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	32
Rosemeri Pereira Wieczinski, Sílvia Reis	
CAPÍTULO 3	
UMA ETNOGRAFIA DOS CORPOS: AS CRIANÇAS E O ESPAÇO DA ESCOLA	41
William Rafael Barbosa Machado	
CAPÍTULO 4	
ESCOLAS CATÓLICAS E A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS: ENCONTRO DE ETNOGRAFIAS	50
Bianca de Andrade Silveira, Kamille Vitoria de Simas, Manuela Venerio Viero	

## PARTE II: EXERCITANDO A ETNOGRAFIA EM OUTROS SERVIÇOS

CAPÍTULO 5	
MONSTRAS DO ROCK: ANÁLISE ETNOGRÁFICA DAS MULHERES PARTICIPANTES DO MONSTERS OF ROCK	58
Liana Bohn	



CAPÍTULO 6	
EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS EM FLORIANÓPOLIS: SEGUNDA-FEIRA DA RESPOSTA COM BENÇÃO ESPECIAL PARA TODOS OS PROFISSIONAIS DO RAMO DA CONSTRUÇÃO CIVIL	73
Mauricio Pereira da Costa	
CAPÍTULO 7	
ENTRE PRATELEIRAS E O CLIENTE: UMA ETNOGRAFIA DO CONSUMO EM UM SUPERMERCADO	94
Ricardo da Conceição	
CAPÍTULO 8	
DESENHAR A CIDADE, HABITAR O ESPAÇO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O MOVIMENTO URBAN SKETCHERS EM RIO GRANDE (RS) E FLORIANÓPOLIS (SC)	104
Rubia Alves Ramos	
CAPÍTULO 9	
QUASE INVISÍVEIS	132
Valéria Mendes	
CAPÍTULO 10	
A MÚSICA EM RODA E O OLHAR COMPARTILHADO: ETNOGRAFIA DA CONEXÃO E DO “PERTENCIMENTO” COMO FUNDAMENTO DA ARTE MUSICAL	140
Beatriz Cesconetto Franchini, Letícia Bento Sezerino	
CAPÍTULO 11	
RITUAL E SINCRETISMO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO CENTRO ESPÍRITA PAI JOÃO	145
Hayyan Makin Macari	



### PARTE III - ENTREVISTAS

CAPÍTULO 12	151
ENTREVISTA COM AMURABI OLIVEIRA	
Ana Martina Baron Engeroff, Bruna dos Santos Bolda	
DOS AUTORES	166





**PARTE I: ETNOGRAFIA NAS ESCOLAS**



## **CAPÍTULO 1**

**UMA ETNOGRAFIA PARA ALÉM DA ACESSIBILIDADE: A  
RAMPA COMO ESPAÇO CULTURAL**

# UMA ETNOGRAFIA PARA ALÉM DA ACESSIBILIDADE: A RAMPA COMO ESPAÇO CULTURAL

Robson Nunes de Souza

## INTRODUÇÃO

Esta etnografia revisita o ambiente escolar, experimentando as suas contradições e as complexidades, a partir da perspectiva do pesquisador-observador. Estar na escola não como aluno ou futuro professor, mas como alguém que observa e escuta, com a oportunidade de vivenciar o espaço escolar com outro olhar. Nos termos de Oliveira (2024), entendo como um convite de “produzir etnografias não para estudar as escolas, mas nas escolas”. Desta forma, por meio da etnografia, é possível vivenciar o cotidiano escolar e aprender com ele, a partir das relações, dos afetos e dos gestos mais sutis que acontecem no dia a dia.

O planejamento e a escolha do campo de pesquisa não foram sem conflitos internos e de manejo das escolhas. Havia o medo de não ser aceito, de não “pertencer” ao espaço. A pesquisa me ofereceu um caminho para atravessar esse medo com curiosidade, escuta e respeito.

Entre organização de trabalho e cotidiano apertado do aluno-trabalhador, pude contornar os primeiros problemas de tempo da pesquisa. Por sorte, tenho o costume de caminhar para amenizar a ansiedade, tal qual um flâneur<sup>1</sup>. Assim, caminhando no meu trajeto habitual durante dois anos, encontrei diversos pontos de interesse, incluindo duas escolas muito próximas ao local em que trabalho. Uma escola de ensino fundamental e uma de ensino infantil, ambas instituições públicas. Julguei que a escola de ensino infantil seria mais difícil de conseguir autorização para fazer a pesquisa, portanto apostei na outra escola,

---

<sup>1</sup> termo de origem francesa que designa uma pessoa que caminha pela cidade de forma contemplativa, observadora e sem pressa, prestando atenção aos detalhes do cotidiano urbano.



situada em cidade da macrorregião. Pesquisei o nome da escola na internet, encontrei dados básicos para entrar em contato. Redigi e enviei um e-mail para a escola que foi respondido pela própria gestora. Ela não questionou muito e nem impôs dificuldades para meu acesso ao ambiente escolar, pois em sua mensagem havia dito que confiava bastante nos estudantes da UDESC. Nas trocas de e-mails combinamos um dia para fazer a primeira visita, que foi em 30 de abril.

Durante a busca por informações sobre a escola em que pretendia realizar minha pesquisa, acabei encontrando uma matéria publicada no site da prefeitura, com informações comemorativas da escola municipal. Achei interessante e fui lendo com calma — afinal, entender o espaço onde piso é também uma forma de o respeitar enquanto campo de pesquisa. Descobri, então, que a história daquela escola está profundamente ligada à educação especial, sendo criada a partir de um processo de reestruturação da fundação estadual para Educação Especial, justamente num período em que o debate sobre inclusão ganhava força no Brasil e no mundo. Assim, da desativação da antiga escola nasceu a nova, com recente implantação da gestão municipal e com foco no atendimento da Educação Infantil. Já o Ensino Fundamental passou para o Estado e funcionou por um tempo como anexo de outra escola, mas agora atuam em conjunto.

Faz poucos anos que a escola passou a ter sede própria. Desde então, funcionava como uma unidade que desde o nome carrega em si a proposta de diálogo, participação e construção coletiva da educação. Não possui, explicitamente, homenagem no título, coisa que é comum encontrar com homenagens a nomes importantes ou notórios para a sociedade brasileira. A escola é reconhecida na rede municipal pelo seu compromisso com a inclusão e com práticas pedagógicas que buscam respeitar as diferenças e valorizar a diversidade. A própria gestora, com quem troquei e-mails, demonstrou esse espírito acolhedor ao me autorizar a visita sem maiores obstáculos. Assim, a etnografia não foi realizada com um primeiro objetivo de observação direcionada, mas de descobrir os pontos de interesse.



## A PRIMEIRA VISITA E OS PRIMEIROS AFETOS

A primeira entrada na escola foi, ao mesmo tempo, objetiva e cheia de detalhes que me fizeram compreender um pouco mais do espaço que eu iria pesquisar. A fachada da escola é grande e comprida. O portão principal é feito de metal e fica sempre fechado eletronicamente, permitindo a entrada mediante liberação interna. Na frente dele, um aviso chamava a atenção: “Para segurança dos estudantes, o portão não será aberto nos horários dos recreios da escola”. Ao lado, havia um interfone simples, chamado de “campainha” e, perto dele, outra placa informativa dizia: “Aperte a campainha, após passar, bater o portão e verificar se travou”.

Toquei a campainha uma vez, depois outra. Em pouco tempo, alguém de dentro me avistou pelas grades e liberou a tranca do portão sem perguntar quem eu era. Ao passar, entrei em uma área coberta de espera, externa ao prédio em si, mas protegida do tempo. Ali havia alguns bancos fixos, simples, que parecem cumprir a função de acolher temporariamente quem espera por algum atendimento ou liberação. Logo à frente, a entrada principal do prédio escolar. Antes de chegar, mais uma grade de metal com fechadura eletrônica, repetindo o esquema do portão inicial. Apertei o botão e novamente a entrada foi liberada. Assim que ultrapassei essa segunda grade, cheguei à secretaria da escola. No pequeno balcão de atendimento, com uma abertura frontal, estavam a gestora/diretora da escola e uma funcionária da secretaria conversando. Me apresentei rapidamente, mas a gestora logo informou que estava envolvida na resolução de um problema grave, um roubo havia ocorrido na escola recentemente, e por isso não poderia conversar comigo naquele momento — mas antes de ir informou que é uma situação muito incomum, que não acontece com frequência. Mesmo assim, foi atenciosa e indicou que eu fosse atendido pela funcionária da secretaria.



Durante essa conversa inicial, colhi informações valiosas sobre a escola. Fui informado de que a instituição atende aproximadamente 600 estudantes atualmente, distribuídos em turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Praticamente todas as salas contam com pelo menos um estudante com algum tipo de deficiência, seja ela motora ou intelectual. A acessibilidade, no entanto, ainda enfrenta desafios, os banheiros são poucos adaptados e, embora o prédio tenha três andares além do térreo, não há elevador. Mas há rampas de acessibilidade o que torna as mesmas essenciais para a locomoção de muitas pessoas.

Depois desse breve acolhimento, uma das auxiliares de limpeza foi chamada para me acompanhar em um primeiro passeio pela escola. Foi esse contato com uma profissional que vive o cotidiano do espaço escolar todos os dias que guiou os rumos da minha pesquisa. Durante a caminhada, entre uma explicação e outra, ela comentou de forma casual, mas significativa, que todos na escola preferem utilizar a rampa de acessibilidade em vez da escada, mesmo que todos concordem que demora mais para subir pela rampa — um comportamento tão comum que nem causava mais estranhamento entre os funcionários e estudantes. Esse comentário, aparentemente solto, despertou em mim uma pergunta inquietante: por que estudantes e funcionários que não possuem deficiência optam pelas rampas em vez das escadas? Aqui se provou as palavras de Gilberto Velho (1981), que o pesquisador, seja antropólogo e ou etnógrafo, deve transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. A partir daí, o tema da minha etnografia ganhou corpo. Passei a observar, escutar, escrever e tentar entender o que estava por trás dessa escolha cotidiana (Roberto Oliveira, 1998). Pois até mesmo eu, durante as caminhadas pela escola, utilizei a rampa de acessibilidade ainda sem o intuito de pesquisar esse fenômeno.

No final da visita, após circular por alguns espaços da escola, consegui conversar com a diretora. Dessa vez com mais tempo, ela foi atenciosa e acolhedora, mas também firme em relação à importância de algumas normas internas. Solicitou que, em visitas futuras, eu



utilizasse um crachá de identificação, com nome, vínculo institucional e função clara naquele ambiente. Explicou que essa exigência, além de institucional, está diretamente relacionada à inclusão de estudantes com autismo que frequentam a escola. Segundo ela, o uso de crachá por todos os funcionários é uma medida adotada para facilitar a previsibilidade e gerar segurança emocional para esses estudantes, especialmente aqueles que apresentam maior sensibilidade a mudanças e a presenças desconhecidas.

Confesso que nunca havia pensado no crachá sob esse ponto de vista. Ele deixou de ser um simples objeto de controle ou formalidade e passou a ser um instrumento de cuidado e respeito à singularidade dos sujeitos que habitam aquele espaço, o que foi percebido durante a observação. Em determinado momento, um estudante que também usava crachá com os conhecidos símbolos de quebra-cabeça coloridos, geralmente associados ao espectro autista, se aproximou de mim. Ele olhou atentamente cada detalhe do meu crachá, sem dizer uma palavra. Ficou ali por alguns segundos, analisando. Depois, saiu calmamente. O gesto foi breve, mas significativo. De alguma forma, ele buscava compreender quem eu era naquele espaço. Talvez quisesse saber se eu era confiável. Ou simplesmente entender meu lugar ali, como todos os outros adultos identificados na escola. Essa interação, silenciosa mas cheia de significado, me ajudou a entender ainda mais o valor simbólico da identificação visual em uma escola que se propõe inclusiva. O crachá, mais do que um acessório, torna-se uma ponte de comunicação não verbal com estudantes que, muitas vezes, compreendem o mundo sob outra perspectiva. Em meio às observações sobre a rampa, essa cena ficou gravada como um lembrete, a inclusão se constrói nos detalhes, nos gestos, nas etiquetas, nas regras que parecem simples, mas fazem uma enorme diferença para quem vive o cotidiano escolar com outras formas de sentir e perceber o mundo.



## **EMERGÊNCIA DO TEMA: a rampa de acessibilidade**

Durante as visitas, foi possível perceber que a rampa de acessibilidade era amplamente utilizada por toda a comunidade escolar, mesmo quando havia a opção das escadas. O que poderia parecer um hábito corriqueiro ganhou relevância pela frequência com que ocorria e pela forma como estava integrado, de maneira quase automática, à rotina da escola.

A estrutura da escola se assemelha a um grande retângulo. No térreo, o refeitório ocupa a parte central, enquanto a escada está localizada em uma das extremidades (à esquerda) e a rampa na extremidade oposta (à direita). Essa disposição se repete nos andares superiores. A partir do refeitório, foi possível observar com clareza os dois acessos. Em dois momentos, subi aos andares superiores e percebi que alguns estudantes percorriam o corredor de ponta a ponta para utilizar a rampa, mesmo quando a escada estava mais próxima.

São muitas informações para absorver. Em determinados momentos, a quantidade de significados possíveis para o uso da rampa — e para tantos outros gestos cotidianos — me deixou com muitas interrogações. Por isso, encaro que esse tema não tem uma resposta absoluta ou apenas “um porquê”, sendo práticas sociais múltiplas. Quando o campo de pesquisa é a escola — um espaço atravessado por histórias, afetos, saberes e vivências — a expectativa de encontrar uma explicação definitiva logo se dissolve. É um pouco frustrante não chegar a uma resposta exata. Mas, ao mesmo tempo, é libertador entender que a dúvida faz parte do processo de conhecer. Essa frustração, por vezes, foi um lembrete de que pesquisar o ser humano não é uma tarefa simples. Como escreveu Roberto Oliveira (1998), “o trabalho do antropólogo está sempre sujeito à imprevisibilidade da experiência”. E a escola, com sua rotina aparentemente estável, revela-se um campo profundamente instável quando observado de perto. O tempo todo surgem novas nuances, contradições,



pequenas pistas que abrem novos caminhos de interpretação — assim como ocorreu no primeiro minuto na escola com a situação de roubo. É como se o tema da pesquisa não se encaixasse em uma única explicação, nos fazendo olhar com mais atenção, flexibilidade e, acima de tudo, humildade.

O que inicialmente parecia apenas uma curiosidade — o uso constante da rampa por todos os estudantes — revelou-se como uma prática carregada de sentidos diversos, que variam conforme o olhar, o corpo e a trajetória de quem a percorre. Como disse Roque Laraia (2001), a cultura age sobre nós de forma tão naturalizada que não percebemos que nossos comportamentos mais simples — como subir uma rampa — podem ser determinados por valores, hábitos e aprendizagens sociais.

Vale destacar que minhas observações ocorreram somente no horário de saída dos estudantes do turno matutino. Ainda assim, esse curto intervalo de tempo foi suficiente para revelar uma diversidade de usos da rampa que escapam da sua função original. A rampa não era apenas um meio de deslocamento, ela se transformava, a cada grupo, a cada descida, em espaço de socialização, de expressão, de invenção. O que vi ali foi menos uma circulação funcional e mais uma coreografia coletiva improvisada, com ritmos, dinâmicas e sentidos próprios.

Muitos estudantes pareciam preferir esse trajeto justamente porque ele possibilita proximidade física. A estrutura longa e contínua da rampa permite que se ande lado a lado, em sincronia, em parcerias, algo que a escada, com seus degraus e divisões, impede. Percebi nos estudantes mais novos, por exemplo, meninas que desciam com os braços dados, em passos quase coreografados, como se aquela rampa fosse passarela, palco ou pista de dança. Da mesma forma, grupos de meninos brincavam de “cacunda”, onde um carregava o outro nas costas, rindo, equilibrando-se e ajustando o passo para não cair. Esses gestos exigem espaço e continuidade — exatamente o que a rampa oferece em contraste com a rigidez da escada.



Também foi possível notar que muitos estudantes utilizavam a rampa como espaço de brincadeira e movimento, onde o deslocamento deixava de ser apenas uma ação funcional e se transformava em expressão criativa e sensorial. Alguns estudantes desciam em zigue-zague, outros tentavam escorregar com o corpo pelo corrimão para descer mais rápido. Alguns batiam no corrimão como se estivessem tocando um instrumento musical, ou simplesmente para fazer barulho. São gestos que, à primeira vista, podem parecer apenas traquinagens, mas que, sob a lente da etnografia, revelam formas de apropriação sensível e subjetiva do espaço escolar. Como diria Gilberto Velho (1981), esses comportamentos são expressões culturais do cotidiano, no qual o banal ganha sentidos profundos quando olhado com atenção.

Ao observar o uso da rampa, percebi que muitas crianças seguiam umas às outras de forma quase automática, olhando para o chão, em um comportamento que remete a práticas culturais incorporadas ao dia a dia escolar, como expressões de hábitos coletivos. Além disso, considerei que, especialmente para as turmas dos primeiros anos, cujas salas estão localizadas no último andar, o uso da rampa se apresenta como uma alternativa mais segura e favorável à autonomia das crianças no deslocamento pelo espaço da escola.

Em alguns momentos, observei também estudantes mais velhos usando o celular discretamente, ainda que o uso desses aparelhos fosse proibido na escola. A rampa, por sua estrutura mais contínua e pelo ritmo de caminhada mais lento, criava oportunidades para esse tipo de uso, a tela podia ser consultada rapidamente, as mensagens lidas entre um passo e outro, sem a mesma interrupção que os degraus da escada. Um gesto pequeno, mas repleto de sentido, que expressa como os estudantes negociam o espaço escolar a partir de seus próprios interesses.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas ações, ainda que sutis, ajudam a compreender que a rampa funciona não apenas como um recurso de acessibilidade, mas também como território de pequenas liberdades, um espaço onde os corpos escapam momentaneamente do controle disciplinar e se permitem experimentar — com o corpo, com o som, com o gesto —, assim construindo uma cultura escolar. Como nos lembra Laraia (2001), a cultura não é algo que está apenas nas grandes estruturas, mas se manifesta sobretudo nos comportamentos mais simples, muitas vezes invisíveis para quem apenas passa, mas reveladores para quem observa com atenção.

Nesse sentido, essa etnografia mobiliza um ciclo de observações e reconhece que muitas questões permanecem em aberto. A escolha de observar o uso da rampa de acessibilidade por estudantes (múltiplos, e não somente os que possuem deficiência visível) revelou uma multiplicidade de sentidos atribuídos a esse espaço. A rampa pode ser um caminho mais fácil, mais próximo dos amigos, um lugar para brincar ou até mesmo para desacelerar. O que parecia uma escolha insignificante — subir pela rampa e não pelas escadas — mostrou-se como um gesto carregado de significados, afetos e estratégias cotidianas. Nesse processo, aprendi que a escola é feita, também, por essas pequenas escolhas dos sujeitos que a habitam.

Além disso, pude experienciar pela primeira vez o lugar do pesquisador em uma escola. Senti medo, insegurança, ansiedade, entusiasmo e curiosidade. Tive a oportunidade de exercitar a escuta atenta, de observar o cotidiano sem pressa, e de perceber como o banal pode se transformar em objeto de investigação. A pesquisa me ensinou que não se trata de chegar a uma resposta final, mas de formular boas perguntas — e aprender a conviver com elas.

Por fim, compreendi que a rampa, muito mais que um elemento de acessibilidade,



se transforma, no cotidiano escolar, em território de circulação, de liberdade e de invenção. Isso me leva a pensar que, talvez, o maior aprendizado dessa experiência seja entender que a escola é viva, e que observar seus movimentos exige sensibilidade, escuta e disposição para o inesperado.

## REFERÊNCIAS

LARAIA, Roque. Cultura: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996.

OLIVEIRA, A. Entrada em campo, Etnografia e Educação: desafios éticos e metodológicos. Roteiro, [S. l.], v. 49, p. e34822, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/34822>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Ao trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; S Paulo: Ed. UNESP, 1998. pp. 17-35

VELHO, G. Observando o familiar. In: Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.





## CAPÍTULO 2

O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES A  
PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

# O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Rosemeri Pereira Wieczinski

Sílvia Reis

## INTRODUÇÃO

A etnografia, enquanto forma particular de produção do conhecimento a partir da Antropologia (Oliveira, 2023), oferece ao campo da educação uma possibilidade de compreender a escola como um espaço cultural marcado por símbolos, valores e práticas que expressam concepções de infância, aprendizagem, socialização, e outras tantas. Por meio da imersão no campo e da observação participante, não apenas se observa, mas se vivencia o campo a partir do qual e com o qual se pretende conhecer.

Esta etnografia apresenta o relato descritivo e a análise decorrente de uma experiência de observação sobre um determinado ambiente escolar, para um exercício na disciplina introdutória de Antropologia e Educação. A escola na qual realizamos o trabalho foi escolhida tanto por conveniência, por se localizar próximo de nossas residências, quanto por curiosidade, uma vez que utiliza uma abordagem pedagógica que não conhecíamos. Nosso objetivo, inicialmente, era o de conhecer o cotidiano e as rotinas da escola, mas, considerando os limites da própria atuação no campo, enfocamos o brincar livre no jardim.

Para viabilizar a observação, fizemos contato prévio com a escola e comparecemos nos dias e horários combinados (dois dias de uma semana, das 14h às 16h.), munidas de nossos cadernos de anotações. Essas anotações embasaram a escrita dos nossos diários de campo individuais e, posteriormente, a partir de um trabalho colaborativo, escrevemos a versão final da etnografia. Além da observação, as informações do Plano Político Pedagógico



e do Instagram da escola também serviram como materiais de subsídio. A escola é de Educação Infantil, atende crianças de 01 a 06 anos de idade, e pauta a sua pedagogia no desenvolvimento integral do ser humano.

A escrita aqui apresentada enfoca a observação de um desses dias, com o relato descritivo do que vivenciamos junto à escola, seguido da discussão, na qual buscamos destacar aspectos que mais nos chamaram a atenção e dialogar de alguma forma com os conceitos da Antropologia da Educação.

### **A OBSERVAÇÃO: quando o brincar ganha espaço**

Chegamos juntas no dia e no horário combinados. Na porta onde parecia ser a entrada, havia uma placa informando que a entrada principal era na rua de trás, no portão vermelho. Circundamos a escola, à procura do portão vermelho, enquanto escutávamos as crianças brincando do lado de dentro. A escola é rodeada por um muro com cerca viva, não sendo possível enxergar para o lado de dentro através dele. Ao encontrar, tocamos a campainha e o portão se abriu.

Quem nos recebeu foi uma pessoa que estava na secretaria da escola, em uma sala bem em frente ao portão. Ela nos informou que a professora com quem combinamos não havia chegado, devido a um imprevisto, e foi checar com outra professora se poderíamos entrar. Enquanto aguardávamos, observamos a estrutura da escola. É uma casa de alvenaria com as paredes pintadas de alaranjado e com alguns desenhos. As aberturas são azuis. Logo à direita da entrada havia um canteiro com um pé de cidreira, outros chás, temperos e um abacaxi (que nós não conhecíamos o pé).

Fomos autorizadas a entrar. Passamos, então, por um segundo portão, que dava para o jardim da escola. Nele, à esquerda, há uma casinha de madeira com panelas, colheres de pau e outros utensílios de cozinha “de verdade”. Ao lado da casinha, fica um deque de



madeira, balanço, escorregador, uma caixa de areia e uma casa na árvore. Mais à direita, voltando em direção à entrada, há horta, composteira, galinheiro, balanços, uma pirâmide de bambu, seguido de calçada com acesso à própria escola, por meio de uma varanda de madeira. Além de algumas pedras grandes e troncos de árvores espalhados pelo chão que são utilizados pelas crianças para brincar, o jardim conta também com várias árvores, como bananeiras e outras frutíferas.

Logo que atravessamos o segundo portão, uma professora nos recebeu, cumprimentou, e disse que poderíamos ficar à vontade, pois as crianças estavam no horário de brincar livre pelo jardim. Eram 12 crianças de 4 a 6 anos que permanecem na escola apenas durante o período da tarde. Sentamos em um banco de madeira sobre o deque e logo um dos meninos se aproxima e comenta: não sei quem vocês são. Outros se aproximaram e pareciam empolgados com a nossa presença e curiosos para saber nossos nomes e o que estávamos fazendo ali. Nós nos apresentamos informando que somos estudantes e que queríamos ser professoras no futuro, e que ficaríamos ali com elas por algum momento para aprender. Um deles explica que estavam brincando no “laboratório-árvore, que antes era apenas uma aroeira, onde fazemos muitos experimentos”.

No brincar livre, observamos a formação de pequenos grupos, nos interesses comuns. Em um desses grupos havia cinco crianças brincando na caixa de areia. Uma delas estava com uma enxada nas mãos, brincando de fazer massa, como se a areia fosse o cimento. As demais também desejavam pegar a enxada, mas o menino a segurava querendo exclusividade. Embora a situação nos parecesse estranha, passou-nos a impressão de estarem familiarizadas com o objeto. Percebemos que neste momento não havia a observação de alguma monitora ou professora no jardim. Uma galinha desfilava tranquilamente entre as crianças, demonstrando estar acostumada com aquele ambiente. Um dos meninos nos relata que já tem 6 anos, faz gestos com os braços querendo demonstrar seus músculos e nos diz cheio de energia que treinava bastante, que era o mais velho dos



meninos (depois descobrimos que não era) e o mais rápido de todos.

De repente começou a chover e todos foram rapidamente para a varanda. As crianças calçaram suas galochas e capas de chuva, a maioria sozinhas, e retornaram ao jardim, dando continuidade às suas brincadeiras, independentemente da chuva. Permaneceram uns 15 minutos ainda na chuva, embora a temperatura houvesse baixado. Algumas crianças brincaram de enterrar os pés na areia molhada, outras ajudaram a professora a remanejar a galinha e seus pintinhos para o galinheiro, e um dos meninos pegou um galão vazio de 20 litros de água mineral e colocou-o para encher com água da chuva.

A varanda é aberta nas laterais, com paredes de aproximadamente meio metro de altura. Em um de seus lados há um toldo de plástico, que funciona como uma cortina. O restante permanece aberto. Essa varanda serve como refeitório e sala de atividades, pois conta com mesa e cadeiras de madeira em tamanho adequado às crianças, além de ser a passagem/ acesso para o interior da escola. Ali permanecemos, junto com as crianças que não quiseram ir para o jardim. Estas ficaram desenhando na mesinha da varanda. Para isso, usavam folhas de papel brancas e giz de cera retangular que ficavam armazenados em uma cestinha de palha.

As mochilas das crianças ficam penduradas na parede à esquerda da entrada da varanda. No entanto, devido à chuva, foi necessário tirá-las rapidamente para evitar que molhassem. Penduradas nesse ambiente também havia uma mandala, uma casa de passarinhos cor de rosa com telhadinho branco e um cacho de bananas. Sentíamos frio e, naquele momento, não estava sendo muito agradável, para nós, permanecer ali. As professoras e as crianças pareciam estar bem e não se importar com o frio.

Não fomos convidadas a entrar na escola para além da varanda, mas dela conseguimos observar que a sala principal e cozinha eram conjugadas, e que por ali também era possível acessar a sala do berçário, o banheiro e a secretaria. Nesta sala há armários e prateleiras de madeira, brinquedos de materiais naturais, como bonecas de pano, além



de almofadas, pedaços de tecidos, cestos de palha, blocos e pedaços de madeira e uma gangorra. Esta sala nos pareceu pequena para acolher todas as crianças juntas.

A professora com quem havíamos combinado a nossa ida até a escola enfim chegou. Nós estávamos sentadas até poucos momentos antes, mas quando ela chegou nos levantamos para dar espaço para ela e para algumas crianças que voltavam do jardim. Ela rapidamente pediu que a gente se sentasse, que seria melhor para as crianças que não ficássemos “apenas em pé anotando”. Ela chegou trazendo uma bacia com batata doce roxa amassada, que usariam para fazer pão de queijo para o lanche da tarde e explicou-nos então que ofertam dois lanches, um às 14h no qual servem frutas, e outro às 16h no qual servem algo salgado. A professora colocou a bacia na mesa em que as crianças desenhavam na varanda e foi para dentro da escola, retornando em seguida trazendo formas, copo medidor, polvilho, sal e azeite e vestindo um avental por cima da roupa. E iniciou uma cantiga com a letra: “Eu sou um bom ajudante.... Eu gosto de ajudar...” A canção rapidamente fez com que as crianças prestassem atenção nela, sendo que algumas já começaram a se dirigir ao banheiro para lavar as mãos, preparando-se para a atividade de culinária ao redor da mesa. A professora dizia que todas teriam tarefas e ia gerenciando uma tarefa para cada criança (no preparo da massa) e, depois de misturada, todas puderam fazer bolinhas de pão de beijo. Uma das crianças quis lambe um pouco de sal – o que remeteu à memória afetiva da pesquisadora, cujo filho também adorava fazer isso.

Algumas crianças informaram à professora que não gostariam de participar da atividade de culinária e preferiram brincar na sala de atividades, e ela concordou tranquilamente. As crianças parecem gostar da escola e se sentir muito à vontade, podendo optar pela atividade que mais lhe agrada no momento, sendo respeitado, dessa forma, a sua individualidade e o seu desejo. Paralelo a essa atividade, as crianças que estavam no jardim começam a retornar. Com autonomia, tiraram galochas e capas de chuva e pegaram suas mochilas para realizar a troca de roupa. No entanto, a pouca idade as tornava um



pouco desajeitadas. Algumas pediam auxílio simultaneamente e reclamavam do frio por estarem molhadas. Outras já trocadas permaneciam descalças. Somente uma professora auxiliar interagiu com as crianças nesse momento e por alguns minutos a situação parecia descontrolada, com algumas crianças choramingando e caminhando sobre as galochas espalhadas pelo chão. Um dos meninos reclamando bastante por estar molhado e com frio aproximou-se de uma de nós, pediu auxílio e assim o fizemos – depois de pedir autorização para a professora. A professora auxiliar retornou ao jardim para buscar duas crianças que ainda estavam por lá. A chuva agora já estava bastante forte.

A atividade de culinária é concluída com a participação do grupo que ali estava, então a professora pediu ajuda para que uma das crianças levasse um pote de vidro para a cozinha e isso nos deixou um pouco apreensivas. Outras levaram as formas com os pãezinhos para que a responsável pela cozinha colocasse no forno.

A professora iniciou a limpeza da mesa e as crianças permanecem interagindo com ela e entre si. Percebemos que uma menina parecia não conseguir se integrar. Ela ficou mais afastada, quietinha, observando os outros em pé e com uma mãozinha entre os cabelos. Pareceu interessada na atividade, mas por algum motivo não participava. A professora ofereceu um pedaço de queijo às crianças e todas aceitaram, exceto ela. Tentamos conversar com ela, elogiando a sua jaqueta, mas a menina se afastou rapidamente, não querendo manter interação. A professora então pediu para a auxiliar chamar a menina para que a ajudasse no que ela estava fazendo lá dentro, e ela foi.

Não havia mais nenhuma criança no jardim. Algumas continuaram pintando e desenhando ao redor da mesa, enquanto outras faziam aviãozinho de papel e os jogavam pela varanda. Na sala, outras crianças brincavam enquanto a professora pendurava um voil verde com o intuito de montar uma cabana. As crianças se divertiam e conversavam bastante. Os calçados ainda permaneciam espalhados pelo chão e algumas crianças tropeçavam neles. A professora se sentou no meio da varanda e iniciou uma cantiga enquanto servia



água para as crianças em copos de alumínio.

A escola tem um ambiente familiar e caseiro. Não há salas de aula e nem carteiras. As crianças possuem grande autonomia para realizar as atividades, havendo pouca intervenção dos adultos durante elas. Observamos, por exemplo, um menino que solicitou ajuda para amarrar o tênis. A professora o incentivou a fazer sozinho, mas uma coleguinha que observava a cena se ofereceu para auxiliá-lo e a professora permitiu.

Após algum tempo o ambiente começou a parecer agitado demais. Uma das professoras pedia que gritassem menos porque os bebês estavam dormindo, ao passo que outra passava um café e começava a organizar o lanche. Já estava próximo das 16h e sinalizamos que iríamos embora. Nos despedimos das professoras e das crianças e saímos.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: os limites do pesquisador.**

O texto de Oliveira (2023) destaca aspectos importantes acerca da postura do pesquisador no campo, especialmente no que se refere ao contato prolongado com o outro, à não-neutralidade e à ética. Na experiência que aqui relatamos, contudo, não foi possível esse contato prolongado, o que não permitiu uma aproximação maior entre nós, professoras e crianças, tampouco o desenvolvimento de um sentimento de “estar à vontade” no campo. Sentimo-nos sempre um tanto estrangeiras, presenças incômodas e desconfortáveis. O desenrolar da observação parecia indicar uma demarcação de distância, talvez pelo curto período que ficamos juntos.

Ficamos atentas à questão ética, com especial atenção para o não julgamento, embora tenhamos as nossas concepções (pessoais ou profissionais) com relação ao que cabe ou não a uma criança fazer. Esse aspecto se refere, mais especificamente, aos momentos em que havia um limiar entre a nossa apreensão e as atividades do brincar livre, seja no manuseio da enxada pela criança, a não supervisão aparente, o subir na árvore



alta, a manipulação de utensílios de vidro. Entendemos que a questão da autonomia e do aprender-fazendo é algo premente na cultura da escola, fazendo com que questionássemos os limites entre o exercício da autonomia e a segurança de cada criança, mexendo com as nossas próprias vivências.

Ainda com relação à cultura, foi interessante perceber que o brincar livre no jardim, na natureza, inclusive na chuva, é algo que faz parte do cotidiano. Parecia que, para a nós, a chuva e o frio eram situações das quais deveríamos nos proteger; para as crianças e professoras, era a algo a experimentar, a viver. O ambiente externo era de fato agradável e convidativo, se diferenciando em muito das escolas cujo pátio é completamente concretado, o que parece dizer da diferença entre a cultura de cada uma delas. Outro aspecto interessante diz respeito aos brinquedos, que são essencialmente não estruturados e de materiais naturais, como pano ou madeira. Não havia nenhum brinquedo de plástico, assim como também não é permitido que as roupas ou mochilas sejam estampadas com personagens.

Houve, também a questão das nossas diferenças individuais enquanto pesquisadoras: uma que preferia anotar, outra não; uma que preferia interagir mais, outra não. Sabemos que quanto a isso não há certo e errado, mas se a nossa presença no campo o afeta, também a nossa forma de estar nele é provável que o afete, também.

## **REFERÊNCIA**

OLIVEIRA, Amurabi. *Etnografia para educadores*. São Paulo: UNESP, 2023.





## **CAPÍTULO 3**

**UMA ETNOGRAFIA DOS CORPOS: AS CRIANÇAS E O ESPAÇO DA ESCOLA**

# UMA ETNOGRAFIA DOS CORPOS: AS CRIANÇAS E O ESPAÇO DA ESCOLA

William Rafael Barbosa Machado

## INTRODUÇÃO

No campo educacional, há diversas discussões sobre a transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, buscando encontrar maneiras dessa adaptação ocorrer da melhor forma para esses sujeitos escolares. Apesar do esforço, a prática na estrutura desigual da educação brasileira dificulta o respeito à autonomia desses sujeitos. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo, a partir de uma observação e descrição etnográfica, entender como as crianças utilizam os espaços da sala de aula e o que é esperado delas, pelas orientações dos professores. Espera-se, com isso, refletir como há uma lógica incentivada de domínio sobre os corpos e que interfere na aprendizagem de crianças do Ensino Fundamental.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual, contando com um público diverso, entre eles, estudantes indígenas e oriundos da comunidade periférica dos bairros ao seu redor. A observação foi realizada durante três dias consecutivos, no período vespertino, em uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental. As observações não se restringiram apenas ao enfoque do trabalho, mas o objeto foi construído ao longo desses dias, como a seguir descrevo.

## O COTIDIANO DA TURMA DO SEGUNDO ANO

No primeiro dia ao chegar à escola, entrei na turma do segundo ano e conheci a professora regente e a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE),



docentes de uma sala com 29 crianças matriculadas. A sala é organizada no método tradicional, ou seja, carteiras das crianças enfileiradas e direcionadas ao quadro/lousa, uma mesa maior para o professor direcionada para as crianças, ao fundo da sala a professora improvisou um canto da leitura, um espaço chamado “mini-mercado” e um canto contendo um grande armário para guardar itens de uso e itens usados. Nessa turma cada fila de carteira possuía exatamente 5 cadeiras com 5 fileiras, totalizando 30 carteiras dentro da sala de aula.

A professora regente explicou para a turma que estou estudando para ser professor e estava ali para aprender com a turma e que passaria três dias assistindo aula com eles. Fiz uma breve apresentação de minha pessoa para a turma, e depois sentei-me em uma cadeira vaga ao fundo da sala. A professora fez a chamada, e assim foi possível ouvir o nome de cada criança presente.

Após o momento da chamada, a professora regente conversou com a turma sobre a Festa da Família, perguntou do que haviam gostado (da festa e de se apresentar), o que foi confirmado por algumas crianças. Perguntei a um menino qual tinha sido a apresentação, me dizendo que a turma cantou uma música em libras.

Na sequência, a professora retomou o assunto/conteúdo da semana passada, sobre o folclore brasileiro, e perguntou à turma quais os personagens do folclore se lembram, e responderam: “Saci-Pererê, Mula-sem-cabeça, Curupira, Iara, Boto-cor-de-rosa, Lobo mal, Cuca e Boitatá”. A professora perguntou para a turma qual o personagem folclórico da nossa região, e uma criança respondeu “Boi-de-mamão”. Em seguida, a Sandra escreveu no quadro a cidade, a data e uma atividade de alfabetização relacionada ao folclore. Enquanto escrevia no quadro as crianças copiavam no caderno. Quando a professora terminou a escrita, pediu para que algumas crianças lessem em voz alta as palavras escritas dentro do quadro, individualmente. Poucas demonstraram facilidade na leitura, outras fizeram leituras pausadas e levaram um tempo para decodificar as sílabas, contando com a ajuda



da professora.

Após esse momento, a professora regente me convidou para conversar com ela (enquanto isso as crianças ficaram com a outra professora). Disse que a maioria já estava alfabetizada, que havia um aluno com autismo, acompanhado pela professora do AEE. Me mostrou seu caderno, com todas as atividades passadas para a turma ao longo do ano, e com algumas que ela pretendia passar nos próximos dias. Informou que tem o hábito de olhar os cadernos a cada três dias e observou que algumas crianças não copiavam. Também disse que só passava dever de casa aos finais de semana, porque as crianças passavam o contraturno escolar envolvidas em projetos e não tinham muito tempo durante a semana, mas que mesmo assim a maioria não fazia deveres e os pais também não cobravam que fosse feito. Além disso, algumas crianças apresentam dificuldade na aprendizagem da escrita e, nesse caso, chama os pais para uma conversa na escola, mas que muitos não comparecem. Sobre a avaliação, explicou que é feita individualmente e de acordo com a necessidade. Contou que no intervalo todos os anos iniciais da escola costumam ir ao parque, ficando cerca de 20-30 minutos.

Depois da conversa, as crianças foram para o intervalo para lanche, algumas traziam um lanche de casa, e outras tinham um cartão para retirar a merenda no refeitório. Depois do lanche, em vez de ir ao parque como de costume, voltaram para a sala para concluir a atividade, pois as duas últimas aulas seriam de educação física. Na educação Física as crianças foram ao parque e depois foram até a quadra. Brinquei com elas de pular corda, de futebol, vôlei, basquete, bambolê e tênis. Por fim, retornamos à sala onde as crianças brincaram de “morto-vivo” e, nessa hora, alguns pais foram chegando para buscar.

Já na segunda visita, chegando à escola, entrei na sala da turma e as crianças logo se empolgaram apontando meu lugar para se sentar. Depois de todos sentados a professora fez a chamada e pediu a atenção da turma para explicar a atividade do dia. A escola desenvolveu uma atividade a partir de um projeto do coordenador da escola, que é



indígena, que tinha o propósito de expor e contar um pouco sobre os brinquedos indígenas. Depois de dizer à turma que iríamos para um espaço externo da escola, a professora relembrou dos combinados referentes ao comportamento.

O lugar escolhido foi a área em torno da figueira, uma árvore que se encontra na frente da escola e grande parte das crianças, adolescentes e jovens frequentam aquele espaço nos intervalos e momentos livres. A primeira ação das crianças a chegar foi querer subir nas árvores e subir nos brinquedos que tinham, porém, cada professora começou a chamar os alunos para sentar-se, até que em dado momento todos se acomodaram. Depois das apresentações o educador indígena contou o porquê de estarmos ali naquele espaço, e o motivo era que a natureza é a maior conexão que podemos ter um com os outros, como também é um dos maiores nortes da cultura indígena e do ser humano. Mostrou os brinquedos um por um e explicou a origem deles (de acordo com a cultura Kaingang, tendo em vista que as nomenclaturas variam de etnias e povos): o estifarol, a peteca, o arco e flecha, o bute, a boxa, milho (parecido com o jogo as 5 Marias) e o carrinho. Cada um construído a partir dos elementos da natureza, como por exemplo o milho, o bambu, a palha, taquara, a madeira. Após a exposição e contextualização de cada brinquedo, as crianças puderam brincar, promovendo uma interação entre as culturas, entre adultos e crianças, além de muitos professores terem relembrado o passado, revelando a força e ancestralidade da cultura indígena. Em determinado momento as professoras começaram a organizar a volta para a sala e chamavam as crianças falando e/ou gritando (pois muitos não ouviam) o número da turma.

Ao chegar na sala, a professora regente relembrou o nome de cada brinquedo, bem como ele era fisicamente e propôs que as crianças desenhassem aqueles que mais gostaram e depois escrevessem o nome. A professora do AEE desenhoun todos os brinquedos no quadro e escreveu o nome de cada um para que as crianças visualizassem, facilitando a identificação no processo de alfabetização. A atividade foi proposta próximo ao intervalo e



não foi possível de ser concluída nesse período.

No intervalo, foi realizado o mesmo esquema do dia anterior, com a distribuição dos tíquetes de alimentação para as crianças, que por sua vez formam uma fila de frente à porta. No intervalo, a professora regente acompanha as crianças que se alimentam com a merenda escolar e a professora do AEE fica com quem traz o lanche. Depois do lanche todos os professores dos anos iniciais da instituição direcionaram as crianças para o parque da escola, onde os deixam brincando em um “momento livre”. Ao final do momento os professores passam no parque e chamam suas turmas para a sala.

Quando entramos na sala, a Prof. pediu para irem se acalmando e terminarem a atividade anterior dos brinquedos, contudo, muitos começaram a pedir para ir ao banheiro, então de fileira em fileira foram sendo liberados para o banheiro e tomar água. Conforme iam chegando terminavam o desenho da parte anterior, enquanto a professora chamava alguns alunos para olhar seus cadernos. Passado um tempo, foram repassadas orientações para terminar no outro dia para que a professora passasse exercícios de matemática, soma e subtração, indo da letra “a” à letra “o”. Em cada proposta a professora resolvia uma questão junto à turma para relembrar as técnicas que podem ser usadas para somar e subtrair. Alguns resolveram fazer contas em sala, porém nenhuma criança fez a atividade completa. Enquanto copiavam o ambiente exigia uma certa postura, seus corpos se mostravam inquietos: enquanto um copiava de pé, outro copiava um pouco e andava pela sala, outros conversavam entre si, faziam avião de papel que às vezes perambulava pela sala. De repente, os pais foram chegando e a aula foi finalizada.

Na última ida ao campo de observação, depois de um período sem ver a turma, encontrei um novo ambiente: estavam calmos e atentos, as crianças haviam trocado de lugares, pois a docente já havia dito que é uma forma que ela encontrou de “estabilizar” a turma, devido às conversas paralelas e falta de atenção. O tema proposto nesse dia, foi “Sentidos do Corpo Humano”. Foi pedido para copiarem e completarem as palavras que



se adequam, depois foram distribuídas as cópias do exercício para primeiramente colorir de forma que não ultrapassasse os limites das figuras. A ideia era trabalhar a coordenação motora fina que muitos não desenvolveram tão bem e depois fizessem a ligação entre imagem e escrita. Por meio da observação, pude compreender que muitos não conseguiam fazer a conexão da palavra com a vida cotidiana e acabavam ligando as figuras de modo mecânico, vendo e assimilando uma imagem a outra, sem se atentarem às letras. O outro envolvia recortar e colar as partes do corpo da personagem “Mônica” em seus respectivos lugares, porém, como a maioria não possuía tesoura, a atividade foi destinada para casa. Enquanto a professora explicava como deveria ser feita a tarefa, algumas crianças não prestavam atenção. A professora pediu para a turma colar a atividade dos sentidos no caderno, explicando detalhadamente e mesmo com o comando muitas crianças pareciam não estar entendendo o que era para ser feito.

Após a professora perceber que as crianças pararam de fazer as atividades, foi proposto dois jogos com o intuito de acalmar e concentrar a turma que estava agitada, demonstrando ainda a preocupação que as crianças ficassem mais “paradas” ou mantendo a atenção em atividades de letramento. No jogo da estátua o que me chamou atenção foi a criatividade das crianças para construção de cenas paradas - na hora de montar a estátua representavam interações, como dar um “oi”, fazer careta um para o outro, imitar um jogo de vôlei. Logo depois a professora chamou um por vez para pegarem suas identificações para o lanche e quem havia trazido o lanche de casa poderia sair e sentar na mesa do refeitório externo da escola, enquanto quem comia o lanche da escola sentava do lado interno do refeitório. Após o intervalo a turma teve aula de Educação Física, quando me despedi da turma, recebendo desenhos e carinhos de muitas crianças.



## **TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS: a relação entre as carteiras com a organização escolar**

Por meio dessa observação procurei compreender de que forma esse meio encontrado de organizar o espaço escolar se estabeleceu. Foi possível ao longo do processo, observar que um dos maiores desafios encontrados foi a quantidade de crianças presentes na sala. Em uma turma ativa, em que cada criança está em uma etapa de alfabetização, nos defrontamos com o desafio de atender a demanda de cada criança em uma turma em que cada um possui suas especificidades. Em alguns momentos, muitas das crianças pediram auxílio dos professores ao mesmo tempo e nos víamos sem tempo suficiente para auxiliar todas elas. Ao mesmo tempo, elas parecem ocupar os espaços com liberdade, ou ao menos desejar, enquanto os adultos mantêm-se vigilantes no controle dos seus corpos para possibilitar o “bom” andamento do planejamento da aula. Há, também, tentativas de recuperar uma ordem, um controle sobre a aula, propondo novas atividades que visam acalmar e, talvez, docilizar esses sujeitos escolares, para a adequação ao tempo e espaço disponível no momento.

Parece que essas problemáticas permeiam a educação brasileira há muito tempo e ainda reproduzem o modelo de educação em massa. O objetivo final acaba não sendo apenas a aquisição de saberes construídos pela humanidade, mas sim de forma simbólica, inculcar saberes hegemônicos, ainda que haja possibilidades de entrada de outros saberes – como foi o caso da atividade com as brincadeiras orientadas pelo educador indígena. Ali foi composto um espaço diferente e de liberdade, que pareceu contagiar as crianças e os adultos. Por outro lado, as carteiras participaram ativamente na contribuição de uma estrutura escolar: facilitam um ambiente de controle e vigilância, faz com que uma sala comporte uma grande quantidade de estudantes, estabelecem um ensino bancário devido a posição e organização da sala, favorecem aulas expositivas; impossibilitam a locomoção,



movimento e outras formas de reorganizar a sala, enfraquecem professores, tendo em vista a carga recebida para ensinar tantos numa mesma sala. A observação realizada dá conta de identificar essa disposição e do desejo visto nos corpos das crianças de ocuparem outros espaços.





## **CAPÍTULO 4**

**ESCOLAS CATÓLICAS E A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS: ENCONTRO  
DE ETNOGRAFIAS**

# ESCOLAS CATÓLICAS E A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS: ENCONTRO DE ETNOGRAFIAS

Bianca de Andrade Silveira

Kamille Vitoria de Simas

Manuela Venerio Viero

## INTRODUÇÃO

A educação, enquanto espaço de construção de saberes, valores e identidades, é constantemente atravessada por diferentes influências culturais, sociais e religiosas. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira o ensino religioso católico influencia na educação e na formação das crianças. A escolha desse tema surgiu a partir das nossas próprias vivências e atuação como estagiárias em instituições de ensino confessionais. Nossa curiosidade antropológica busca compreender como, mesmo na ausência de aulas formais de ensino religioso na Educação Infantil, os valores, símbolos e práticas ligados ao catolicismo estão presentes nas rotinas pedagógicas dessas crianças.

As observações etnográficas foram realizadas em três instituições de ensino, sendo possível identificar diferentes formas pelas quais o ensino religioso católico se faz presente no cotidiano escolar, desde elementos visuais, como a arquitetura, quadros, estátuas e os símbolos religiosos, até as práticas diárias como as orações, as músicas, as aulas de pastoral e a maneira como as datas comemorativas são trabalhadas nas escolas. Essas datas, por sua vez, revelaram um forte viés religioso, reforçando valores e rituais do catolicismo, compondo o imaginário e concretude da vivência da religião católica aos estudantes.

Para este trabalho, foi proposta uma descrição conjunta dos ambientes etnografados, a fim de demonstrar os pontos em comum observados. As instituições pesquisadas



compartilham, além do referencial cristão, a inserção em bairros de classe média alta, com perfis socioeconômicos semelhantes e que conferem confiabilidade, na perspectiva familiar, da estrutura e ideias oferecidas por essas escolas, como espaço físico, atividades extracurriculares, ambiente que transmite segurança e acolhimento para as crianças durante o período em que permanecem na escola. São colégios de grande porte, com espaços bem planejados para atender diferentes faixas etárias, com áreas verdes, bibliotecas, quadras esportivas e, nesse caso, com espaços específicos dedicados à prática religiosa, como as capelas. Nesse sentido, este trabalho organiza-se de modo a contemplar as observações realizadas e articular com os estudos antropológicos.

## **ENTRADA EM CAMPO E A CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES OBSERVADAS**

Ao ingressar no campo de pesquisa, um dos primeiros aspectos que chamou a atenção foi a arquitetura e a organização do espaço dessas instituições. Elas possuem estruturas físicas com elementos que remetem ao catolicismo, como vitrais coloridos com passagens bíblicas, quadros com imagens de santos, crucifixos e outros itens espalhados pelas paredes e capelas. Em vários momentos de observação, percebemos que os alunos circulam com muita naturalidade por esses espaços, mostrando que essas imagens já fazem parte do cotidiano escolar e estão quase que totalmente familiarizadas entre as crianças. Alunos cujas famílias não seguem a mesma religião da escola reconhecem alguns desses elementos, demonstrando saber o nome de alguns santos, os significados de algumas imagens e, em certos momentos, reproduzem gestos típicos da fé católica.

Outro aspecto relevante é a maneira como as crianças se apropriam desses espaços religiosos. Em vários momentos, elas passavam pelas capelas e paravam para observar, apontavam para as imagens comentando com colegas ou faziam perguntas para as professoras sobre o significado de determinados símbolos. Essas interações demonstram



que, mesmo sem um ensino religioso formal na Educação Infantil, o contato diário com a arquitetura e com os símbolos presentes na escola provocam um processo de construção de sentido em relação à religião.

Durante o período de observação, percebeu-se a maneira como as práticas pedagógicas são organizadas através do viés religioso. Não havia atividades obrigatórias com conteúdo religioso como parte do currículo formal da Educação Infantil, ou seja, as crianças não tinham aulas específicas para fazer atividades de caráter religioso, e tampouco eram obrigadas quando existia alguma proposta com esse viés. As propostas que envolviam temas religiosos apareciam apenas de maneira pontual e, quase sempre, com um caráter lúdico e artístico, saindo da rotina de estudos e enfocando a criatividade. As professoras propunham essas atividades com uma abordagem leve, como se fosse certo “descanso” das atividades consideradas “comuns”. Eram então predominantemente artísticas e não faziam parte de um conteúdo fixo, repassando uma noção de naturalidade.

Ao observar essas movimentações, percebemos que era uma forma de relacionar, então, a religião com essa ideia de “coisa boa”. A escola, assim, insere aos poucos referências religiosas nas atividades de lazer e expressão artística, associando os momentos de diversão e felicidade com os símbolos e valores ligados ao catolicismo. Essa estratégia, aparentemente, mostra-se eficiente para despertar nas crianças uma curiosidade natural em relação à religião. Era como se, aos poucos, a escola criasse um ambiente favorável para que as crianças gostassem de participar dessas ações e, conseqüentemente, vissem a religião como algo bom, bonito e divertido. De modo geral, a presença do ensino religioso nas atividades de sala de aula foi sutil e indireta, sempre com um cuidado visível para não gerar conflitos entre os alunos e para não constranger as crianças cujas famílias não seguiam a fé católica. As professoras buscavam criar propostas que despertassem a vontade de participação, evitando que as atividades ganhassem um caráter de obrigação ou de imposição religiosa.



Se durante as atividades diárias o viés religioso era tratado com sutileza, nas datas comemorativas a situação muda significativamente. Durante eventos como a Páscoa, a Festa Junina e o Corpus Christi, as práticas religiosas deixaram de ser opcionais e passaram a fazer parte do calendário e das atividades escolares. As crianças eram envolvidas em produções de lembrancinhas com símbolos católicos, participavam de encenações bíblicas e eram orientadas a seguir rituais tradicionais, como representação da Santa Ceia e a confecção dos tapetes de Corpus Christi.

Um exemplo foi a produção dos tapetes de Corpus Christi, onde as turmas, incluindo as crianças da Educação Infantil, participaram ativamente da criação de desenhos e símbolos religiosos que depois seriam expostos. Da mesma forma, durante a Semana Santa, as crianças participaram de atividades que representavam momentos importantes da história de Jesus, como a Santa Ceia, encenando com pão e suco para representar o “corpo e sangue de Cristo” e posando para a foto reunidas em volta da mesa, remetendo à obra de Leonardo da Vinci. Compreendemos, nessas atividades, que todas as crianças estavam integradas, não sendo observadas alternativas para as crianças de outras religiões ou para aquelas cujos responsáveis não compartilham da fé católica – ou que isso tenha chegado também como demanda para a escola, talvez pela ausência de comunicação prévia ou contrato tácito entre o público atendido. Muitas dessas atividades tinham como destino final os próprios familiares. As produções realizadas em sala de aula eram entregues como lembrancinhas em datas especiais, o que reforça a ideia de que há uma aceitação e espera da participação de todos.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a forma como alguns profissionais da escola entendiam a religião no cotidiano escolar. Durante uma conversa com a bibliotecária de uma das instituições, a profissional relatou que, segundo ela, “a religião molda o comportamento das crianças”, principalmente no que diz respeito a valores como solidariedade, respeito e empatia. A bibliotecária destacou que muitas atitudes observadas no dia a dia, como



o fato de as crianças se ajudarem, demonstrarem cuidado com os colegas e até à forma como interagem com os professores, seriam reflexo da formação religiosa oferecida pela escola ao longo dos anos. Porém, nas observações também se tornaram visíveis situações contrárias a essa expectativa, com episódios de estudantes “desrespeitando” professores e xingamentos entre as crianças.

Essas situações nos levaram a refletir sobre quais são, de fato, os limites da influência religiosa na formação do comportamento das crianças, enquanto inculcação. A simples presença de símbolos, discursos e práticas religiosas não garante que os valores desejados pela escola sejam realmente reproduzidos pelos alunos, em linha reta. No entanto, reforça-se que há o reforço do papel da escola como um espaço de formação de valores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa foi construída tendo noção que as etnografias não são espaços de neutralidade. Seguindo o que propõe Malinowski (1977), não nos limitamos a uma observação distante ou neutra, mas nos colocamos como participantes do contexto escolar, o que nos trouxe percepções mais profundas e complexas sobre o ambiente estudado. A etnografia permitiu que nós pudéssemos nos aproximar-nos da realidade das crianças e dos profissionais das escolas, utilizando como principal ferramenta de coleta de dados a observação participante.

Percebemos, sobretudo, que, assim como qualquer outro espaço social, a escola é também um espaço cultural, onde se constrói, se reforça e se transmite um conjunto de valores, símbolos e práticas. Nesse sentido, DaMatta (1981) ajuda a compreender a cultura de maneira além de perspectivas restritivas e a perceber que a escola não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também um local de produção de sentidos culturais, onde crianças constroem suas visões de mundo a partir das experiências



que vivem no cotidiano escolar. O uso dos diários de campo, também foi uma ferramenta essencial para registrar impressões, sentimentos, situações e reflexões durante todas as etapas da pesquisa. Esses registros foram fundamentais para a construção da análise que apresentamos ao longo deste trabalho. No caso desta etnografia, é necessário refletir sobre como essas marcas culturais da religiosidade impactam a formação das crianças e como é possível garantir o direito à diversidade, à escolha e ao respeito à pluralidade religiosa e cultural.

Por fim, além de todo o aprendizado teórico e metodológico que esta pesquisa nos proporcionou, fica a certeza de que olhar para a escola com o olhar da Antropologia nos permite enxergar muito além do que está nas paredes e nos símbolos visíveis. Permite entender os discursos silenciosos, as práticas invisíveis e os pequenos gestos que, juntos, constroem a cultura escolar e marcam a trajetória de cada criança que passa por esse ambiente.

## **REFERÊNCIAS**

MALINOWSKI, B. Introdução: Tema, Método e Objetivo dessa Pesquisa. In: MALINOWSKI, B. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), 1977. (pp 17-34)

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? Jornal da Embratel, Rio de Janeiro. p. 1 - 4. 1981.





**PARTE II: EXERCITANDO A ETNOGRAFIA EM  
OUTROS SERVIÇOS**



## **CAPÍTULO 5**

**MONSTRAS DO ROCK: ANÁLISE ETNOGRÁFICA DAS MULHERES  
PARTICIPANTES DO MONSTERS OF ROCK**

# MONSTRAS DO ROCK: ANÁLISE ETNOGRÁFICA DAS MULHERES PARTICIPANTES DO MONSTERS OF ROCK

Liana Bohn

## INTRODUÇÃO

O dia 19 de abril de 2025, um sábado em meio ao feriado ampliado da Páscoa, amanheceu com sol na Terra da Garoa, mas o apelido carinhoso da cidade de São Paulo (SP) prenunciava que, com o passar das horas, algumas nuvens cinzas avançariam no céu, anunciando a chegada da chuva já prevista pelos meteorologistas. Nos arredores do Allianz Parque, localizado na intermediação dos bairros de Barra Funda, Pompéia e Perdizes, uma multidão se aglomerava em diferentes filas que tinham por finalidade acessar o espaço no qual aconteceria o festival Monsters of Rock que, naquela oportunidade, celebrava trinta anos de história.

Mediante a quantidade de pessoas, o que antevia a grandiosidade do evento, os olhos facilmente poderiam traduzir aquele momento como se o observador estivesse diante de um formigueiro – o estádio, ao centro, representando o ninho; cada indivíduo, em sua maioria vestido de preto e com camisetas de bandas diversas, seguindo ‘a formiga da frente’ e seguida pela ‘formiga de trás’, caminhando animadamente para as possíveis entradas, em um ritmo ditado pela agilidade com que bolsas, sacolas e corpos eram revistados e pela rapidez com que era possível passar o código de barras do ingresso na catraca. Esse ritmo, aos poucos acelerado, indicava que o tempo de 1 hora e meia entre o horário de abertura dos portões (às 10 horas da manhã) e o início do primeiro show (da banda finlandesa de power metal Stratovarius<sup>1</sup>, marcada para às 11 horas e 30 minutos) era curto, de modo que

---

1 Mais informações podem ser encontradas no site oficial da banda: <https://stratovarius.com/>.



o caminhar adagio foi substituído pelo allegro e, posteriormente, pelo presto, até que todos fossem encontrando um lugar, não numerado, mas cuidadosa e rapidamente escolhido para ocupar, possibilitando a melhor visão possível, o acesso facilitado aos banheiros e aos espaços de convívio. E assim, poderiam ter início os três toques da baqueta, antevendo o primeiro acorde de guitarra que levaria à comoção com Hunting High and Low<sup>2</sup> e Black Diamond<sup>3</sup>.

Apesar de o preto ser a cor predominante, das longas cabeleiras de homens e mulheres, de casacos de couro e peles tatuadas, os festivais em muito se distanciaram da expressão tradicional sexo, drogas e Rock'n'roll. Trata-se, sim, de manifestações de afetividade entre seus participantes, que despontam em abraços efusivos, pulos, gritos; as drogas, em grande parte lícitas, resumem-se às bebidas alcoólicas e aos poucos fumantes. Permanece, entretanto, o fator unificador que, na ocasião, foi capaz de reunir em torno de 45 mil pessoas.

---

2 Por se tratar de um Festival de Rock, sugiro concomitantemente escutar as músicas célebres de cada uma das bandas, destacadas ao longo do texto. A música em questão está disponível aqui: <https://encurtador.com.br/ujmiX>.

3 Disponível em: <https://encurtador.com.br/Mf4e3>.



Figura 1 – A ocupação dos espaços, antes de a primeira banda dar início ao festival



Fonte: Arquivo próprio.

Deste público, é difícil estimar a parcela formada por mulheres; pode-se, contudo, antever que seja expressiva, ainda que minoritária. Foi nelas que concentrei meu olhar ao me ver refletida ali. Ao olhar para elas, olho também para mim. Fora do festival, ganho a vida observando o mundo pelo prisma da Economia Feminista. Não dar atenção a esse grupo seria negar a mim mesma o papel de pesquisadora, reduzindo-me ao rótulo de roqueira. Como essas dimensões dificilmente se separam, a inquietação latente acabou se convertendo nas linhas que agora se lê aqui.

Esse reconhecimento espelhado, entretanto, não foi possível de se observar nas bandas, onde o recorte de gênero é marcante – nenhuma das sete atrações do evento tinha mulheres em sua formação. Isso não surpreende. Conforme Hill (2016, p. 01-02, tradução nossa):



A música é uma experiência marcada pelo gênero. Presume-se que o rock transcenda o mundo cotidiano, com temas universais e atemporais que apelam a todos (...). [No entanto] o hard rock e o metal têm uma aparência masculina. Estão repletos de homens imensos, ameaçadores, com aparência de guerreiros, vestidos de preto. As músicas de metal tratam de guerra, carnificina e estupro. As mulheres são marginalizadas nesse gênero dominado por homens e profundamente hipermasculino. Raramente atuam como musicistas; aparecem em videoclipes, letras de músicas e representações populares como groupies, namoradas ou górgonas.

A menor representatividade não pode ser invisibilizada, uma vez que, ainda de acordo com Hill (2016, p. 6, tradução nossa), “(...) presumir que esse tipo de música atrai apenas homens é basear-se em definições estreitas do que significa ser feminino ou masculino, ser mulher ou homem. Essa suposição contribui para a desvalorização do gosto musical das mulheres”. Nos festivais, a presunção se choca com a presença feminina e, mais do que números ou estatísticas, as mulheres se entrelaçam ao conjunto humano que, em uma espécie de transe místico, reverbera com corpo e voz o som que parte do palco.

Quando tem início a segunda atração, a banda sueca de metal progressivo Opeth<sup>4</sup>, o cantor Mikael Åkerfeldt evidencia que eles eram os mais novos do festival, embora já tenham 35 anos de estrada e todos os integrantes já sejam cinquentenários. Ao som de *In my time of need*<sup>5</sup>, meus olhos observam o entorno. Assim como o tempo passou para as bandas, ele passou para o público. Os festivais não são mais espaços ocupados por jovens, mas por um grupo que, em média, tem mais de 40 anos e que, aos remanescentes com cabelos longos (que, neste momento da vida, não parecem representar qualquer vestígio de rebeldia), somam-se tantos outros cabelos curtos grisalhos e cabeças calvas.

---

4 Mais informações sobre a banda podem ser encontradas no site oficial: <https://opeth.com/>.

5 Disponível em: <https://encurtador.com.br/ZwQZ7>.



Figura 2 – Registros do passar do tempo (o caso do Scorpions, banda surgida em 1965, cuja faixa etária dos integrantes hoje varia entre 61 e 77 anos)



Fonte: Internet.

Por óbvio, isso traz mudanças significativas nos festivais – enquanto às bandas a demanda é por uma exibição que, apesar do envelhecimento, guarde consigo os elementos que as fizeram conquistar o público, incluindo o estilo das vestimentas, a sustentação vocal e a energia nos palcos, para os fãs – as pessoas comuns – é mais notável a perda dos elementos visuais característicos do Rock’n’roll, permanecendo apenas adereços e camisas de bandas diversas. Além disso, no animado público, observam-se também famílias, de pais e avós acompanhando a nova geração, incluindo crianças que já mostram intimidade com o ritmo e com as atrações.

Esse comportamento representa um alento, já que o gênero do rock e, em especial, o heavy metal tem perdido espaço na cena musical. Embora muitas novas bandas tenham surgido nos últimos anos – e a internet possibilitou que qualquer pessoa tenha acesso a grupos pequenos de diferentes partes do mundo – os grandes fenômenos musicais permanecem sendo aqueles constituídos no período dos anos 60, 70 e 80. Isso porque, conforme Brown et al. (2016), tais bandas foram ‘vendidas’ ao público por gravadoras de renome, com infraestrutura financeira, tecnologia e equipes capazes de promover, na época, turnês em todos os continentes para a divulgação de álbuns que dificilmente teriam apelo



nas rádios, o que as converteu em marcas globais. Entretanto, como destaca Hill (2014), a construção desses fenômenos musicais foi, paralelamente, associada ao estabelecimento de um padrão de fã, notadamente masculino. Isso, por seu turno, ignora o fato de que a maioria do acesso à música se dá em espaços privados, nas experiências íntimas, possibilitando criar uma conexão com qualquer público, incluindo o feminino.

No caso das ‘monstras do rock’, a lógica do envelhecimento também pode ser observada, ainda que suas roupas digam mais que os cabelos. À minha frente, um grupo de quatro mulheres, com idades entre 40 e 60 anos, com camisetas pretas, calças jeans e tênis All Star, sem maquiagem e sem tatuagens. Ao lado, uma senhora de cabelos brancos, repetindo o estilo. Atrás, duas jovens sentadas com uma distância entre si. Uma delas tinha os braços tatuados, os cabelos lisos e vermelhos, os olhos delineados de preto, vestindo uma meia arrastão, saia e blusa preta, casaco de couro, coturno nos pés, um copo de cerveja em uma das mãos e um cigarro continuamente aceso na outra. Com umas cadeiras de diferença, a outra mulher acompanhava a banda tocando sem que seu rosto expressasse ânimo, e sua roupa destacava-se pela normalidade (a normalidade diária, não a normalidade do espaço do rock) – uma camiseta qualquer, combinada a um tênis e uma calça confortável.

Esta pequena amostra do entorno parece representativa para segmentar o público feminino em três grupos, aqui denominados por acompanhantes outsiders, acompanhantes insiders e entusiastas. As entusiastas, que poderiam ser tratadas a partir da noção do tipo ideal de Max Weber<sup>6</sup>, são aquelas que, nas roupas (pretas, rasgadas, com tachas, de couro), na postura e na manifestação durante as apresentações (cantando as músicas, sacudindo a cabeça, pulando), mostram-se endógenas ao festival, como participantes ativas destes espaços. São as verdadeiras fãs do metal que, naquele momento e, talvez, no cotidiano,

---

6 Em relação ao tipo ideal (ou tipo puro), utilizo as palavras de Timasheff (1973, p. 224-225) como forma explicativa: “O tipo ideal ou puro é uma construção mental. É formado pela exageração ou acentuação de um ou mais traços, ou pontos de vista, observáveis na realidade. Pode-se chamar ideal ao tipo assim construído porque existe como uma ideia. (...) O tipo ideal não é uma hipótese. É um instrumento para a análise de acontecimentos ou situações históricas concretas. Essa análise exige conceitos precisos e claramente definidos – padrões que se podem localizar em tipos ideais”.



fazem deste estilo musical um estilo de vida. As acompanhantes, por seu turno, são aquelas que parecem estar nestes espaços enquanto companhias. Podem ser insiders, quando mostram familiaridade com os espaços, com os sons e com as manifestações do metal, normalmente utilizando roupas que as aproximam do tipo ideal, embora sem a atitude do grupo de referência. Além disso, demonstram prazer em ali estar, e se somam ao coral de vozes quando as músicas mais conhecidas de cada uma das bandas são entoadas. As outsiders, por outro lado, resumem-se à postura de apêndice da pessoa acompanhada – externas ao movimento, sem demonstrar qualquer familiaridade com as músicas, assumindo olhares de surpresa diante das roupas e dos comportamentos e, quando tentam mimetizá-los, o resultado se torna uma caricatura do tipo ideal, quase como se estivessem em uma festa à fantasia.

Figura 3 – A composição da arquibancada e a presença feminina



Fonte: Arquivo próprio.



Com a banda norte-americana de metal progressivo Queensrÿche<sup>7</sup> nos palcos, a música I Don't Believe in Love<sup>8</sup> é a trilha sonora para aprofundar a observação de homens e mulheres enquanto grupo social, buscando regularidades que, em alguma medida, podem ser capturadas pelas imagens. A primeira de tais constatações unifica os gêneros – o perfil racial do Monsters of Rock foi majoritariamente branco – em público e nos palcos. De acordo com Hill (2014; 2016), em muito isso se deve à criação de um imaginário do Rock como uma comunidade homogênea, que se intensifica com o processo de transformação do estilo em um fenômeno musical nas décadas passadas. As bandas, surgidas no contexto europeu e norte-americano, foram transformadas em um produto que se colocava na contramão dos artistas da Black Music que, naquele momento, também ganhavam espaço no cenário musical. O branqueamento do Rock acabou por criar barreiras simbólicas entre os diferentes públicos, além de limitar o perfil dos artistas que teriam acesso à fama.

Em um país marcado por desigualdades, como é o caso brasileiro, no qual a pobreza tem cor, os preços dos ingressos – que iam de R\$ 240 (a meia-entrada na cadeira superior) a R\$ 2.800 (a inteira na área VIP) – somados aos custos adicionais de transporte e hospedagem, no caso daqueles que não moram em São Paulo, impõem barreiras econômicas adicionais à diversificação da plateia. Por outro lado, pessoas negras eram facilmente encontradas entre os trabalhadores do festival, responsáveis pela venda de tickets, bebidas e comidas, além dos serviços de limpeza, evidenciando uma segregação que, mesmo entre uma população miscigenada, mantém-se como um resquício do processo de formação histórica do país que, neste caso, tem aderência com o estilo musical. Ademais, este grupo mostrava uma falta de familiaridade com as bandas e as músicas, bem como com as formas de manifestação do público (em termos de atitudes e vestimentas), o que indica a reduzida capilaridade do Rock nos diferentes estratos sociais.

---

7 Mais informações podem ser encontradas no site oficial: <http://www.queensrycheofficial.com/>.

8 Disponível em: <https://encurtador.com.br/VRzbV>.



Ao som de Handful of Rain<sup>9</sup>, que marca o retorno aos palcos da banda norte-americana Savatage<sup>10</sup> após uma década fora da cena musical, acontece um dos momentos mais transcendentais do entardecer: as nuvens negras que pairavam sobre o estádio começaram a liberar suas primeiras gotas, como se o trecho da música “and the night rolls on, like a slow moving train, and the soul cries out, for a handful of rain” servisse ao propósito poético de chamar a chuva. Com esta trilha, podemos avaliar a segunda regularidade do público que, neste caso, separa homens e mulheres, especialmente nos grupos mais idosos e que reflete sobre o fenômeno da solidão feminina.

Um festival é um evento que, por seu propósito, tem a característica de ser social, ao reunir grandes multidões. Poucas são as pessoas que vão sozinhas a ele e é comum ver grupos de amigos e conhecidos em uma roda, comentando sobre experiências e shows passados, trocando ideias sobre o que estão experienciando na oportunidade. Isso se dá tanto para grupos de homens (em todas as idades), quanto de mulheres jovens, ou mesmo entre grupos mistos. Entretanto, isso não se observa para mulheres idosas que, quando se fazem presentes, são vistas ao lado de um companheiro ou de membros da família, mas não cercadas por amigas da mesma faixa etária. A inexistência do compartilhamento deste tipo de vivência pode sugerir dois fenômenos: (i) a dificuldade de o rock, mesmo em seu momento de ápice, ter tido pouco apelo entre o público feminino que hoje compreende as mulheres 65+, uma vez que a suposta agressividade musical do heavy metal vai de encontro ao ideal de feminilidade difundido nos anos 60 e 70, quando elas eram jovens; e (ii) a dificuldade de as mulheres manterem relações de amizade estreitas ao longo da vida que se sustentam em atividades de lazer, de modo que raramente elas, na condição de esposas, têm o hábito de compartilharem experiências entre si (e sem a companhia de familiares) em

---

9 Disponível em: <https://encurtador.com.br/Cpk6d>.

10 O retorno da banda não foi acompanhado pela reativação do site oficial da mesma. Em entrevista à Revista Rolling Stone (disponível em <https://encurtador.com.br/93C6C>), Jon Oliva, o único membro fundador que ainda permanece no Savatage (e que não está em turnê por motivos de saúde), antecipa a possibilidade de um novo álbum.



locais públicos, o que normalmente passa a acontecer quando se tornam viúvas, momento em que as amizades antigas são recuperadas ou mesmo construídas com outras mulheres que compartilham a mesma situação.

Com a chegada da noite, os espaços vazios ainda disponíveis vão sendo plenamente ocupados, anunciando a proximidade das grandes atrações do festival. Os teclados inconfundíveis de The Final Countdown<sup>11</sup> marcam a passagem da banda sueca Europe<sup>12</sup> no Brasil, que mostra uma mescla de hard rock e glam rock, nítida nas vestimentas do cantor Joey Tempest – calça preta justa, camisa, blazer de couro e echarpe. Dentre todas as bandas, ele tem um maior apelo entre as mulheres, o que faz com que, ao fim de cada música, gritos agudos efusivos sejam escutados da plateia. Neste show, além disso, o público forma um grande coral que, apenas com as lanternas do celular, canta conjunta e repetidamente o refrão de Carrie – “Can’t you see it in my eyes? That this might be our last goodbye”<sup>13</sup>, trazendo uma das mais famosas baladas para contrastar com os rufos de bateria e os guturais apresentados durante o período da tarde.

Quando a chuva começa a se tornar mais forte e as pessoas começam a vestir suas capas de chuva, tinha-se um prenúncio para a mudança que o palco passaria, inclusive em termos de cenografia, que não era uma preocupação nas apresentações anteriores. Não à toa, a transformação dá ensejo à apresentação da lenda do heavy metal Rob Halford, de 73 anos, à frente da banda que é considerada uma das mais influentes do gênero – Judas Priest<sup>14</sup>. Careca, com uma barba branca, trocando de sobretudos a cada poucas músicas e, na música Hell Bent for Leather<sup>15</sup>, entrando no palco em cima de uma Harley-Davidson, Halford pessoaliza, de alguma forma, as minorias, uma vez que é assumidamente gay. Desde que manifestou publicamente sua orientação sexual, nos anos 90, parece ter

---

11 Disponível em: <https://encurtador.com.br/Chw0w>.

12 Mais informações podem ser encontradas no site oficial da banda: <https://www.europetheband.com/>.

13 Disponível em: <https://encurtador.com.br/z07Zg>.

14 Mais informações podem ser encontradas no site oficial da banda: <https://judaspriest.com/home/>.

15 Disponível em: <https://encurtador.com.br/sqoyc>.



recebido bastante apoio dos músicos e do público, tornando-se uma espécie de totem da comunidade LGBTQIAP+ no movimento do rock.

Ao som de *Breaking the Law*<sup>16</sup>, na pista são formadas algumas rodas, conhecidas como mosh pit, na qual os participantes balançam o corpo intensivamente, movimentando pernas e braços, correndo, pulando, dando chutes e socos no ar (e, eventualmente, em outros participantes do ritual). Apesar da aparência de violência (mais performática do que efetiva), o espaço que se forma é de conexão com a música, extravasando energia que, nestas situações, é masculina. Esse talvez seja o único momento do festival em que não se observa a presença feminina ou, se ela existe, é muito pequena. Não há, entretanto, restrições à entrada e é possível que, diante da participação de mulheres, os movimentos sejam reduzidos para evitar choques desnecessários ou mesmo machucados, uma vez que se os participantes da roda percebem que algo de errado aconteceu, imediatamente a interação é suspensa. O interessante é que este rito, presente em todos os shows de rock (inclusive quando o ritmo da música não é muito propício a isso), é marcado por um código de conduta tácito, que mostra uma solidariedade entre os envolvidos, cientes de que, passado o momento, a suposta violência se encerra. Neste sentido, a simbologia da violência extravasada na letra de algumas músicas, nas cores predominantes e nas referências ao anticristo é contrastada com a passividade que é uma marca deste tipo de evento. Isso é observado inclusive em outros festivais, como no Rock in Rio, quando à noite do Metal se associam menores números de ocorrência policiais<sup>17</sup>.

Quando a banda alemã *Scorpions*<sup>18</sup> entra no palco para fechar a noite, o público já está cansado das quase 12 horas de shows, com intervalos curtos entre uma banda e outra, especialmente no caso daqueles que ocupam a pista, onde a chuva não dá trégua. Apesar disso, o cantor Klaus Meine, com sessenta anos de estrada, mantém a vitalidade da

---

16 Disponível em: <https://encurtador.com.br/CfpxT>.

17 Informação da Revista Rolling Stone, através do link: <https://encurtador.com.br/JKfGQ>.

18 Mais informações sobre a banda podem ser encontradas no site oficial: <https://www.the-scorpions.com/>.



voz, ainda que os passos sejam mais lentos e cuidadosos, especialmente em função do palco molhado (na semana seguinte, inclusive, a banda anunciaria o cancelamento de dois shows na América Latina em virtude de uma infecção respiratória do seu líder). Com uma sucessão de clássicos, alguns de ritmos rápidos e outras tantas baladas, é visível a manutenção de uma energia que alimenta o público desde a primeira música, do Stratovarius, ainda pela manhã. A banda de fechamento representa uma animação mais calma e, pela expressão do público, remete a muitos momentos embalados pelo que estava sendo tocado, o que se vê principalmente nos abraços de casais apaixonados. Wind of Change<sup>19</sup>, Still Loving You<sup>20</sup>, Send Me an Angel<sup>21</sup> deve ter sido a trilha sonora de gerações, emocionando a todos e possibilitando que a chuva se misture às lágrimas que eram perceptíveis nos rostos de alguns.

Ao longo do dia e antes de encerrar o evento, um dos principais espaços de convívio foram os banheiros, espalhados por todo o estádio. Curiosamente, os shows de rock são espaços nos quais as filas para o banheiro masculino sempre são maiores que as do feminino, o que diante da concentração de pessoas não significa que elas inexistissem. Pela necessidade de convívio temporário, é comum observar trocas de opiniões, conversas paralelas elogiando a limpeza e compartilhamentos de experiências, como se aquele pequenino espaço se convertesse em um microcosmo do mundo de diferentes mulheres. Há, inclusive, ocasiões de cooperação, como nas trocas de papel higiênico entre cabines, ou no auxílio com a arrumação de roupa e cabelo. Na saída do banheiro, todas retornam à condição de desconhecidas e, provavelmente, no caso de um novo encontro fortuito, não se lembrarão que, um dia, já estiveram em um mesmo ambiente e trocaram palavras entre si.

---

19 Disponível em: <https://encurtador.com.br/wFgB8>.

20 Disponível em: <https://encurtador.com.br/h9ZoU>.

21 Disponível em: <https://encurtador.com.br/lZ7IO>.



Figura 4 – A fila do banheiro feminino



Fonte: Arquivo próprio.

Com o término do show e do evento, a multidão forma um grande grupo que avançava nas ruas, caminhando, ainda sob o efeito do álcool, da emoção e das músicas, e conversando sobre as bandas e sobre os momentos marcantes do dia. Dissipando-se também como formigas, vão em direções divergentes, dobrando esquinas, entrando em carros de transporte e em ônibus de excursão com placas de diferentes estados. A chuva, enquanto companheira implacável, molha a alma e os corpos, sem reduzir as vivências e memórias que mais de 40 mil pessoas, dentre as quais muitas mulheres, tiveram durante o dia. Isso inclui a pessoa que vos escreve, que representa mais um ponto pálido neste emaranhado de gente com uma visão privilegiada, mas que, diferentemente dos demais, guardava consigo, desde o princípio, um objetivo antropológico.



Figura 5 – A localização da observadora



Fonte: Página do Facebook da banda Savatage.

## REFERÊNCIAS

BROWN, Andy R.; SPRAKLEN, Karl; KAHN-HARRIS, Keith; SCOTT, Niall W.R. Global metal music and culture: current directions in metal studies. Nova York/Londres: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016.

HILL, Rosemary Lucy. Reconceptualizing hard rock and metal fans as a group: imaginary Community. *International Journal of Community Music*, v. 7, n. 2, p. 173-187, 2014.

HILL, Rosemary Lucy. Gender, metal and the midia: women fans and the gendered experience of music. Leeds: Palgrave Macmillan, 2016.

TIMASHEFF, Nicholas S. Teoria Sociológica. Biblioteca de Ciências Sociais. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.





## **CAPÍTULO 6**

**EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS EM FLORIANÓPOLIS:  
SEGUNDA-FEIRA DA RESPOSTA COM BENÇÃO ESPECIAL PARA  
TODOS OS PROFISSIONAIS DO RAMO DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

# EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS EM FLORIANÓPOLIS: SEGUNDA-FEIRA DA RESPOSTA COM BENÇÃO ESPECIAL PARA TODOS OS PROFISSIONAIS DO RAMO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Mauricio Pereira da Costa

## INTRODUÇÃO

O social é humano, observar nunca foi tão necessário, e as maçãs, mais do que nunca devem ser mordidas<sup>1</sup>. O objetivo deste breve relato é refletir, a partir da metodologia antropológica etnográfica, sobre um culto evangélico neopentecostal. A atividade foi realizada com apoio do Departamento de História da FAED-UDESC, no primeiro semestre de 2025 como atividade avaliativa.

Eu tive contato, desde muito cedo, com a religião cristã frequentando a Igreja Católica no interior do Estado de São Paulo. Atuei como coroinha, recebendo formação na catequese para a primeira comunhão e crisma. Historicamente, a Igreja Católica é uma instituição tradicional e bastante conservadora, por vezes engessada. Nos últimos 50 anos os usos das novas tecnologias da informação, meios de produção de narrativas e comunicação em massa, revelam uma Igreja Católica muito, muito aquém do potencial efetiva capacidade dos Evangélicos no uso da “força insidiosamente doce dos discursos”<sup>2</sup> (FOUCAULT, 2012). Vale aqui ressaltar que as transformações cíclicas<sup>3</sup> no seio das igrejas

---

1 Agradecer a Docente Dra. Bruna Bolda, sua dedicação e disponibilidade para realização desse projeto que envolveu orientar vários outros ensaios etnográficos, além disso, a oportunidade apaixonante de análise da diversidade cultural do Brasil com foco na interdisciplinaridade.

2 Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 8-9).

3 Transformação cíclica: o estado final é igual ao estado inicial, independentemente de qualquer coisa, Deus sempre será o centro de tudo.



visam tão somente a manutenção da institucionalidade do cristianismo. Por outro lado, a vida humana também segue seu fluxo de transformações, amadurecimento, conhecimento e senso crítico sendo elaborado. O tempo e a coragem me afastaram física e espiritualmente dos ritos institucionais cristãos. O tempo é magnífico, o tempo permite a maturação<sup>4</sup>, que acompanhada do perfume da madeira, do que foi um dia uma bela árvore, ajudam a formar a personalidade e adoçam o whisky. Acredito que esse mesmo tempo, quando acompanhado da educação formal transforma, por vezes adoça e nos singulariza, atua na produção da nossa subjetividade e fornece a carapaça que nos permitirá suportar o temor para desafiar as divindades, que de forma onipresente e onisciente, nos vigiam e nos ameaçam com punição mesmo após a morte.

Lançar um olhar para além das superficialidades, desafiar nossas próprias ideias é forma de escapar das armadilhas ditas verdades sagradas<sup>5</sup>. Então sugiro a quem estiver lendo, tenham coragem e mordam a maçã<sup>6</sup>. Não contém ironia, mordam com vontade todos os dias. O despertar da curiosidade sobre as divindades de outras matrizes religiosas perpassa o campo do Historiador, Antropólogo, Sociólogo, muitas informações sobre diferentes grupos religiosos foram intencionalmente sonegadas ao longo da história, nesse processo, os dogmas de outras matrizes religiosas, aquelas concorrentes à cristã, tiveram seus deuses demonizados, dolosamente transformados em bruxos ou coisas malignas, em nome do business<sup>7</sup>, na busca pelo monopólio da fé e das divindades cristãs. Uma tragédia anunciada com os povos originários da América e os negros descendentes dos povos africanos no Brasil ocorre de forma permanente, até nossos dias, a tentativa de apagamento das suas tradições ancestrais. Povos brutalmente alijados de praticar sua espiritualidade e sua cosmovisão, como podemos sentir nesse leilão de 8 de agosto de 1444, quando 235

---

4 Maturação: processo de amadurecimento da bebida para produzir perfume, cor, sabor, sua identidade.

5 Conhecimentos e crenças considerados absolutos, não passíveis de questionamento.

6 Fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

7 Negócio ou atividade comercial.



seres humanos, entre eles crianças, mulheres e homens foram vendidos, como descrito por Azurara (GOMES, 2019, p. 51-61).

Qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento vendo assim aquela campanha? Porque uns tinham as caras baixas e os rostos lavados de lágrimas; [...] outros estavam gemendo muito dolorosamente, olhando para os céus [...], bradando altamente como se pedissem socorro ao Pai da Natureza; outros feriam o rosto com as suas palmas, lançando-se estendidos no chão; outros faziam suas lamentações em cantos, segundo o costume de sua terra. [...] Pelo que convinha a necessidade de se apartarem os filhos dos pais; as mulheres, dos maridos; e os irmãos, uns dos outros. A amigos nem parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde a sorte o levava. As mães apertavam seus filhos nos braços e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas com pouca piedade de suas carnes.

Mesmo processo legado aos povos originários que, em 1545 na capitânia de São Vicente Martin Afonso, possuía 3.000 nativos escravizados trabalhando nos engenhos de açúcar e nas lavouras (GOMES, 2019, p. 123), ou ainda, para além do uso do corpo, os aldeamentos jesuíticos buscavam tutelar a subjetividade dos nativos, catequizando para salvar suas almas e integrá-los à sociedade, no processo denominado pelos europeus de transição entre a barbárie e a civilização<sup>8</sup> (GOMES, 2019, p. 132-133). Os povos negros e nativos tiveram seus corpos transformados em mercadorias, e sua fé objeto de um negócio religioso, corpo e alma nessa perspectiva se tornam objeto de um negócio, uma atividade econômica que se perpetua até os dias atuais através das igrejas.

Não por acaso, neste ensaio me preparava e desejava muito ter contato como observador de algum evento ligado às tradições de religiões de matriz africana. Buscava datas e horários nos terreiros Umbandistas ou Candomblecistas. Porém, no dia 19 de maio de 2025, um belo dia de sol, por volta das 18 horas enquanto o sol se escondia, eu caminhava pela Avenida Mauro Ramos em Florianópolis – trata-se de uma região, com comércio, escolas, muitos prédios residenciais, pontos de ônibus, igrejas, por isso, com grande circulação de pessoas. Me pego a observar vários jovens, entre 15 e 20 deles

---

8 Civilização: conceito etnocêntrico por vezes utilizado para hierarquizar culturas.



espalhados nas esquinas, eram meninos e meninas, eles abordavam as pessoas para entregar gratuitamente um jornal produzido por uma Igreja Neopentecostal. Esses jovens vestiam roupas iguais, como se um uniforme, um traje que os definia como um grupo com interesse em comum.

Sempre via esses jovens nas esquinas, mas eu nunca aceitava pegar o jornal dado, já que eu imaginava em seu conteúdo nada continha que pudesse me interessar, também não me preocupava em estar perdendo a oportunidade de encontrar Deus nas matérias jornalísticas. Sinceramente, na verdade, me sentia muito culpado ao pensar na quantidade de madeira utilizada na produção dos jornais.

Um dia voltando para casa resolvi aceitar a oferta, peguei o jornal e observei que ele teve uma tiragem absurda! Foram emitidos 1.703.625 (um milhão, setecentos e três mil e seiscentos e vinte e cinco) exemplares, cada jornal 64 páginas. Um cálculo simplista revela a utilização de mais de 109 milhões de páginas de papel. Um jovem me entregou o jornal e disse: olha, hoje tem oração, segunda-feira da resposta, prosperidade com Deus, tem sessão as 19:30h.

A capa do jornal é local das matérias mais importantes, é o espaço dedicado para chamar a atenção do leitor, e foi isso que me ocorreu, logo que recebi o jornal a notícia abaixo capturou minha atenção:



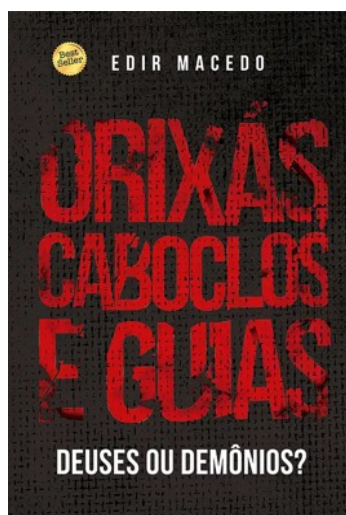
Figura 1 – Recorte de jornal evangélico com orientação para escolha de livros



Fonte: Arquivo próprio.

Ansiosamente fui até a página 14 para ler a matéria e me deparei com a capa da obra de Edir Macedo sob o título Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?.

Figura 2 – Capa da obra



Fonte: Internet<sup>9</sup>

Ainda na página 14, minha atenção ficou presa na descrição da obra como sendo fundamentada na palavra de Deus, com 10 passos para libertar as pessoas do mal, descrição completa abaixo, como consta na publicação do jornal.

---

9 Disponível em: <https://books.apple.com/us/book/orix%C3%A1s-caboclos-e-guias/id1493438043>



Figura 3 – citação a obra: Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?

Lançado em 1997 e atualizado em 2021, o livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* tem mais de 3 milhões de cópias vendidas. Fundamentado na Palavra de Deus, ele aborda temas como mediunidade, enganos espirituais, crenças endemoninhadas e o papel da Igreja na luta contra essas influências. O leitor terá esclarecimentos sobre a origem de doenças, desavenças, vícios e outros males que assolam o ser humano, com detalhes sobre os truques usados pelo diabo e seus anjos para iludir a Humanidade. O livro apresenta dez passos para quem deseja se libertar do mal.

Fonte: Arquivo próprio.

Para problemas humanos precisamos de soluções humanas. O meu problema carecia da necessidade de realizar uma observação participante para uma pesquisa antropológica, a partir dos recortes do jornal acima. Então, os cultos dos grupos Evangélicos Neopentecostais se tornaram meu objeto de análise. Partindo dos pressupostos de Franz Boas, o relativismo cultural é essencial nesse processo de observação dos costumes, comportamentos e crenças de um determinado grupo social, para assimilar como e por que cada cultura faz o que faz, numa “tentativa de compreender os passos pelos quais o homem tornou-se aquilo que é biológica, psicológica e culturalmente” (BOAS, 2004, p. 88). Complexo, mas de extrema relevância, não poderia deixar de citar Malinowski (1984), com sua abordagem funcionalista, devemos lançar um olhar meticuloso para as instituições religiosas enquanto elementos da cultura de determinado grupo social, seu papel de influência nas exigências da sociedade e de apoio as necessidades essenciais dos indivíduos.

Desde a Epopéia de Gilgamesh<sup>10</sup> a humanidade cria suas Sednas<sup>11</sup>, ela reaparece nos templos e modernas catedrais das Igrejas Neopentecostais, local onde homens espertos

10 Poema épico, escrito por volta de 1.800 anos a.C., uma das primeiras obras conhecidas da literatura mundial.

11 Divindade vinculada ao povo Inuit, símbolo espiritual que manifesta parte das crenças e tradições desse povo. BOAS (2004), “Os piores desses espíritos são Sedna, a senhora do mundo subterrâneo, e seu pai, diante de quem os esquimós mortos sucumbem”. Sedna também representa a necessidade de harmonia com a natureza através do equilíbrio e respeito dos humanos com o meio ambiente.



e desejoso por ovelhas fazem suas Sednas ganharem forma<sup>12</sup>, durante os cultos Bispos e Pastores reproduzem incansavelmente profecias como representantes de Deus na terra, historicamente as tradições religiosas são parte essencial para homogeneização e formação do cimento social de diversos e distintos grupos.

Entre o meu tempo de infância como coroinha na tradicional Igreja Católica, até lançar os meus pés nos degraus que me conduziram a parte interna de uma dita casa de Deus dos evangélicos, um monumento arquitetônico, local de cultos e que eles denominam de “o grande templo” ou “catedral”, se passaram mais de 30 anos. A partir de agora, me coloco com o objetivo de transcrever em palavras tudo que vi, todos os detalhes observados num culto evangélico.

Saí de casa com tempo de sobra, queria chegar um pouco antes das 19h30min, que era o horário programado para iniciar o culto. Meu intuito era fazer observações visuais externas e internas do templo que fica localizado no Centro de Florianópolis, templo que divide atenção com importantes pontos turísticos e comerciais, entre eles, o Beira Mar Shopping, a região da Beira Mar Norte e Sul, numa das vias mais movimentadas da cidade, próximo área nobre como a Rua Trompowski, mas também de comunidades onde residem famílias vulneráveis e moradias precárias. O templo tem uma enorme fachada quadrada e pintada na cor amarelo ouro, possui 5 enormes colunas gregas pintadas na cor branca, essas colunas sustentam um frontão no formato de triângulo, revelando um modelo de fachada reconhecido, na arquitetura, como greco-romana. O acesso ao templo se faz por uma escadaria e por acessos laterais para pessoas com mobilidade reduzida e acesso ao estacionamento para carros. O templo é livre de esculturas, quadros e imagens cristãs e possui uma grande quantidade de vitrais em cor natural sem colorido ou desenhos e lacrados. Adentrando ao templo se vê um pé direito muito alto com um teto pintado na cor branca, sem ventilação natural, paredes todas pintadas na cor bege claro. O local transmite

---

12 Analogia entre a divindade Sedna e seu poder para o bem e para o mal e o poder dos Pastores sobre a fé e espiritualidade dos fiéis.



um ar estéril para um espaço tão grande, frio e muito claro lembrando um hospital, contando as poltronas, certamente o espaço tem capacidade para mais de 4.000 pessoas sentadas.

Escolhi um lugar para me sentar. Eu queria ficar o mais próximo possível do altar, local onde se encontrava o Pastor. Esse altar onde o Pastor discursa fica elevado, aproximadamente 1,5 metros em relação ao nível dos olhos dos fiéis, que o observam sentados. Do lado esquerdo do altar uma enorme cruz com mais de 3 metros de comprimento toda em madeira, em cima do altar vejo um púlpito de madeira clara com uma cruz preta no meio, do lado do púlpito uma mesa pequena e sob ela um menorá<sup>13</sup>. Atrás do púlpito, na parte superior, um telão gigante para projetar os clipes, as letras das músicas e as publicidades da Igreja. Acima desse telão existe um vitral com a descrição: “Jesus Cristo é o Senhor” e de cada lado do telão descrições de trechos bíblicos:

Do lado esquerdo do telão:

Romanos 8:9: “Porém vós não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.”

Do lado direito do telão:

João 6:35: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome, e quem crê em mim nunca mais terá sede.”

O Culto é uma tradição nas Igrejas Neopentecostais. O Culto ou Congresso da Prosperidade, como o Pastor denominava, ocorreu numa segunda feira, dia 19 de maio, a partir das 19:30h. Iniciou com Pastor proferindo aos fiéis uma oração para renovar o pacto com Deus, dizendo que o Diabo semeia dúvidas. Então, o Pastor pede aos fiéis para rebaterem essas dúvidas, que, para isso, precisam dizer ao Diabo que ele está amarrado, pois o Deus que foi clamado já os ouviu e eles (fiéis) vão tomar posse da vitória, dizendo: Deus é por você em nome de Jesus. Em seguida, o Pastor propõe abençoar os profissionais do ramo Construção Civil e começa a explicar sobre o pacto com Deus, que é empenho da

---

13 Candelabro de 7 pontas é um instrumento simbólico do povo judaico e de Israel, representa a luz divina e o cosmo.



palavra, que tudo que o Diabo quer é que o fiel não tenha um pacto com Deus.

Na oração o Pastor pede que todos fechem os olhos e ergam suas mãos aos céus e segue, com as seguintes palavras de forma efusiva: Óh meu pai, aqui nós temos empreiteiros de obras, nós temos donos de empreiteiras, nós temos pedreiros, eletricitas, pintores, encanadores, serventes de pedreiros, nós temos aqui meu pai donos de construtora, nós temos aqui pessoas que trabalham em algum cargo numa construtora, então óh meu pai, abra portas, daí sabedoria, óh meu pai, seja com esses profissionais que eles façam a diferença, que eles venham lograr bom êxito naquilo que eles fazem, hoje é o dia meu pai de bênção e paz do ramo da construção civil, que determinamos sabedoria, óh meu pai, que contratos grandes sejam fechados, que essa pessoa pegue grandes trabalhos, que essa pessoa venha expandir para toda a Ilha, toda a Grande Florianópolis, Continente, o Estado de Santa Catarina e por esse país afora, honra o teu povo e seja com eles, nós abençoamos meu pai todos os da área da construção civil e determinamos a vitória na vida deles, em nome do Senhor Jesus.

Em seguida, o Pastor pede para todos os fiéis levantarem as mãos, chamando esse ato de mãos da aliança. O Pastor pede aos obreiros para que se posicionem com o óleo santo para ungir o pacto, a aliança do pacto entre os fiéis e Deus, e diz: vamos renovar o pacto, se você não tem aliança você receberá, se você já tem, nós vamos ungir e com certeza Deus vai dar a vitória para você, ele é ungido, ele é Deus de pacto, ele é Deus de promessa.

O Pastor pede aos fiéis que trouxeram seus envelopes com pedidos de resposta (os fiéis podem levar escrito num papel seus pedidos para Deus) que caminhem até o altar e depositem os envelopes num cesto. Nesse momento fazem uso de música, enquanto os fiéis caminham visivelmente emocionados até os obreiros<sup>14</sup> para serem ungidos e para deixar suas cartas com pedidos para Deus. A letra e o ritmo da música, estrategicamente,

---

14 É um voluntário dedicado a servir a Deus e a sua igreja.



visam comover os fiéis criando um sentimento de conexão com Deus, para acreditarem que os seus desejos e pedidos podem ser atendidos, transcrevo parte da letra da música, a seguir:

Davi Sacer - Deus da Promessa (DVD No Caminho do Milagre)<sup>15</sup>  
Deus de aliança, Deus de promessas  
Deus que não é homem pra mentir  
Tudo pode passar, tudo pode mudar  
Mas Tua Palavra vai se cumprir

Posso enfrentar o que for, eu sei que lutas por mim  
Seus planos não podem ser frustrados  
Minha esperança está nas mãos do grande Eu Sou  
Meus olhos vão ver o impossível acontecer

Deus de aliança, Deus de promessas  
Deus que não é homem pra mentir  
Tudo pode passar, tudo pode mudar  
Mas Tua Palavra vai se cumprir

Enquanto ocorria a unção<sup>16</sup>, a música acima era cantada de forma entusiasmada pelos fiéis, o Pastor contava com a ajuda de 22 pessoas, elas lhe auxiliam durante todo o culto, são chamados de obreiros e foram acionadas pelo Pastor em vários momentos diferentes durante o culto.

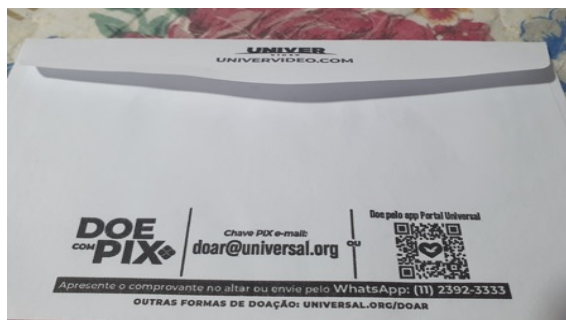
---

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=03QIkzzom1s&t=114s>

16 Momento em que os fiéis se movem em direção ao altar e são unguidos com o óleo sagrado, o objetivo entre vários é de obter: bençãos de cura, de libertação, de proteção.



Figura 4 – Um modelo de envelope para doação de dinheiro e com orientação para doação por outros meios como Pix, por exemplo



Fonte: Arquivo próprio.

Observei que em todas as poltronas, a frente e bem a vista de quem se senta, havia envelopes estrategicamente posicionados. Neles continham orientações para a doação de dízimo, que poderia ser feito em dinheiro em espécie, mas o envelope também apresentava orientação para outras formas para o pagamento do dízimo, online por pix ou via app, e, acreditem, no caso do dízimo pago online, a orientação era para apresentar cópia do comprovante no altar.

Inicia-se o momento da apresentação dos testemunhos dos fiéis, o Pastor convida duas pessoas para subirem ao altar, elas prestam seus depoimentos de sucesso por conta de terem uma aliança com Deus. A primeira pessoa a prestar testemunho foi uma mulher, aparentava ter entre 40 e 50 anos, ela dizia estar a mais de um ano endividada, que comprou um carro e estava com 3 parcelas em atraso, com 3 parcelas do aluguel da casa atrasados, que a mesma era cabelereira, também com 3 aluguéis do salão em atraso, a mulher confessa que após o culto Clamor aos Endividados e do Pacto com Deus, que sua vida mudou, surgiram muitos clientes em seu salão, inclusive pessoas pagando de forma antecipada, por serviços que iriam fazer no futuro e que isso resolveu seus problemas financeiros. A segunda testemunha de sucesso foi um homem, um senhor, aparentava possuir mais de



60 anos, ele dizia que estava a 35 anos atuando no ramo da construção civil e que Deus nunca o abandonou, o Pastor questiona se Deus lhe tem dado clientes, e ele afirma que Deus, passo a passo, lhe honra trazendo crescimento, que seu crescimento é direcionado por Deus.

Encerrados os testemunhos, em seguida ocorreu a Palestra para o sucesso. O Pastor faz referência a palavra de Deus usando o Salmos 34:8, dizendo: nós vamos determinar a multiplicação em suas vidas. Em seguida, cita o versículo Salmos 34:8 que diz: “Óh! Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia”. O Pastor explica que a fé é ação baseada no versículo citado, ou seja, que Deus nos chama a orar, a clamar e a provar. O Pastor propõe dar uma oportunidade a quem quiser fazer uma prova com Deus, já que hoje é já dia 19, e como dizem que só nos primeiros 15 dias do mês é bom para ganhar dinheiro e que o restante do mês é ruim, então o Pastor convida os fiéis a fazerem uma oferta de fé financeiramente maior, ou seja, uma prova com Deus, para que o mês todo seja de sucesso financeiro, de vitória, de respostas. E, que caso a prova com Deus seja atendida e se o fiel tiver lucro maior depois do dia 19, que o fiel cumpra seu pacto com Deus entregando uma doação maior para a igreja.

Em seguida o Pastor inicia um sermão<sup>17</sup>, esse sermão tem pedidos de prosperidade, para que todos ganhem dinheiro em seus negócios, o Pastor pede que todos fiquem de pé e fechem os olhos. Nesse momento, o Pastor passa a orar pela prosperidade e resultados financeiros maiores, pede a todos para erguerem o saquitel da multiplicação<sup>18</sup>. O Pastor pede para aqueles que irão ofertar dízimo colocar o dinheiro no saquitel e em seguida nos cestos no altar, e ainda orienta a quem fez a doação online que vá e toque com as mãos no altar<sup>19</sup>. No discurso do sermão, o Pastor diz que o dízimo não foi a igreja ou o Pastor

---

17 Momento em que um padre, pastor ou ministro religioso, se manifesta oralmente com objetivo de transmitir os ensinamentos da palavra de Deus.

18 É uma pequena bolsa, utilizada pelos fiéis como recipiente para armazenar dinheiro que será doado, semeando se recebe, ideia de multiplicação financeira e espiritual.

19 Um ato simbólico.



que criou, o dízimo é algo espiritual, que mostra que temos um senhor sobre nós, que pelo dízimo reconciliamo-nos com Deus, segundo o Pastor é pelo saquitel que honramos a Deus, e se alguém não tivesse o saquitel, que erguesse as mãos para que um dos obreiros lhe entregasse uma unidade. Num dado momento, os obreiros se reúnem na frente do altar com maquinas de cartão de crédito, eu confesso ter me assustado, mas logo entendo, as pessoas que não doaram por envelope no saquitel ou online, podem fazer a doação inserindo o seu cartão de crédito ou débito nessas maquinas. Não consegui entender quanto ao valor da doação, se é um valor fixo ou se a pessoa escolhe o valor antes de digitar sua senha.

Após o sermão, o Pastor faz uma oração e convida a todos para virem fazer sua prova de doação de dinheiro para Deus. Nesse momento começa uma nova música com letra e ritmo comovente, que transcrevo a seguir:

Davi Sacer - Deus da Promessa (DVD No Caminho do Milagre)<sup>20</sup>  
Se tentam destruir-me  
Zombando da minha fé  
E até tramam contra mim  
Querem entulhar meus poços  
Querem frustrar meus sonhos  
E me fazer desistir

Mas quem vai apagar o selo que há em mim  
A marca da promessa que Ele me fez?  
E quem vai me impedir, se decidido estou?  
Pois quem me prometeu é fiel pra cumprir

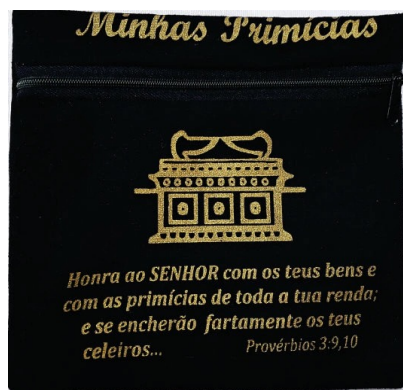
O meu Deus nunca falhará  
Eu sei que chegará minha vez  
Minha sorte Ele mudará  
Diante dos meus olhos

---

20 Disponível em: <https://youtu.be/o2wwqLrFe1g?si=OkS3fxFhyRKw94eu>



Figura 5: Modelo de saquítel, para doar as primícias, uma pequena bolsa com zíper<sup>21</sup>



Fonte: Alforge Sagrado (2025).

Se lembram daqueles envelopes que comentei, envelopes que ficavam bem à frente de todos que estavam sentados, o Pastor orientou que todos que quisessem, deveriam pegar esses envelopes e neles guardar as primícias<sup>22</sup>. O Pastor explica que as primícias são a primeira parte de algo que deve ser reservado para Deus, no caso o dízimo, o Pastor pediu para que escrevessem na parte branca do envelope tudo que estava lhes incomodando, todos os seus problemas econômicos e guardar no saquítel que é um pequeno saco de pano com zíper. Nesse saquítel o fiel guarda o envelope branco das primícias e o Pastor diz que Deus irá abençoar todos os pedidos que o fiel escreveu no envelope e guardou no saquítel. O Pastor diz ainda, do dia desse culto até o próximo encontro, na próxima semana, você deve oferecer algo além do dízimo obrigatório que você já doa, fazendo isso como prova sua, de honra a Deus.

Confesso, por vários momentos me senti como Qaudjaqduq<sup>23</sup> tentando espiar sobre

21 Disponível em: <https://www.alforjesagrado.com.br/produtos/saquitel-com-ziper-minhas-primicias/>

22 As primícias referem-se à oferta do primeiro e melhor fruto de uma colheita, recursos ou de qualquer área da vida, como um gesto de reconhecimento, gratidão e confiança em Deus.

23 O Conto de Qaudjaqduq: faz parte da tradição dos povos Inuit, Qaudjaqduq era um menino órfão, maltratado, miserável, fraco e não crescia, era proibido de dormir nas cabanas, por isso, dormia ao relento junto aos cães. Qaudjaqduq foi impedido de participar e conhecer as tradições do seu povo, por isso, ele precisava buscar outras formas para saciar as suas curiosidades e as respostas para os seus questionamentos, uma das formas que encontrou para isso foi espiar escondido as festas na aldeia.



o umbral. Eu explico: os obreiros voltaram com as maquinetas<sup>24</sup> que foram utilizadas para receber as doações através dos cartões (crédito e débito) dos fiéis e entregaram para um homem; esse homem estava muito bem vestido com gravata e paletó, diferente dos obreiros que usavam uma camisa polo da própria igreja, esse homem bem trajado os esperava a frente de uma grande porta de madeira; acima dessa porta eu pude observar que haviam câmeras de filmagem e segurança, então o homem recolheu todas as maquinetas e entrou pela grande porta de madeira; como Qudjaqdjuq eu poderia ter morrido de curiosidade, tamanha a vontade de descobrir o que existe para além daquela porta, porta que permaneceu o tempo todo fechada.

Me confortaria, como Qudjaqdjuq, se a porta fechada eu pudesse acessar. Sei também, felizmente, que após descobrir o que haveria além da porta, que isso já não me bastaria, que eu seria movido para novas perguntas e questionamentos. As maquinetas utilizadas para receber dízimos me fizeram refletirmos sobre nosso modelo atual de sociedade. Fomos capturadas por uma lógica econômica e social, que diferente da religião, não nos oferece opção de escolha – o Capitalismo<sup>25</sup>. Podemos observar na obra *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*<sup>26</sup> (WEBER, 1904-1905), que de certa forma, seu idealismo revela que a corrente Calvinista, embora teologicamente diferente do Neopentecostalismo, quando observado do ponto de vista da predestinação em muito se assemelha. Se o trabalho era algo para escravizados, o neoliberalismo rompe com essa lógica e muito sabidamente o Neopentecostalismo se locupleta do resultado do trabalho dos fiéis. Trabalhar é uma virtude, sucesso financeiro é uma virtude, logo, Deus está atendendo seus pedidos de respostas e você é um predestinado, nesse ponto, a observação ao culto

---

Qudjaqdjuq recebeu ajuda do homem da Lua, que é um espírito poderoso na mitologia dos Inuit e protetor dos órfãos, com a ajuda Qudjaqdjuq cresceu e ficou forte, voltou a aldeia e matou todos que o maltratavam.

24 São aquelas máquinas usadas no comércio onde inserimos o cartão para pagar a compra realizada.

25 Modelo econômico caracterizado pela propriedade privada e na busca por acumulação de riqueza material.

26 Uma das obras mais importantes do pensamento sociológico, foi publicada entre 1904-1905, Weber, através de dados estatísticos do seu país investiga o racionalismo econômico protestante para explicar certa forma de conduta econômica e suas raízes religiosas.



do Evangélicos Neopentecostais revelou uma dupla tensão. A primeira tensão, ocorre no campo do trabalho: em que, se você não consegue trabalho é incompetente, se não enriquece é porque não merece. Já a segunda tensão, ocorre no campo espiritual: atuando na subjetividade humana com o uso da fé como meio para conquistar coisas desejadas ou superar seus fracassos. A corrente religiosa Neopentecostal, nesse sentido, é a que melhor atende aos desígnios do capitalismo e ao mesmo tempo se retroalimenta economicamente a partir dessas tensões.

O culto é finalizado, o Pastor pede para que todos que se esforcem para cumprir as promessas pactuadas com Deus e convida os fiéis que retornem no próximo culto para celebrar as graças e pedidos atendidos. Em certa medida, o culto conduzido pelo Pastor lembra algo semelhante como uma palestra de coach, é possível observar a doutrina da Teologia da Prosperidade<sup>27</sup> em plena ação, ou seja, o sermão, as músicas, os excertos bíblicos utilizados, os conselhos, a vinculação da fé no dar para receber, o foco em conteúdos motivacionais como os testemunhos. A comercialização da fé cristã utilizada como promessa de prosperidade em nome de Deus, como se a pobreza ou a doença fossem uma maldição, a lógica de que pessoas realizadas financeiramente e com bem-estar são abençoadas por esse modelo de Deus empreendedor que troca com os fiéis os dízimos recebidos por sucesso integral.

Penso em Epicuro<sup>28</sup>, na busca pela sabedoria e pelo conhecimento em conjunto com o seu Tetrafármaco<sup>29</sup>: não temer os deuses, não temer a morte, a felicidade é possível, e, podemos suportar a dor, são mais que necessários nos momentos de eclipse da razão.

Certo de que as raízes da ideologia racista beberam de fonte teológica e filosófica,

---

27 A Teologia da Prosperidade parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus e, portanto, recebem os benefícios dessa filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque etc. Essa “teologia” oferece fórmulas para fazer o dinheiro render mais, evitar acidentes, livrar-se de doenças e problemas, aumentar as propriedades, além de viver uma vida sem dificuldades (Gabatz, 2012, p.98).

28 Epicuro de Samos, nascido em 341 a.C., filósofo grego do período Helenístico.

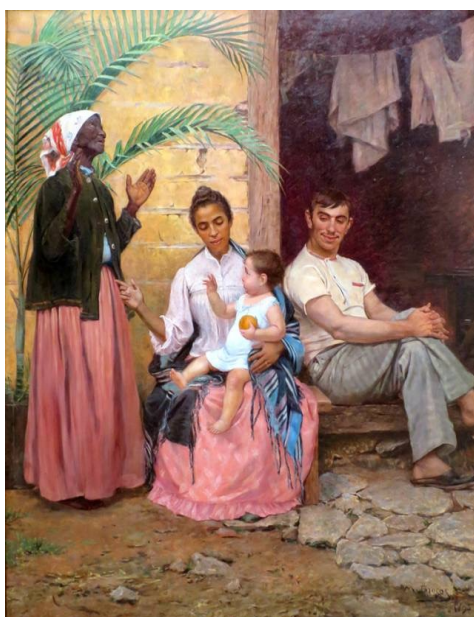
29 Conceito da filosofia Epicurista: referente a remédio para a alma, para a consciência, que inclui: não temer os deuses, não temer a morte, o bem é fácil de alcançar e a dor é fácil de suportar.



podemos citar entre elas, a ideia da “maldição de Cam<sup>30</sup>”, ou ainda mais recente, a consideração de Hegel que denotam uma superioridade racial europeia, abaixo:

A falta de controle distingue o caráter dos negros”, afirmou no livro *A Filosofia da História*, de 1837. “Essa condição incapacita o desenvolvimento e a cultura.” Por essa razão, segundo Hegel, “a única essencial ligação que existiu e permaneceu entre negros e europeus é aquela da escravidão (GOMES, 2004, P. 73-76).

Figura 6: “A Redenção de Cam” (1895), de Modesto Brocos<sup>31</sup>



Fonte: Roncolato (2018).

A ideologia racista subjuga o povo africano e a cor da pele é definidor da escravidão, simbólico. Para além disso, a pele da cor preta é ressignificada como escuridão, dotes malignos e suja, em contraste com a pele branca sinônimo de luz e dotes divinos e de pureza. Nesse contexto, a igreja cristã define um inimigo: as religiões de matriz africana são

---

30 Maldição de Cam: “maldito seja Canaã, servo dos servos será de seus irmãos” refere-se a uma passagem bíblica em Gênesis 9:25, passagem bíblica utilizada para justificar a escravidão dos povos negros.

31 Obra que permite através de uma leitura crítica, no contexto do Brasil do século no XIX, a partir da Teoria Científica do Branqueamento, que baseada no Racismo Científico e Darwinismo Social justificaria o etnocentrismo.



o lado mal e a cristã é o lado do bem. Como não pensar o papel da religião cristã enquanto instituição direcionada para o controle, para o poder e seus malefícios a humanidade, refletindo de forma indispensável, a partir da Teodiceia do Sofrimento de Weber<sup>32</sup>, como conceber o mal e injustiças se esse Deus cristão é um Deus onipresente e benevolente.

Figura 7: Realidade social, dualismo entre o mundo espiritual e o mundo material frente a frente, cidadão dormindo no canteiro da avenida em frente a um templo religioso



Fonte: Arquivo próprio

Diante desse dualismo, onde a cor da pele branca ou preta são postas socialmente em realidades exponencialmente distintas e, conscientes que somos de que a questão é social, antes mesmo de ser religiosa ou econômica, pensando a personalidade humana e a cultura através de Ruth Benedict em sua obra *Padrões de Cultura* (2013), na hipótese de se deparar frente a duas portas de cores distintas, sendo, uma porta de cor branca que te

---

32 Proposta de estudo que busca justificar a existência de um Deus obscuro e um mundo com sofrimento, desigualdade e imperfeito.



levaria a um banquete com uma festa dionisíaca<sup>33</sup>, e outra porta de cor preta que te levaria para outro banquete com uma festa apolínea<sup>34</sup>, qual você escolheria, qual te seduz mais? Quão ousada ou corajosa seria para encarar sua própria escolha e as consequências dela?

Como ensina Benedict (2013), por vezes a dicotomia que é reflexo da diversidade cultural da humanidade deveria ser entendida e respeitada, um embate permanente contra aqueles que intolerantes optam pela eliminação do outro, uma luta para garantir que a diversidade humana é nossa maior riqueza.

## REFERÊNCIAS

ALFORJE SAGRADO. Saquitel com zíper - minhas primícias. 2025. Disponível em: <https://www.alforjesagrado.com.br/produtos/saquitel-com-ziper-minhas-primicias/>. Acesso em: 01 out. 2025.

BENEDICT, Ruth. A diversidade de culturas. In: BENEDICT, Ruth. Padrões da cultura. Petrópolis: Vozes, 2013 (1934).

BOAS, Franz. Os objetivos da pesquisa antropológica (1932). In: BOAS, Franz. Antropologia cultural: textos selecionados. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GABATZ, Celso. A importância do dinheiro nas práticas religiosas das denominações neopentecostais: uma análise a partir da teologia da prosperidade. Revista Ciências da Religião – História e Sociedade, v. 10, p. 94 – 118. Fev. de 2012.

GOMES, Laurentino. Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de

---

33 Refere-se às qualidades associadas ao deus grego Dionísio, como excesso, desmesura, instinto, emoção e caos.

34 Referindo-se ao princípio da razão, ordem, beleza e forma idealizada, derivado do deus grego Apolo.



Zumbi de Palmares, Volume I. 1. ed. - Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?. Apple Books. 2024. Disponível em: <https://books.apple.com/us/book/orix%C3%A1s-caboclos-e-guias/id1493438043>. Acesso em: 01 de out. 2025.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (1922).

RONCOLATO, Murilo. A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil. EDUSP. 14 Jun. 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 01 out. 2025.

STOCKING JR., George W. (Org.). “Introdução: Os pressupostos básicos da antropologia de Boas”. In: Franz Boas: A formação da antropologia americana 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. UFRJ, 2004.

STOCKING JR., George W. (Org.). “Os objetivos da etnologia e Sobre os sons alternantes”. In: Franz Boas: A formação da antropologia americana 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. UFRJ, 2004.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.





## **CAPÍTULO 7**

**ENTRE PRATELEIRAS E O CLIENTE: UMA ETNOGRAFIA DO  
CONSUMO EM UM SUPERMERCADO**

# ENTRE PRATELEIRAS E O CLIENTE: UMA ETNOGRAFIA DO CONSUMO EM UM SUPERMERCADO

Ricardo da Conceição

O consumo não é um simples ato econômico; é, acima de tudo, um ato cultural  
Marshall Sahlins e Cultura e Razão Prática, de 1976.

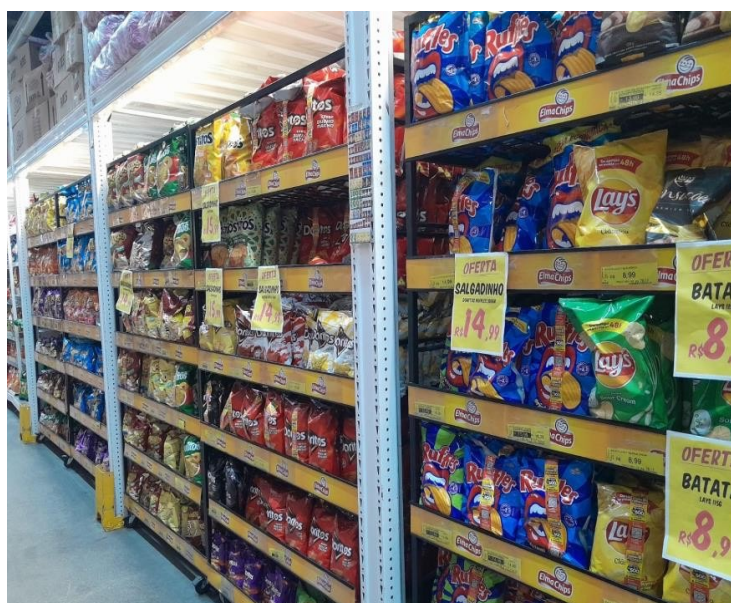
No anoitecer do sábado, dia 17 de maio de 2025, adentrei em um grande supermercado (um atacadista, por assim dizer, muito frequentado por camadas sociais distintas) próximo ao bairro em que resido. Com a ideia não de comprar algo para a minha casa, mas, sim, de observar o movimento, o fluxo de gente que nele transita, os carrinhos, os produtos, os caixas de pagamento, a fim de produzir um trabalho etnográfico para a disciplina de Antropologia da Universidade em que realizo o curso de História (Licenciatura), realizei uma saída de campo. A escolha desse estabelecimento se deu por ser muito perto da minha casa — acredito que um quarteirão — e porque, nos dias comuns de necessidade de alguns produtos, acabo por frequentá-lo e comprar os itens básicos que nos faltam na cozinha e na limpeza da casa. É só atravessar a avenida central, que dá sentido à praia local, subir uns degraus da escada e já estaremos diante da porta automática dele. Neste dia, excepcionalmente, levei a minha filha para que, juntos, pudéssemos também experienciar esse olhar científico. Maria Alice foi conduzida em um carrinho de bebê, pois não conseguia — e não podia — caminhar, devido à dificuldade locomotora no pé esquerdo, que havia quebrado alguns sábados antes.

Este ensaio etnográfico me provocou um toró de ideias — daqueles que fazem a gente transbordar de pensamentos críticos — e acabou se alinhando profundamente ao meu objeto de trabalho e de estudos. Em meu trabalho, lido cotidianamente com a sensibilização e a educação ambiental sobre o consumo, o descarte, o sujeito, o capital, o meio ambiente, a sustentabilidade e a saúde planetária. Ao tensionar a extratividade



humana e o processamento dos recursos naturais extraídos e transformados em produtos, somos constantemente convidados a adquiri-los. Na cultura dos Nacirema, Miner (1973), nos mostra, por exemplo, que o corpo desses sujeitos é dotado de imperfeições e doenças, e que a busca pela purificação ocorre por meio de certos rituais envolvendo produtos, cosméticos, tratamentos e serviços. Isso revela a lógica do consumismo moderno, em que o mercado cria necessidades para vender soluções, como se vê na Figura 1.

Figura 1 – Entre as prateleiras e as ofertas



Fonte: arquivo pessoal.

Essa crítica é extremamente atual em nossa sociedade cada vez mais consumista, em que passamos a adquirir insumos mesmo sem a real necessidade de tê-los em nossas despensas, guarda-roupas ou em nossas vidas, nessa prática ritual cotidiana. É dessa forma que age o capitalismo: criando necessidades artificiais para multiplicar e acumular capital. Como bem analisa Zygmunt Bauman em *Vida para Consumo* (2008), vivemos em



uma sociedade onde “o consumo deixou de ser meio para se tornar um fim em si mesmo”, moldando subjetividades e induzindo desejos que sustentam a lógica da acumulação. Este ensaio fluiu por força desse conjunto de fatores, culminando positivamente nessa realização descritiva e interpretativa, fazendo com que eu desenvolvesse uma análise profunda e crítica sobre o “eu” consumidor, não me vendo fora desse oceano; pelo contrário, estou mergulhado de corpo inteiro, pois sou um frequentador assíduo, movido por essa roda incessante do capital, que me conduz a este estabelecimento para suprir as necessidades produzidas por este sistema, inconscientemente.

O olhar auxiliar da Maria, que observava tudo à sua volta, foi determinante para o êxito da proposta acadêmica. Antes mesmo da visita ao referido supermercado atacadista, dialogamos sobre como seria essa nossa aventura investigativa. Ela ia me alertando a cada produto que via, e, à medida que passávamos pelos corredores, também percebíamos diversos pacotes de bolachas de marcas diferentes, com designs divertidos e coloridos, que chamaram muito a sua atenção. Ao passarmos por um corredor estrategicamente organizado para conduzir os clientes até os caixas, notei prateleiras abarrotadas de chocolates sortidos e uma longa fileira de “Kinder Ovo”. Foi então que Maria me pediu que comprasse um deles, para, em casa, montar e brincar com o brinquedo surpresa que vinha dentro — sem saber qual seria, mas já encantada pela promessa lúdica e quase mágica que aquele produto desperta. Fiquei tocado com o seu pedido. Difícil não atender aos pedidos da Maria, mesmo diante desse artifício como brinde do capitalismo. O seu olhar sempre amolece o meu coração — mais parecido com aqueles olhares de gatinhos e cachorrinhos.



Figura 2 – O objeto hipnotizador de desejo da Maria



Fonte: arquivo pessoal.

Entre carrinhos, cestas e prateleiras abarrotadas de produtos, o que se revela não é simplesmente a escolha dos produtos, mas um complexo processo social. Com o olhar etnográfico, busquei analisar e compreender como os clientes reagem nesse ambiente moldado para o consumo. O supermercado é um espaço com um cenário de consumo meticulosamente pensado, planejado por empresários, gerentes e donos de marcas para que os clientes comprem sem ao menos terem o desejo inicial de adquirir algo. Haja vista a disposição dos produtos, a música, o ambiente, a iluminação, os cartazes e o locutor recitando as promoções do dia e do mês, além dos produtos hortifrutis fresquinhos, “direto do campo”. Tudo isso cria uma imaginação, uma atmosfera que favorece para que os clientes comprem e sempre voltem. Esses ambientes propiciam e facilitam cada vez mais a ida dos cliente em busca daquilo que julgam precisar ou que está em falta em suas casas. Como assim? Sim! Nessa demanda diária desenfreada, em que o tempo passa a ter um preço alto de horas das nossas vidas, acabam por ambientar esses espaços com conforto,



ar-condicionado, estações de almoço e lanches, e uma diversidade de serviços, para que pensemos que estamos em nossas casas e fiquemos o máximo de tempo em seu interior — e isso tudo em um único supermercado, até que nos avisem pelos microfones que já estão quase fechando os portões.

Figura 3 – Corredores e o hortifruti



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse olhar de observacional, desenvolvendo um treinamento de não julgamento, pude perceber que os clientes agem quase instintivamente, dentro de uma rotina e com estratégias inconscientes, seja buscando ofertas ou evitando suas tentações. Nesse lugar, também sou um cliente no dia a dia comum deste tempo frenético de “compre, compre mais e até o que não puder levar”. Acabo sendo seduzido e penso: “Nossa quanta coisa! Está tudo o olho da cara! Por que trouxe isso, aquilo etc.?” Não posso deixar de suplementar que, nessa lógica do consumo, o meio reproduz essa necessidade até para quem está intimamente próximo de mim, como minha filha, Maria Alice, que, ao caminharmos pelos corredores, observando visual e mentalmente, também é abduzida pelas ofertas abundantes



de produtos voltados para crianças.

Eu segui empurrando o carrinho em que Maria estava sentada e, já com os olhares um pouco mais treinados, aumentamos nossas lentes para os horizontes objetivos da pesquisa. Paramos muito próximos a uma empilhadeira que abastecia algumas prateleiras que já se encontravam com poucos produtos em exposição aos clientes. Cuidadosamente, pedi licença e perguntei se seria possível um dedo de prosa daquele tempo precioso do colaborador, que estava repondo o estoque, e se poderíamos conversar diante do corre-corre das pessoas escolhendo e levando seus produtos embora. Com um sinal positivo, foi concedida uma minientrevista com o repositor colaborador. O próprio Lévi-Strauss (1983) alerta que o etnógrafo é aquele que olha, escuta e escreve. Ao conversar, algumas perguntas curiosas foram surgindo, enquanto outras pareciam pertencer ao campo da obviedade. Contudo, não queria soar invasivo. Entre elas, questionei: Como era o perfil dos clientes? Havia muitas reclamações? Como era a experiência de flagrar clientes consumindo e deixando produtos semiabertos nas prateleiras? E como se sentiam diante das promoções — surpresos? Prontamente, ele me respondeu de forma profissional que tudo isso já era uma normalidade e que não se incomodava com esses fatos. Disse também que “o cliente tem sempre razão”, especialmente quando se indigna ao perceber os preços aumentarem de um dia para o outro. Comentou ainda que costuma orientar os clientes a levarem consigo as embalagens vazias para serem pagas no caixa, evitando problemas com o pessoal da segurança do estabelecimento.

Nesta atmosfera de observação e escuta, nos diálogos entre eu e Maria, surgiu à possibilidade efetiva e concreta de receber informações preciosas do entrevistado acima citado, a fim de aferir sensivelmente e compreender o universo real (físico) e humano de quem frequenta esse local de aquisição de suprimentos básicos — não apenas para sobreviver, mas também para atender aos seus desejos humanos e mercadológicos. Faço a reflexão de que também não estou fora desse barco, no oceano do consumir coisas, pois sou um



cidadão frequentador contumaz. Assim como qualquer pessoa comum, sou influenciado a comprar produtos que não necessariamente precisaria ter no meu dia a dia. E digo e reafirmo que não estou livre do bombardeio das propagandas promovidas pelo sistema capitalista, que jamais se furtará a se reinventar, nos moldes de um camaleão, redirecionando nossos passos e nos convidando constantemente ao consumo.

Figura 4 – O eu consumidor



Fonte: arquivo pessoal.

As escolhas pelos produtos acabam por não ser neutras; são influenciadas pelos preços, marcas, promoções, propagandas nas redes sociais e veículos de informação tradicionais, gerando memórias afetivas, além da influência de outras pessoas que estão comprando ao lado, despertando curiosidades e interesses. O movimento e o trânsito no ambiente eram constantes — tanta ebulição de gente neste início de sábado! Ouvi e observei



senhoras comentando sobre os preços das hortaliças, um grupo de jovens na padaria decidindo qual pão de fatias levariam, integral ou tradicional, e um cidadão com sua esposa escolhendo um litro de bebida destilada e colocando-o no carrinho já cheio de produtos. Havia filas nos hortifrutis, tanto nos caixas convencionais quanto no autoatendimento — uma constante, quase uma praxe. O público era muito plural: gente da comunidade dos países irmãos da América Latina, brasileiros de outros estados e municípios de Santa Catarina — tudo isso perceptível pelos idiomas, sotaques e até pelas vestimentas distintas, diferentes do dia a dia de um manezinho nascido e criado em Florianópolis.

O referido trabalho deixou evidente que, por meio das lentes da observação, este espaço tão concorrido e democrático faz desse ambiente de escambo um verdadeiro campeão de vendas, com suas promoções, descontos, crediários e datas festivas. Revelou-me também que o simples ato de comprar é, acima de tudo, um comportamento social. Milhares de clientes de diferentes tecidos demográficos e geográficos levam e trazem consigo suas histórias, seus desejos, suas escolhas — mesmo que induzidas a comprar inconscientemente pelas necessidades criadas por meio da sede do capital em manter a roda do consumismo girando —, suas estratégias de compra e seus costumes. Escolher um produto mais barato, mais simples, dependendo se o valor cabe no bolso, ou decidir que determinado item não vale a pena adicionar ao carrinho, ou ainda reconhecer que não há necessidade primordial de tê-lo na despensa: tudo isso compõe esse processo. O supermercado torna-se um pequeno mundo, um recorte do cotidiano dos extratos sociais que interagem entre si, entre prateleiras, corredores, preços baixos, preços salgados, promoções, produtos, pagamentos nos autoatendimentos, nos caixas rápidos e naqueles que ficam chamando os clientes para se dirigirem até eles, evitando as mega filas. Um emaranhado de acontecimentos no dia a dia das pessoas dentro da perspectiva das necessidades, do consumo e das idas e vindas ao mercado. Eu? Bem, eu também estou dentro desse carrossel que nunca para de girar.



## REFERÊNCIAS

LÉVI-STRAUSS, Claude. O olhar distante. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MINER, Horace Albert. Ritos corporais entre os Nacirema. In: ROMNEY, Kenneth; VORE, Philip L. (Orgs.). You and Otherd: Readings in introductory Anthtopology. Cambridge: Winthrop Publishers, 1973. P. 72-76.

SAHLINS, Marshall. (2004). Cultura e razão prática. São Paulo: Edusp. (Obra original publicada em 1976).

BAUMAN, Zgmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008





## **CAPÍTULO 8**

**DESENHAR A CIDADE, HABITAR O ESPAÇO: UM ENSAIO  
ETNOGRÁFICO SOBRE O MOVIMENTO URBAN SKETCHERS EM  
RIO GRANDE (RS) E FLORIANÓPOLIS (SC)**

# DESENHAR A CIDADE, HABITAR O ESPAÇO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O MOVIMENTO URBAN SKETCHERS EM RIO GRANDE (RS) E FLORIANÓPOLIS (SC)

Rubia Alves Ramos

“Mudar para uma nova cidade pode ser intimidador. Eu tenho feito isso muitas vezes desde que eu deixei minha cidade natal, Barcelona, em 1987 para frequentar a universidade em Pamplona. Eu morei em Reno, Palm Springs e Washington D.C., mas foi apenas quando eu me estabeleci em Seattle em 2006 que eu descobri uma nova forma para lidar com o estresse de viver em um território desconhecido. Eu peguei um caderno e comecei a desenhar o que eu via” (CAMPANARIO, 2012, p. 11).

Esse é o relato inicial do livro *The Art of Urban Sketching*, de Gabi Campanario, fundador do movimento de desenhistas urbanos, Urban Sketchers (USk). “Nós mostramos o mundo, um desenho por vez”. Esta frase é considerada a máxima do movimento, que tem ganhado projeção internacional e crescido diariamente. Se a prática de registrar elementos da cidade começou quando esse jornalista utilizou o desenho urbano como um subterfúgio para dirimir a saudade de sua terra natal após chegar a Seattle, nos Estados Unidos, hoje o movimento reúne diversas pessoas interessadas em desenhar e se apropriar das cidades onde vivem e para onde viajam. Munidos de cadernos e canetas, elas saem às ruas da cidade para desenhá-la, conhecê-la e/ou, como Campanario afirma, adaptar-se a ela (VALGAS, 2022, p. 21).

O movimento Urban Sketchers (USk) teve início em novembro de 2007, quando o ilustrador e jornalista espanhol Gabi Campanario criou um grupo virtual chamado Urban Sketches com o objetivo de reunir pessoas que “amam desenhar as cidades onde vivem e que visitam, sempre no local, não por fotos ou pela memória”. Inicialmente, os desenhos eram publicados na rede social Flickr, sempre acompanhados do local de realização e de informações contextuais, incentivando os participantes a escreverem histórias com cada



sketch. Em 2008, Campanarios lançou o blog “Urban Sketchers”, com o lema “ver o mundo, um desenho por vez”, consolidando um manifesto que expressava sua visão artística e jornalística do mundo urbano.

#### Manifesto

- 1.) We draw on location, indoors or out, capturing what we see from direct observation.
- 2.) Our drawings tell the story of our surroundings, the places we live, and where we travel.
- 3.) Our drawings are a record of time and place.
- 4.) We are truthful to the scenes we witness.
- 5.) We use any kind of media and cherish our individual styles.
- 6.) We support each other and draw together.
- 7.) We share our drawings online.
- 8.) We show the world, one drawing at a time.

(<https://urbansketchers.org/who-we-are/#manifesto>)

A proposta rapidamente ganhou visibilidade global, inspirando entusiastas do desenho de todos os continentes. O movimento passou a contar com uma estrutura mais organizada, com grupos nacionais e subdivisões locais, coordenadores e correspondentes responsáveis por publicar nos blogs. Em 2018, já havia cerca de 200 blogs regionais, com correspondentes no blog principal e mais de mil participantes em mais de 20 países. Naquele ano, a comunidade contava com 170 mil desenhos postados no Flickr, 150 mil visualizações mensais no blog internacional e mais de 2,5 milhões de acessos desde sua criação. Além disso, o grupo no Facebook já reunia 60 mil membros.

O Urban Sketchers chegou ao Brasil em 2011, trazido pelos arquitetos Eduardo Bajzek e Juliana Russo, e pelo artista plástico João Pinheiro, todos de São Paulo. A comunidade



brasileira cresceu rapidamente, contando em 2018 com cerca de 60 correspondentes e mais de 8 mil seguidores no Facebook. Desde 2016, o USk Brasil realiza encontros nacionais anuais nos moldes dos simpósios internacionais, reunindo entre 200 e 300 pessoas em cidades como Curitiba, São Paulo e Salvador.

Este ensaio etnográfico concentra-se nos encontros do USk realizados em 2025 nas cidades de Rio Grande (RS) e Florianópolis (SC), com o objetivo de refletir sobre a prática do sketching urbano como forma de habitar o espaço através do desenho. A partir da observação participante e do registro sensível dessas experiências, busca-se compreender como o ato de desenhar em grupo no espaço público se articula com a construção de memória coletiva, o sentimento de pertencimento, a educação patrimonial e a resistência à homogeneização dos territórios urbanos.

O urban sketching, enquanto prática artística e social, dialoga com conceitos como memória e patrimonialização. Assim como proposto por Baudelaire (1983) em sua figura do artista moderno, que busca capturar o heroísmo da vida cotidiana, os urban sketchers voltam seu olhar aos detalhes banais das cidades, transformando-os em inspiração poética. Seus desenhos, frutos de uma visão demorada e atenta, captam realidades, deixam vestígios e revelam fantasmas escondidos pelos espaços urbanos. Esse olhar fresco e desacelerado sobre a cidade propicia uma escuta visual do espaço, desenvolvendo uma individualidade poética ao mesmo tempo em que cria vínculos afetivos e históricos com os lugares desenhados.

Assim, o movimento Urban Sketchers se apresenta não apenas como uma rede global de desenhistas, mas como uma prática de resistência cultural, que valoriza o olhar singular sobre o cotidiano urbano e contribui para a construção de narrativas alternativas sobre a cidade e suas múltiplas camadas de significado.



## **DESENHAR PARA REENCANTAR: O Urban Sketching como Prática de Memória e Resistência**

A Constituição Federal Brasileira, em seu Artigo 216, define o patrimônio cultural como as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, e os espaços que mantêm viva a identidade e a memória dos grupos sociais. Embora não institucionalizada, a prática do sketching urbano inscreve-se nesse campo como uma forma alternativa de educação patrimonial. Desenhar torna-se um meio de dar visibilidade e valor simbólico aos espaços, em um movimento que Pesavento (2007) identifica como patrimonialização, processo que se intensifica especialmente quando mediado por experiências coletivas de escuta e representação.

O sketching urbano é, por natureza, uma atividade que pode começar de maneira solitária, mas que se socializa quando os desenhos são compartilhados em redes, expostos em blogs ou realizados em grupo. Esse compartilhamento transforma a experiência individual em um diálogo com outros olhares, outras memórias, outras formas de sentir e habitar a cidade. E, nesse movimento, o desenho adquire uma potência política e poética. Desenhar exige atenção aos detalhes, aos contornos de uma janela, à textura de uma parede, à forma como a luz toca um banco de praça, e isso cria uma relação intensa e afetiva com os lugares retratados.

Assim, os sketchers resistem de diferentes formas: à brutalidade da materialidade, ao eternizar por meio do traço lugares em constante transformação ou risco de desaparecimento; à brutalidade das sociabilidades, ao formar redes de afeto e pertencimento por meio do encontro; e à brutalidade do olhar, ao desacelerar o tempo e abrir espaço para a contemplação, para a escuta do espaço urbano e para a extração de poesia do cotidiano.

O desenho urbano se torna, portanto, um dispositivo micropolítico de resistência. É o que Michel de Certeau (1994) chama de “táticas cotidianas”: práticas que, apesar de



ordinárias, desafiam as formas hegemônicas de produção do espaço. Nesse contexto, a prática do sketching aparece como um “olhar outro” que reinventa as margens da cidade, cria possibilidades de habitar e transforma o banal em extraordinário. Ruth Rosengarten, ao relacionar os escritos de Certeau com o movimento Urban Sketchers, ressalta que criamos lendas e memórias urbanas ao nos orientarmos por esses espaços, vivenciando-os com os corpos, com os sentidos. “Não há lugar que não esteja assombrado por muitos espíritos diversos”, escreve Certeau, enfatizando a densidade afetiva e simbólica dos espaços urbanos.

Assim, o sketching urbano se configura como uma verdadeira “arte de fazer” a cidade, um gesto estético e político que reconecta pessoas e espaços, dá voz ao cotidiano e reinscreve afetos e memórias na cartografia urbana. É, ao mesmo tempo, escuta e fala; preservação e criação; registro e invenção.

### **RIO GRANDE (25/01/2025): Caturritas e o Casarão dos Bianchini**

No encontro realizado em Rio Grande, no dia 25 de janeiro de 2025, o grupo se reuniu em frente ao Palacete do Conde Bianchini, uma notável construção histórica localizada na Avenida Rio Grande, nº 184, no Balneário Cassino, em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Erguido em 1919 pelo comerciante Carlos Alberto Cuello, o edifício foi projetado pelo arquiteto Alberto Rheingantz no estilo liberty italiano, característico das residências de veraneio da Toscana.

O palacete ocupa uma quadra inteira. O gramado, verde e recém-cortado, estava bem cuidado, e na calçada haviam sido plantados oito pés de hibisco, todos floridos. A vegetação frontal do jardim é delimitada por uma cerca baixa de alvenaria clara, entremeada por grades de ferro forjado. O portão principal, também de ferro ornamentado, é centralizado e se alinha com o caminho que conduz à escadaria de entrada, revestida com piso cerâmico



avermelhado.

Em primeiro plano, na calçada, duas árvores podadas em forma de arco emolduram visualmente o portão e a entrada da casa, uma composição que parece cuidadosamente planejada para convidar o olhar a penetrar o espaço interno. Uma palmeira solitária se destacava entre pequenos arbustos floridos, compondo um jardim elegante e sereno. Ao cruzar o portão, notava-se uma peça de cerâmica com a imagem de um cachorro preto e a inscrição em latim cave canem (“cuidado com o cão”).

A fachada é marcada por arcos e colunas de raízes românticas, evocando os sobrados das chácaras toscanas. Simétrica e imponente, era pintada em tom de bege claro, que contrastava de forma elegante com o telhado de cerâmica vermelha, no estilo capa e canal. À esquerda, destacava-se um torreão quadrado com janelas arqueadas duplas no topo, conferindo ao edifício um ar nobre e decididamente italiano. As quinas do edifício e do torreão eram realçadas por elementos de cantaria, reforçando o estilo histórico do imóvel.

Chegamos por volta das 14h, levando papel, canetas, água e cadeiras. Já havia algumas pessoas sentadas; a maioria também havia levado seus próprios assentos. O bairro estava repleto de turistas, e podia-se ouvir o burburinho das conversas. Ao longe, no Hotel Atlantico, acontecia um ensaio de samba em preparação para o carnaval. O desfile se aproximava, e a cidade ganhava vida a cada hora.

A tarde estava excelente: um dia de sol com uma brisa fresca vinda da maior praia do mundo, o Cassino. Sentamo-nos na praça entre a Avenida Rio Grande, à sombra de grandes eucaliptos. De tempos em tempos, o vento sacudia as copas das árvores, fazendo cair algumas folhas. Os eucaliptos estavam cheios de caturritas construindo ninhos, pequenos bandos barulhentos que pareciam comentar entre si, sem cessar, sobre o que víamos.

O encontro contou com poucas pessoas, mas o ambiente era acolhedor. Um homem alto, cabelos castanhos com alguns fios grisalhos, óculos redondos no estilo Harry potter, regata branca e um short preto, veio até nós para dar as boas-vindas e apresentar a



proposta do evento: desenhar o palacete, ou qualquer coisa que tocasse o coração de cada participante. O grupo era diverso. Não havia idade mínima ou máxima. Havia senhores, jovens, profissionais da arte e amadores, unidos pela mesma proposta: um desenho por dia. Mesmo em silêncio, todos eram solícitos.

O palacete, recém-reformado e ainda exalando o cheiro de tinta fresca, impunha-se com sua beleza. Alguns turistas se aproximavam, curiosos com os artistas que desenhavam em silêncio. Jose, artista e educador, conduzia o encontro com reflexões sobre história, arquitetura e paisagem. O gesto de desenhar o casarão não era apenas estético, mas também político: reinscrevia sua existência como patrimônio afetivo da cidade, mesmo que fora dos registros oficiais.

Entre os participantes do encontro, chamou-me a atenção a presença de um senhor e seu filho, ambos já envolvidos com o movimento há algum tempo o senhor, com idade estimada entre 60 e 70 anos, trajava óculos Ray-Ban de modelo clássico, regata preta, bermuda e chinelos, uma indumentária que, embora simples, compunha uma figura bastante distinta no grupo. Seu modo de desenhar evidenciava uma formação técnica tradicional: utilizava um caderno de formato maior e uma diversidade de grafites, com os quais produzia desenhos de proporções rigorosas e sombreados cuidadosamente construídos. Havia uma clara preocupação com a fidelidade à forma e à perspectiva.

O filho, um jovem de aproximadamente 22 anos, vestia uma camiseta polo azul escuro, bermuda preta e tênis de corrida, uma composição que refletia um estilo urbano e prático, condizente com sua abordagem de desenho. Utilizava um caderno de bolso e desenhava com canetas nanquim de espessuras variadas (entre 0.1 e 0.5 mm). Seus traços transitavam entre o delicado e o incisivo, com áreas preenchidas por sobreposições de linhas e rabiscos que sugeriam uma busca mais intuitiva e expressiva pela forma. Apesar de retratarem o mesmo palacete, os dois trabalhos evidenciavam estéticas e concepções de desenho distintas, uma tensão entre o domínio técnico e o gesto livre, entre a tradição e a



experimentação contemporânea.

Outro caso singular foi o de um menino que desenhou o palacete como se estivesse derretendo. A imagem evocava uma percepção onírica ou distorcida da arquitetura, sugerindo uma leitura subjetiva e afetiva do espaço urbano. Tentei localizar esse desenho por meio das hashtags associadas ao evento, mas não o encontrei. Isso revela um aspecto interessante do movimento Urban Sketchers (USK): embora grande parte dos desenhos seja compartilhada digitalmente por meio de hashtags, o que permite sua circulação entre pessoas que não estiveram presentes, que desconhecem o movimento ou que apenas apreciam a prática do desenho urbano, algumas obras permanecem efêmeras, existindo apenas no momento da experiência coletiva, como fragmentos visuais de uma memória situada.

Quando os desenhos estavam quase finalizados, um homem de camisa branca, bermudas e chinelo, aparentava ter entre 45 a 50 anos, nos convidou a atravessar a rua e adentrar o palacete para fazermos a “exposichão” no gramado do palacete. Caminhar até o casarão, que por duas horas havíamos apenas observado à distância, foi como se aproximar de um personagem mítico. A cada passo, ele parecia crescer, tornando-se ainda mais imponente. Desenhar aquele espaço era também reinscrevê-lo no presente coletivo do grupo, reativar sua memória como parte viva da cidade.

No gramado verde, onde os desenhos foram cuidadosamente dispostos, os participantes compartilharam suas produções e trocaram impressões. Era evidente o prazer com que os traços individuais se uniam para compor uma narrativa coletiva sobre o lugar. O ato de desenhar ali assumia uma dimensão que ia além da estética: tornava-se um gesto de resistência simbólica ao esquecimento e à descaracterização do patrimônio.

Cada obra carregava a marca de uma estética própria. Havia desenhos com traços soltos e estilizados, próximos do cartoon; outros seguiam uma linha mais clássica, com atenção às proporções e à perspectiva; e havia ainda os de caráter marcadamente realista, com detalhes minuciosos que sugeriam longas horas de observação e paciência. Por um



instante, o chão do jardim transformou-se em uma galeria efêmera, onde o patrimônio era reinterpretado por múltiplos olhares, uma tradução visual e coletiva da paisagem urbana.

Após a “exposição”, fomos convidados a conhecer o interior do palacete. A travessia da soleira intensificou a sensação de que aquele encontro não se limitava ao desenho, mas envolvia também a criação de vínculos com o espaço. O interior do casarão era tão impressionante quanto seu exterior: vitrais coloridos filtravam suavemente a luz, o piso de madeira rangia sob os pés, e os detalhes arquitetônicos revelavam um cuidado artesanal hoje cada vez mais raro. Ali dentro, o silêncio compartilhado.

Gradualmente, os participantes começaram a se despedir. Alguns saíram em silêncio, outros prolongaram o momento em conversas e abraços. Era perceptível que muitos já se conheciam de outros encontros: trocavam referências, compartilhavam materiais, riam juntos. Havia um senso de comunidade construído ao longo do tempo, alimentado pela prática comum de desenhar a cidade.

Naquele dia, sentar-se diante do palacete, observá-lo com atenção, traduzi-lo em linhas e cores e, por fim, adentrá-lo, configurou uma forma de apropriação simbólica do espaço. Mais do que registrar o que viam, os participantes reinscreviam o edifício em suas memórias afetivas, produzindo uma cartografia sensível do urbano. Talvez resida aí uma das maiores potências do movimento Urban Sketchers: transformar o simples ato de desenhar em um modo de pertencer.

## **FLORIANÓPOLIS (22/02/2025): O Silêncio das Fachadas e os Ruídos do Carnaval**

Na tarde ensolarada de 22 de fevereiro de 2025, o centro histórico de Florianópolis foi palco de mais um encontro do Urban Sketchers (USk), desenhistas urbanos, reunidos na Praça XV de Novembro. O céu azul, pontuado por algumas nuvens, criava uma atmosfera leve e luminosa, ideal para a prática do Urban Sketching. O grupo começou a se reunir por



volta das 15h, entre as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, onde uma série de prédios históricos desenha a face oeste da praça.

Essas edificações, hoje consideradas baixas frente aos padrões contemporâneos, são fruto de uma política urbana iniciada ainda no século XIX, que favorecia novas construções em detrimento de reformas. Como destaca a historiadora Eliane Veras da Veiga, em seu livro Florianópolis: Memória Urbana, esse processo de renovação arquitetônica resultou em casarios verticalizados e revestidos de uma estética plural, com influências do Art Nouveau, Art Déco, neoclassicismo e um forte apelo eclético.

Um desses prédios, situado exatamente na esquina entre as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, voltado para a Praça XV, é um dos que mais se destaca na paisagem. De três pavimentos, sua fachada vibrante em tons de roxo intenso e laranja vivo, com detalhes em preto fosco, especialmente nas janelas, grades e molduras, imediatamente chama a atenção. A esquina arredondada confere um ar elegante a construção, acentuada por uma sacada de ferro ornamentado no segundo andar, que marca o centro da curvatura como um ponto focal.

As janelas superiores são em arco pleno, com molduras bem definidas e recortes verticais laranjas que reforçam a sensação de verticalidade. Essa composição revela elementos de estilo eclético, com nuances neoclássicas e possíveis influências do Art Déco nas linhas retas e simétricas. O andar térreo, hoje adaptado ao uso comercial, possui vitrines e portas envidraçadas protegidas por grades brancas. Um friso preto separa visualmente os andares e a platibanda decorativa, com relevos em arcos e um pequeno escudo na esquina, coroa o edifício, evidenciando a intenção de conferir imponência à sua silhueta.

Atualmente, o prédio abriga estabelecimentos comerciais. Ao seu redor, o movimento é constante, pessoas circulam pela calçada, compondo uma paisagem urbana viva, que alia passado e presente.

Esse prédio, como tantos outros da região, integra um conjunto arquitetônico



remanescente de uma política que transformou a cidade a partir do início do século XX. Além de seu valor estético, há camadas de memória social profundamente associadas ao local. Em um dos edifícios da área, por exemplo, funcionou a célebre Livraria Anita Garibaldi, fundada nos anos 1950 por Salim Miguel e Armando Carreirão. O espaço era reconhecido pelo catálogo literário e político voltado à esquerda. Em abril de 1964, já sob nova administração, a livraria foi alvo da repressão da ditadura militar: livros foram arrancados das prateleiras e queimados em uma fogueira no centro da Praça XV, um ato de silenciamento brutal da cultura e da liberdade de expressão. Nesse cenário impregnado de história, sentar-se para desenhar se torna também um ato de escuta simbólica.

Ao chegar à praça, já havia algumas pessoas posicionadas. Muitos traziam seus próprios banquinhos ou cadeiras portáteis. Eu, sem cadeira, estendi uma canga e me sentei na sombra de grandes árvores nativas. Próximas de mim, algumas senhoras, possivelmente arquitetas, estavam em silêncio, profundamente concentradas em seus desenhos. Uma delas captava os detalhes de todo o edifício; a outra, focava em uma única janela. A precisão e o cuidado técnico eram impressionantes, parecia que a própria janela se materializava no papel.

Com o passar do tempo, mais pessoas foram chegando, espalhando-se ao longo da extensão da Praça XV. Havia gente de todas as idades e estilos. Do lado em que eu estava, algumas barraquinhas vendiam caldo de cana, o aroma doce se espalhava com a brisa quente do verão, atraindo também algumas abelhas curiosas. Um senhor, de cerca de 60 anos, escolheu sentar-se próximo a uma dessas barracas. Vestia uma camisa branca, colete azul, calça jeans e tênis. Usava um chapéu de palha largo, que lhe dava uma aparência serena. Talvez o ângulo que escolheu fosse o mais favorável para ele. Desenhava concentrado, em um bloco próprio para aquarela, registrando com precisão o prédio histórico à sua frente. Seu traço era firme, mas tranquilo, como quem desenha mais com o coração do que com a mão. Ao redor, o burburinho da cidade não parecia afetá-lo. Ele estava ali, inteiro, presente,



compondo em silêncio sua própria leitura da paisagem.

O desenho que resultou dessa tarde expressa não apenas a paisagem urbana, mas também a vitalidade do momento vivido. Essa abordagem carrega as marcas do movimento Urban Sketchers, que valoriza a prática do desenho feito diretamente no local, sem retoques ou artifícios posteriores. As pessoas, os carros, as árvores, aparecem em traços sugestivos, mas carregados de intenção.

Durante o encontro, curiosos passavam e observavam. Crianças perguntavam às mães o que estava acontecendo. Algumas mães, sem saber ao certo, diziam apenas: “eles estão desenhando”. E era isso mesmo, estávamos desenhando, mas também escutando com os olhos, percebendo camadas da cidade que o cotidiano geralmente silencia.

Era sábado de Carnaval. Muitas pessoas passavam fantasiadas, carros tocavam música alta, e a cidade pulsava, cheia de energia. E ali, entre cangas, banquinhos, blocos de aquarela e canetas, desenhistas de todas as idades mantinham viva a prática de observar e registrar o mundo ao redor. Uma prática que é, ao mesmo tempo, arte, memória, resistência e celebração da cidade vivida.

Antes de ir embora, resolvi dar uma última volta pela praça para ver os desenhos produzidos ao longo da tarde, já que não conseguiria permanecer para a “exposichão” que aconteceria mais tarde. A diversidade era notável, tanto de pessoas quanto de traços e estilos. Havia desenhos em aquarela, nanquim, lápis de cor; uns mais técnicos, outros mais gestuais. A maioria desenhava em silêncio, mergulhada em seus próprios processos de observação e criação.

Já em casa, algumas horas depois, decidi procurar os registros do encontro na internet. Encontrei várias imagens compartilhadas nas redes sociais, fotografias dos cadernos de desenho, da praça, dos participantes. Uma, em especial, me chamou a atenção: mostrava um pequeno grupo reunido, composto por seis mulheres, três idosas, três jovens, e um senhor. Estavam todos sentados lado a lado, mesmo sem parecerem íntimos. Duas



das jovens estavam nos degraus de uma loja de revistas, fechada naquele momento; as demais pessoas ocupavam cadeiras portáteis. A disposição corporal indicava um tipo de convivência respeitosa e silenciosa, talvez marcada pelo encontro circunstancial mais do que por vínculos de amizade.

Abaixo da foto, um comentário, escrito por uma das mulheres presentes: “Foi divertido, apesar de tudo. Obrigada por me acolher. Estou tentando voltar a sair de casa sozinha e isso me ajudou muito. (Obrigada, [...] que sentou ao meu lado!)”. Essas palavras dizem muito sobre o que nem sempre se vê nos desenhos: gestos silenciosos de cuidado, acolhimento e empatia. Revelam a potência dos encontros efêmeros, em que o simples ato de desenhar em grupo pode se tornar também um ato de escuta e pertencimento. Naquela tarde, mais do que registrar fachadas ou janelas, registrou-se algo invisível, a partilha de um espaço sensível, em que o olhar se torna forma de escuta, e desenhar é também se deixar ver. Havia ali uma dimensão de escuta simbólica: o desenho tornava visível aquilo que o cotidiano costuma silenciar.

Desenhar um prédio como aquele, hoje pintado com cores que quase desafiam o passado solene de sua arquitetura, é também um exercício de aproximação com suas camadas de tempo. A ornamentação clássica, a vocação comercial, os rastros da repressão, a recente revalorização estética, tudo isso está ali, sobreposto, coexistindo. A pintura atual, em tons vibrantes e incomuns para a linguagem original do edifício, pode ser compreendida como um gesto de ressignificação, talvez até de carnavalização simbólica. Um modo de reafirmar a vitalidade de um patrimônio que resiste, se transforma e continua presente no coração pulsante da cidade.

### **FLORIANÓPOLIS (17/05/25): Aquarelas diante do mar oculto**

O terceiro encontro documentado aconteceu em 17 de maio de 2025, na Rua Antônio



(Nico) Luz, em frente ao Forte Santa Bárbara. O prédio retratado era a antiga sede do Clube Náutico Francisco Martinelli, inaugurado em 1935, com traços ecléticos e uma cobertura marcante em forma de mirante. Após os aterros da Baía Sul, na década de 1970, o edifício perdeu sua conexão direta com o mar, uma ausência que os sketchers pareciam querer recuperar com seus traços.

O encontro teve início às 14h. O dia estava agradável, com aquele clima típico de outono: nem quente, nem frio. Ao chegar em frente ao Centro Cultural da Marinha, já havia algumas pessoas acomodadas em cadeiras de praia ou sentadas no muro baixo do prédio. Logo notei um senhor sentado num canteiro, entre a Avenida Paulo Fontes e Rua Antônio Nico Luz. Estava num banquinho, encostado à antiga fachada do terminal desativado, pintando em silêncio.

O prédio que ele retratava, o antigo Clube Náutico, ainda impõe respeito, mesmo marcado pelo tempo. Sua arquitetura chama atenção com elementos neoclássicos e uma cobertura elevada em forma de mirante, como se tentasse tocar o céu. Imagino como era, décadas atrás, quando o mar ainda o abraçava de frente, antes de ser afastado pelos aterros da Baía Sul.

Hoje, o mar já não está mais ali, mas o edifício ainda guarda algo dessa presença ausente. Há uma imponência nostálgica em sua estrutura, atravessada por sinais de abandono e pela memória silenciosa que emana de suas paredes. A fachada branca, ainda simétrica e elegante, exhibe molduras, frisos e sacadas em ferro trabalhado. Mas o branco já se entrega ao verde do limo, escorrido pela chuva. É fácil ver os caminhos da água: trilhas esverdeadas que revelam a falta de manutenção. Cada mancha, cada fissura, parece contar uma história de esquecimento.

Lá no alto, no mirante, pequenas plantas nascem entre as frestas da laje. A vegetação espontânea cresce em silêncio, transformando fissuras em solo. Há algo simbólico nisso: não apenas decadência, mas resistência. É como se o prédio, abandonado pela cidade,



fosse lentamente reocupado por outra lógica, a do tempo natural, que disputa espaço com o tempo urbano. Ao redor, portas metálicas fechadas, algumas com placas de “aluga-se”. O prédio parece mais documento do que espaço vivo, mas ainda fala, em silêncio, sobre o que foi, o que perdeu e o que ainda insiste em ser.

Reconheci o senhor do canteiro: era o mesmo que estive no evento de 22 de fevereiro. Atravessei a rua e fui cumprimentá-lo. Ele sorriu, balançou a cabeça, abaixou o olhar e continuou pintando, em silêncio.

Esqueci a cadeira no carro e não levei uma canga. Tentei me acomodar no muro baixo do Centro Cultural, mas as correntes o tornavam desconfortável. Acabei sentando no chão. Peguei meu material: uma folha de aquarela, um marcador amarelo e canetas nanquim. Comecei a desenhar em silêncio também. O som dos carros e a música dos bares ao redor não atrapalhavam; apenas ambientavam. Era o som da cidade viva.

Enquanto desenhava, percebi que a frente do Centro Cultural estava tomada por pessoas. Cada uma havia encontrado seu ângulo, sua forma de olhar. Alguns desenhavam os participantes, outros o prédio proposto pelo movimento USK. O senhor do canteiro atravessou a rua e começou a observar os desenhos, sempre muito educado.

Logo passou o carimbo do USK Florianópolis, e os participantes começaram a carimbar suas obras. Uma mulher, aparentando uns 40 anos, cabelo chanel ruivo, óculos escuros, blusa verde, jeans e tênis, se aproximou para conversar. Perguntou se já conhecíamos o movimento e o que estávamos achando. Contei que sim, mas levei amigos que estavam participando pela primeira vez. Ela disse que conheceu o USK em novembro de 2024 e se encantou. Desde então, convida uma amiga e as duas participam sempre que podem. Contou que desenhar em grupo é mais seguro e que se sente menos julgada pelos olhares curiosos. Disse que fez amizades verdadeiras e conheceu lugares e histórias da cidade que talvez nunca teria descoberto.

Conversamos com ela que o melhor ângulo para desenhar era de dentro do jardim



externo do Centro da Marinha. E ela relatou que, pouco antes de chegarmos, algumas pessoas colocaram cadeiras no gramado, mas um segurança apareceu pedindo, de forma ríspida, que todos se retirassem, não era permitido permanecer ali. Um jardim lindo, com grama verde e árvores, inacessível ao público comum.

Depois disso, ela perguntou se o carimbo já havia passado. Em seguida, outra mulher, mais séria, se aproximou perguntando se queríamos participar do sorteio. Entregou-nos um papel para escrever nossos nomes. Dobrei e coloquei no potinho. Já a outra moça, a de cabelo chanel, ela agradeceu a presença, deu as boas-vindas aos que não conheciam o USK e saiu sorridente, pedindo para ver os desenhos dos outros participantes.

Perto das 16h, as pessoas começaram a apoiar seus desenhos no chão, no muro ou nas correntes grossas, um contraste quase poético entre o papel e o ferro. Era a clássica “exposichão”. Muitos desenhos, de vários ângulos e técnicas. Todos se reuniram para observar, fotografar, admirar. A exposição espontânea na rua criava um breve e potente momento de encontro entre arte e cidade, entre desconhecidos que compartilhavam o mesmo espaço.

Alguém então perguntou: “E o sorteio?”

Cinco pessoas foram sorteadas.

Os prêmios eram pôster com caricaturas cartunescas. A cada nome chamado, uma chuva de palmas e gritos, como em um aniversário de uma tia muito querida.

No fim, todos atravessaram a rua para tirar a foto em frente ao prédio.

Nesse dia, poucas pessoas pararam por ali. Poucos curiosos. Mas quem estava presente, estava inteiro, em silêncio, em traço, em memória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inspirado pelas reflexões de Valgas (2021; 2022), este ensaio etnográfico procura



compreender como o movimento Urban Sketchers (USk) pode ultrapassar os limites tradicionais da arte, afirmando-se como uma prática poética, política e sensível de reapropriação dos espaços urbanos. Seus praticantes, ao saírem às ruas munidos de cadernos e canetas, operam uma espécie de insurgência visual contra o esquecimento, devolvendo presença e significados a lugares tantas vezes silenciados pelo ruído da modernidade e do capital.

Gabi Campanario (2012), fundador do movimento, nos lembra que “mostramos o mundo, um desenho por vez”. Este gesto, aparentemente simples, carrega em si uma potência de atenção, de escuta e de afeto. Ao desenhar, os sketchers resistem ao tempo acelerado das metrópoles e exercem o que Charles Baudelaire (1983) chamaria de olhar do flâneur, aquele que vagueia pelas cidades atento às sutilezas do cotidiano, transformando o efêmero em matéria estética e sensível.

Desenhar a cidade, como mostram os encontros vivenciados em Rio Grande e Florianópolis, é também um ato de cuidado. Como destaca Michel de Certeau (1994), são nas práticas ordinárias como andar, observar ou desenhar, que se inscrevem modos de resistência à lógica dominante dos grandes sistemas. O desenho urbano se configura, assim, como um modo de “inventar o cotidiano”, reinscrevendo subjetividades nos espaços massificados e cultivando micro-resistências visuais.

Nesse sentido, o USk não é apenas um coletivo de artistas, mas uma micropolítica da atenção, onde cada traço reativa vínculos, pertencimentos e memórias. Michael Pollak (1989) nos adverte que a memória é sempre seletiva, permeada por silêncios e disputas. Os sketchers, ao traçarem fachadas esquecidas ou esquinas apagadas da memória oficial, operam uma revalorização simbólica, um trabalho de patrimonialização sensível, como aponta Sandra Pesavento (2007), capaz de dar visibilidade ao que a história oficial frequentemente omite.

Paulo Henrique Tôrres Valgas (2022) afirma que desenhar é também habitar, escutar e criar sentido no espaço urbano. Seus estudos mostram como o urban sketching transforma



o cotidiano em patrimônio, e o ordinário, em encantamento. Neste fio de memória e traço, também se entrelaçam as ideias de Ruth Rosengarten (2015), que vê nas práticas urbanas sensíveis uma forma de costurar lendas, experiências e afetos na cartografia da cidade.

Por fim, o urban sketching se revela como uma prática de memória viva e resistência delicada, um modo de desacelerar o olhar, de reconhecer-se no espaço e de devolver à cidade sua dimensão humana e poética. É, sobretudo, um gesto de cuidado: com o lugar, com o tempo e com o outro. Desenhar a cidade é, assim, um modo de habitá-la com presença e de declarar: “eu vi, eu senti, e me deixei tocar”. Porque, entre fachadas silenciosas e folhas caídas, aprender a olhar também é aprender a lembrar e cuidar.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CAMPANARIO, Gabi. *The art of urban sketching: drawing on location around the world*. Berkeley: Quarry Books, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Patrimônio e identidade cultural: entre políticas e afetos”. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, v. 1, n. 1, p. 10-25, 2007.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. “Desenhar para habitar: práticas de urban sketching e a patrimonialização do cotidiano”. In: GRANDO, G.; CALDAS, D.; VALGAS, Paulo Henrique Tôrres (org.). *Patrimônio, cidade e ensino: perspectivas etnográficas e experiências educativas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. p. 171-194.



VALGAS, Paulo Henrique Tôres. Urban Sketchers Brasil: memória e sensibilidade nas cidades contemporâneas. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2021.

VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis: memória urbana. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

## APÊNDICE: Figuras

Figura 1- Ramos, Rubia. Exposição dos sketches no gramado do Palacete Conde Bianchine, [fotografia]. Cassino, RS. 2025 Acervo pessoal.



Figura 2 - BRITO, Douglas (@dartbrito). Sketchs da Casa de Cultura do Cassino, palacete dos bianchini, desenho feito em conjunto com @usk\_rio\_grande [fotografia]. 2025. Instagram.

Disponível: <https://www.instagram.com/dartbrito> em Acesso em: 30 out. 2025



Figura 3 – MARITSA, Elaine (elainemaritsa). Terminei de pintar em casa e a canetinha roxa não aguentou tanto roxo, rsrs, acabou antes do fim do desenho. [fotografia]. 2025. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DGayRUIJY0G/?img\\_index=6](https://www.instagram.com/p/DGayRUIJY0G/?img_index=6) Acesso em: 30 out. 2025



Figura 4 – JERONIMO, Ivan (@USKflorianopolis). Um taxi apareceu na frente de onde o @ivanjeronimo estava desenhando [fotografia]. 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/uskflorianopolis/> . Acesso em: 30 out. 2025.

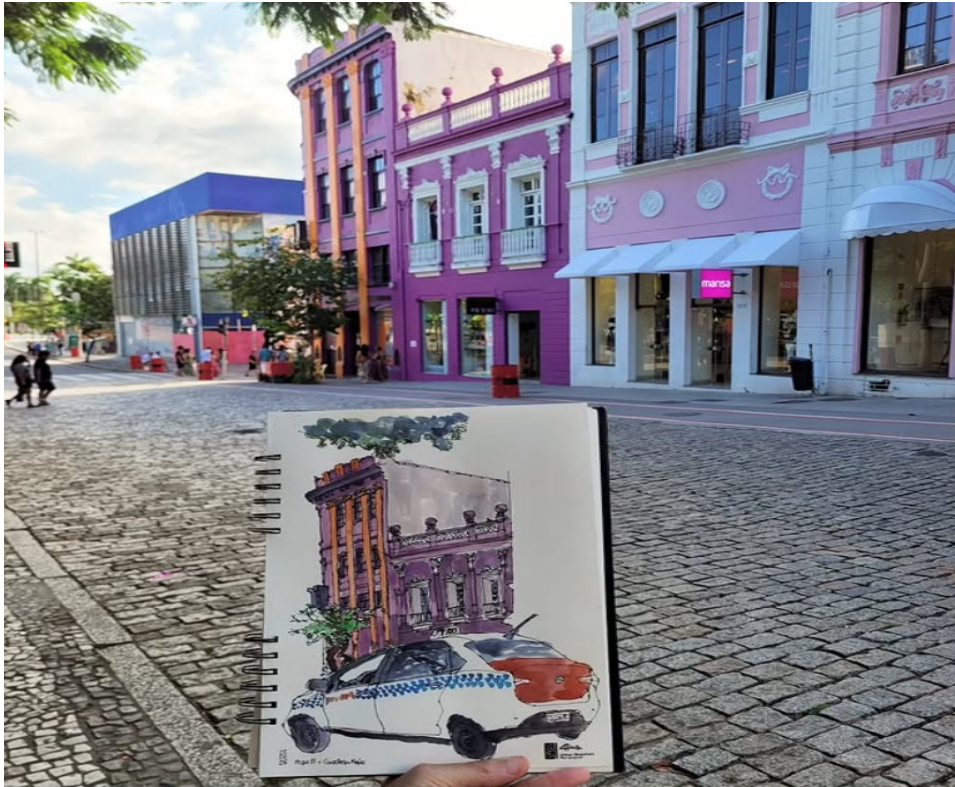


Figura 5 – MENNA, Claudio (@Claumenna). Rabiscos meus na sessão #flp112 do grupo #uskflorianopolis sobre restauro de fachadas em prédios a sudoeste da praça XV no centro de Florianópolis [fotografia]. 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/claumenna/> Acesso em: 30 out. 2025.



Figura 6 – VARTULI, Max (@Vartuli.art) Sem Título [fotografia]. 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/vartuli.art/> . Acesso em: 10 out. 2025.



Figura 7 – MARITSA, Elaine. Mais uma bela arquitetura! #uskfloripa #uskbrasil #urbansketchers #uskfln115 [fotografia]. 2025. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=9941034612623619&set=pcb.9784113075034653> Acesso em: 15 set. 2025.



Figura 8 – RAMOS, Rubia. Exposição dos Sketchs sobre correntes [fotografia]. Florianópolis, SC. 2025. Acervo pessoal.



Figura 9 – RAMOS, Rubia. Sem título [fotografia]. Florianópolis, SC. 2025. Acervo pessoal.





## CAPÍTULO 9

QUASE INVISÍVEIS

## QUASE INVISÍVEIS

Valéria Mendes

Para este trabalho de campo, escolhi um grupo de pessoas que vive em situação de rua, na cidade de Buarque (aqui, todos os nomes próprios são fictícios para proteger sua privacidade). O motivo da minha escolha foi tentar entender como, em situações tão adversas, algumas pessoas conseguem se adaptar e sobreviver.

Eu sempre os observava quando por lá passava. É um grupo de, mais ou menos, 9 pessoas (entre homens e mulheres). Se encontram à noite, sempre no mesmo lugar, para dormirem juntos, pois assim têm mais segurança, já que vivem em vulnerabilidade. Também mora com eles um cão de “raça caramelo”, porte médio para grande. O cão pareceu-me feliz, é livre, aparentemente bem alimentado e tranquilo, porém, extremamente sujo.

Eu não poderia-lhe dizer a eles que precisava fazer um trabalho da graduação observando-os e, muito menos pedir permissão para fotografá-los. Sim, eu menti, menti por omissão porque sei que, às vezes, estes grupos se envolvem em delitos (por exemplo, roubos), muitas vezes por necessidade de sobrevivência. Omiti meu objetivo porque presumo que se sentiriam invadidos e/ou ameaçados por não me conhecerem e viverem constantemente em perigo.

Aproximei-me deles com o argumento de que eu procurava por Sofia, outra pessoa em situação de rua que conheço há meses porque, muitas vezes, ela costumava pedir ajuda à porta do sacolão que frequento e onde sempre conversávamos. Sofia estava grávida, já próxima do final da gestação. Eles não souberam dizer-me por onde ela andava, mas disseram-me que o bebê já havia nascido e que Sofia estava enfrentando uma depressão pós-parto. Além disso, o pessoal do sacolão já havia me informado que o Conselho Tutelar havia retirado a criança dela por viver na rua e ser usuária de crack.



Perguntei se alguém os incomodava por ficarem ali. Disseram-me que o incômodo maior era a polícia, por isso preferiam ficar sempre sob a marquise da grande loja, onde os donos autorizaram a sua presença à noite, desde que, pela manhã, tudo estivesse limpo. E que era um tipo de mutualismo (palavra minha) pois, com a presença deles, não haveria arrombamentos da porta do estabelecimento por ladrões.

Foram bastante amistosos comigo. Um deles tem um grande carrinho de mão, remendado com arames, cheio de material reciclável que ele recolhe e que, à noite, deixa estacionado perto da calçada. Eles ficam entre o carrinho e a porta do estabelecimento. Suas camas eram papelões, nenhum tinha colchão. Sentam-se um ao lado do outro e conversam alegremente. Aparentemente, alguns têm bons dentes, outros não. Uma das mulheres usa óculos de lentes bem espessas, remendados com fita adesiva. Conversei mais com uma das mulheres (a única em pé) que falava várias vezes que precisava de “sua droga”. Não perguntei qual era, mas suponho ser crack. Ela vestia uma roupa que disse ter encontrado no lixo, e como a blusa era curta, era possível perceber uma enorme hérnia em seu ventre. Como ela teve a iniciativa de falar sobre a hérnia, mostrei-lhe a grande cicatriz que tenho também no abdômen, decorrente de uma cirurgia pelo SUS, e sugeri a ela procurar ajuda. No entanto, pareceu-me que não confiava em médicos e/ou no sistema social e não perguntei os porquês, porém penso compreender sua desconfiança. Ela falava de forma truculenta. Segurava um par de sandálias de criança e, quando chegou um homem de bicicleta que parou diante dela, esta entregou-lhe as sandálias e aquele deu-lhe um dinheiro.

Aproveitei que ela havia se afastado um pouco do grupo e conversei mais intimamente. Ela perguntou o meu nome, mas não quis me dizer o seu. Disse-me que tem três filhos e que uma de suas filhas tem o mesmo nome que o meu, então aproveitei e perguntei sobre eles, mas pareceu que esta pergunta a ofendeu, pois deu-me um olhar reprovador e apenas respondeu seriamente: “Estão vivos!” Também cometi o grande erro de perguntar se ela sofria alguma violência na rua (eu havia lido que moradoras de rua são estupradas com



frequência). Quanta ingenuidade minha! Ela fitou-me duramente e respondeu que minha pergunta era muito “invasiva” (palavra dela). Envergonhei-me por minha falta de tino e a temi por sua rispidez.

Enquanto eu estava com eles, chegou uma moça transexual muito alta e magra que se prostitui naquela rua e que eu também já a observara revirando um container de lixo. Quando ela se aproximou para conversar ou ficar por ali, uma das pessoas do grupo lhe deu um olhar “fulminante” e aquela disse algumas palavras e se afastou. Naturalmente, também adquirem suas inimizades.

Fui embora prometendo voltar com garrafas PET para doar ao moço do carrinho. Voltei depois de uns 10 ou 12 dias e levei muitas bananas, água, as garrafas recicláveis e algumas latas de alumínio. Desta vez, minha passagem foi mais rápida. A moça com a qual mais conversei na primeira visita não estava e notei que havia um outro homem sozinho, também sob a marquise, que não estava na visita anterior. Estava bem afastado do grupo, era muito magro e tinha o rosto coberto de feridas. Não pude ver qualquer outra parte do corpo porque estava todo coberto com andrajos. Aproximei-me dele e lhe dei duas bananas e uma garrafa d’água, enquanto todos do grupo ficaram me observando sérios e em silêncio. Não tive coragem de fazer qualquer pergunta, apenas lhe sorri.

Eles foram receptivos comigo, mas achei muito difícil escolher o que eu poderia ou não, dizer e perguntar. Tive muito medo de ofender sem perceber, ou mesmo mostrar qualquer preconceito que pudesse fazê-los se sentir mal.

Voltei, mais ou menos, um mês depois, no dia 18 de junho de 2025. Levei novamente, uma caixa cheia de garrafas PET, latas de alumínio e dois agasalhos. Ainda era “cedo” (por volta de 21h), só havia 5 pessoas, mas uma delas (a única mulher desta vez) era aquela moça com a qual mais conversei na primeira visita. Ela estava bastante agressiva e, nesta ocasião, carregava algo na mão que tinha um canudo, e deduzi ser um cachimbo para uso de crack.



Nos meus encontros, ela foi a única pessoa truculenta, os outros me pareceram amáveis. Nesta visita, o homem do carrinho de recicláveis não estava, e um outro ficou com a caixa (de garrafas e latas) que levei. Outras duas pessoas ficaram com os agasalhos. Estavam todos sentados no chão e, com eles, um cão diferente do de antes. Este era uma fêmea grande, também aparentemente bem alimentada e com muita pomada no dorso do corpo. Seu tutor disse-me que ela fora atacada por outro cão. Apesar de estar muito suja, comecei a acariciá-la.

A moça agressiva, que desta vez, sem que eu perguntasse, se identificou como Joana, começou a discutir com o tutor da cadela, dizendo que ele “não cuidava da cachorra dele”. Pareceu-me que foi porque a cadela pulava em mim pedindo mais afagos. Como prosseguiram discutindo por um motivo que me parecia pífio, espontaneamente eu disse: “- Não briguem!” Minha intromissão foi péssima! Então, aprendi que neste meio você não deve dar palpite algum, pois, a partir daí, Joana ficou muito mais agressiva. Olhando para mim, falou frases desconexas, mas disse também: “- Lá onde você mora, não tem outras pessoas para você fazer doações?” Seguiu-se outra fala que não compreendi e depois disse: “Não tenha pena de mim, não reze por mim. Eu me viro me prostituindo.” E veio novamente, mais uma fala incompreensível, mas no meio disso, pude entender: – “Há 18 anos eu moro na rua.”

Senti algum receio. Achei que ali eu poderia estar correndo algum tipo de perigo. Não pelos outros, mas por Joana. Achei prudente ir embora. Se nas outras vezes fui bem recebida, já não era mais. Apenas disse “boa noite” e parti. Não vou mais voltar.

## **APONTAMENTOS PESSOAIS**

Fiquei refletindo sobre a interpretação de Joana quanto às minhas visitas. Certamente ela percebe o abismo que existe entre a vida que vivo e conheço e a dela, percebe as



oportunidades que a sorte me proporcionou e a minha ingenuidade quanto à vida que todos eles levam, ao que sentem, ao que sofrem e a como se adaptam. Nada sei. Pergunto-me como será a autoestima de alguém que é e se sente o tempo todo subjugado. Acho que, certamente, Joana odeia o que pensa que represento – este nosso sistema capitalista que nos torna desiguais como se fôssemos feitos de “materiais diferentes”.

Porém, acredito que, mesmo dentro de tamanha adversidade, eles tenham seus momentos de alegria, mas com um olhar que também desconheço. Não imagino quais são os seus sonhos, se têm anseios, quais são suas próprias regras (“leis da rua”), suas artimanhas para sobreviverem, se protegerem, se defenderem ou até mesmo se revoltarem. É outro universo. Para saber, eu teria que viver o que eles vivem.

Dias depois, chegou o frio intenso do inverno nessa região sul cheia de ventos (minuano) e todas as noites, na minha cama cheia de cobertas limpas e secas, sob um teto, de “barriga cheia”, eu ficava pensando como estariam e como se abrigariam, se mesmo eu aqui na proteção da minha casa, sentia frio, como eles conseguiam dormir e acordar descansados? Estes meus pensamentos duraram algumas semanas.

Quão difícil deve ser estar exposto às intempéries do clima, fechar os olhos e conseguir relaxar quando se está sempre à mercê do perigo, da fome, da sede, da sujeira das ruas, da loucura do outro (inclusive as suas próprias), das violências rotineiras de todos os tipos, dos preconceitos, do descaso do Estado, da tentativa de apagamento de toda a sua existência pelo próprio sistema que os gerou e no que tudo isso e mais tantas outras coisas transformam a mente, o corpo e a alma destas pessoas que são como nós. Que valores morais conseguem construir? Sim, a droga é a fuga, mesmo que por tempo passageiro, para um lugar diferente deste que os exclui.

Quanto ao descaso do Estado, também aproveito para relatar (e denunciar) que fui recenseadora no primeiro censo do IBGE do século XXI. Aquele censo mais abrangente que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU também usa no seu ranking que



avalia todos os países que apresentam esses dados. Para tal, tivemos um treinamento de uma semana. Teríamos que recensear todas as pessoas, mesmo que morassem sob pontes ou dentro de carros abandonados, porém, menos aquelas que não tivessem moradia fixa, estas não seriam contadas! A explicação foi de que, como eram perambulantes, a contagem ficaria prejudicada (compreendo, em parte). Fico imaginando quão parcialmente mentirosas são essas pesquisas. É como se as pessoas em situação de rua não existissem. Foi por este motivo que coloquei o título “Quase invisíveis”.

Procurei sempre não me deprimir perante tanta desigualdade neste nosso planeta humano. Mas triste saber que, neste quesito, seguimos primitivos ao longo dos milênios. Ocupo-me a tentar entender, mas sei que será sempre em vão. Nesse sentido, este ensaio etnográfico trouxe à tona muitas lembranças passadas na capital de São Paulo onde nasci e vivi até os meus 25 anos. Lá, observava dia a dia, os mais ricos e os mais pobres que, nas ruas, conviviam num contraste gritante.

A miséria é tão assustadora quanto a ostentação. Lembro-me de um dia em que fui cuidar de um amigo que estava doente. Ele morava num bairro riquíssimo, num município da Grande São Paulo. Era noite. Fui de transporte público. Antes de chegar à sua casa, o ônibus passou por bairros bem pobres de ruas sinuosas, esburacadas e nitidamente sem planejamento, com precária iluminação pública. Vi casas de tábuas e outras de alvenaria sem reboco, todas diminutas e geminadas umas às outras. As calçadas (quando existiam) eram quebradas. Havia muita fiação elétrica atravessando sobre as ruas e vi montanhas de lixo de mais de três metros de altura (foi a primeira vez que vi tanto lixo acumulado). Percebi que as pessoas que iam descendo do ônibus eram bem pobres por causa da sua forma de vestir e porque eram visivelmente mal alimentadas.

De repente... “Boom”, cheguei ao bairro rico! Sim, foi um choque. Tudo muito bem iluminado, avenidas largas com calçamento perfeito, calçadas também largas com árvores e muitas flores. O canteiro no meio da avenida também largo, com um paisagismo



maravilhoso, árvores lindas e floridas, pedras arrumadas de forma ordenada e pintadas de branco. O gramado paradisíaco, sem qualquer papelzinho caído nele, e tão espaçosos aqueles canteiros centrais que daria para construir casas ali. As placas de trânsito eram digitais (eu nunca havia visto isso também). E um caminhão pipa da Prefeitura (sim, da mesma prefeitura do bairro pobre) estava lavando as ruas que nem sujas estavam! Pouco antes, eu havia visto montanhas de três metros de lixo!

Meu espanto seguiu em frente, mas o que mais me doeu foi quando contei toda a minha indignação para o “amigo” que estava doente. E ao que este “amigo” (hoje, “ex-amigo”) respondeu-me: “Todo país tem suas castas!”. Este ensaio etnográfico fez-me refletir sobre o que são alegria, paz, liberdade, motivação para viver e, principalmente, resistência. Não penso em falar resiliência e, menos ainda, resignação, pois me parece que não cabem nesta realidade que, afinal, também é nossa. Este trabalho foi, de certo modo, um “grito”, no meio de tantos gritos de tantos, nesse sistema político-econômico-social tão surdo.





## **CAPÍTULO 10**

**A MÚSICA EM RODA E O OLHAR COMPARTILHADO: ETNOGRAFIA  
DA CONEXÃO E DO “PERTENCIMENTO” COMO FUNDAMENTO DA  
ARTE MUSICAL**

# A MÚSICA EM RODA E O OLHAR COMPARTILHADO: ETNOGRAFIA DA CONEXÃO E DO “PERTENCIMENTO” COMO FUNDAMENTO DA ARTE MUSICAL

Beatriz Cesconetto Franchini

Letícia Bento Sezerino

Este estudo etnográfico visa interpretar os aspectos comportamentais do grupo musical<sup>1</sup> “Choroolaria”, grupo de choro da cidade de Florianópolis, que nos despertou interesse por conta de sua formação diversa, qualidade sonora e pela abrangência de repertório, tanto improvisado quanto interpretado a partir de uma música preexistente. Para isso, recorreremos à observação, a entrevistas, à captura e à interpretação de imagens de uma apresentação no dia 14 de maio de 2025.

O local da apresentação, chamado “Sufocos”, é um bar popular da região sul da cidade de Florianópolis (também conhecida como Ilha da Magia), localizado na Avenida Campeche, no Rio Tavares. É um bar feito, em sua maior parte, de madeira, com um muro baixo, pintado com pinturas feitas à mão. No interior, móveis, cadeiras e mesas, feitas também de madeira, típicas de bares da Ilha, além de cordas de luzes, juntamente com bandeiras pequenas penduradas nas paredes.

Quando chegamos ao local, em uma quarta-feira à noite, por volta das 20 horas, deparamo-nos com um bar quase vazio. Era notável que o espaço não estava propriamente arranjado para a apresentação, visto que havia apenas uma caixa de mixagem que estava localizada junto ao palco, denominado carinhosamente de “Zininho”, uma caixa de som e alguns cabos espalhados para a microfonação dos instrumentos.

Apenas alguns participantes do grupo estavam presentes quando chegamos.

---

<sup>1</sup> Foi obtida uma autorização escrita para a utilização do nome do local e dos nomes das pessoas citadas



Vestiam-se casualmente, cada um com seu estilo bem explícito: alguns utilizando diversas cores, outros mais neutros, com vestimentas discretas. Já os trabalhadores do local estavam vestidos com o uniforme do estabelecimento. Os artistas conversavam sobre assuntos aparentemente comuns, até mesmo pessoais, como suas famílias, trabalhos e negócios não relacionados à apresentação, enquanto limpavam, afinavam e reproduziam sons e melodias com seus instrumentos, que variavam entre sopro, cordas e percussão.

Alguns dos membros presentes se aproximavam para conversar conosco, perguntavam como conhecíamos o grupo e até relatavam experiências e desejos próprios relacionados ao estudo da música (visto que somos, ambas, acadêmicas do curso de Música). Eram bem coloquiais, não aparentavam nervosismo ou tensão, conduziram-nos a uma conversa despreziosa, dando-nos abertura e conforto para ficarmos à observá-los e apreciando enquanto realizávamos nosso inquérito.

Pouco tempo depois, eles foram jantar no próprio local da apresentação, apenas em outra sala, um pouco mais reservada – uma espécie de salão ao lado da parte aberta do bar, que continha várias mesas de madeira grandes, cadeiras postas ao redor e comidas típicas de boteco. Seus instrumentos ficaram ao lado do palco, o que demonstrava ainda mais a sensação de confiança que os instrumentistas sentiam em relação ao lugar, com os trabalhadores e conosco.

Enquanto alguns jantavam, outros participantes do grupo chegavam, trazendo consigo instrumentos e partituras, novamente fazendo o ritual de se organizar em frente ao palco, dispondo seus instrumentos próximos aos demais, microfonando-os e conversando entre si, nesse espaço pouco preparado para tal atividade.

Aos poucos, os que jantavam retornavam para o local onde aparentemente seria a apresentação, o palco “Zininho”. Lá dispuseram uma mesa no centro, e diversas cadeiras ao seu entorno, tudo do próprio estabelecimento, aparentando formar um espaço confortável onde todos os membros do grupo pudessem se olhar sem dificuldades, algo que, em um



primeiro momento, nos causou estranheza, mas se explicaria posteriormente.

Eles se organizaram ao redor da mesa com uma formação que visava a separação de seus instrumentos. De frente a nós estavam os violões e o bandolim; ao lado esquerdo destes, fazendo uma curva ao lado da mesa, estavam os instrumentos de percussão, como o pandeiro e o chocalho. E seguindo o sentido anti-horário, ainda à esquerda, estavam os instrumentos de sopro, uma flauta transversal e um clarinete.

Sem nenhuma apresentação inicial ou introdução, os violões começaram a tocar uma melodia típica brasileira, ritmada e animada. Logo, os outros instrumentos entravam na música, de uma forma extremamente orgânica e singular. Pareciam ter total controle sobre o que estavam tocando, noção completa e até mesmo transpareceram uma imagem de pertencimento quando tocavam seus respectivos instrumentos.

Percebemos que havia uma maneira que eles separavam as músicas: era um movimento de solos que, a partir de olhares perceptíveis para todos ao redor, indicava quem seria o próximo instrumento a tomar a frente da música, exceto pela percussão, que enquanto os outros instrumentos solavam, ia se adequando ao ritmo. Esses olhares nos chamaram nossa atenção, pois era uma ação muito natural e automática entre os participantes, como se houvesse entre eles uma regra pré-definida de continuidade musical disposta pelo formato da mesa.

Com o passar do tempo, mais participantes do grupo chegavam, e até mesmo estes que apareciam depois, entravam na música da mesma maneira que os musicistas que estavam no local desde o início da apresentação. A cada intervalo de música, a conversa fiada ia se instaurando de novo e, assim, os que recém-chegados cumprimentavam os demais.

Uma das participantes do grupo nos chamou bastante atenção, uma senhora com mais idade, com cabelos azuis, que tocava pandeiro. Ela estava no bar antes de nós chegarmos e aparentava conduzir o grupo, sempre cumprimentando todos que chegavam



e guiando a forma como continuariam a tocar. Ela foi uma das primeiras a falar conosco. Perguntamos-lhe sobre algumas questões: formação do grupo, se havia ensaios, como era organizada as apresentações e, principalmente, se havia uma hierarquia. Para nossa surpresa, descobrimos que o grupo não ensaiava, era quase como uma improvisação muito organizada. E que, de fato, essa senhora, a qual se apresentou como Janete, considerava-se a líder do grupo. De acordo com ela, isso ocorria pelo fato de ela estar presente desde seu princípio em 2020 e por conduzir as apresentações.

Depois da nossa interação com o grupo, que apesar de breve, nos gerou diversos conhecimentos a respeito do gênero musical “choro”, percebemos que nessas rodas existe uma conexão muito forte entre os membros, suficientemente forte para produzir música à primeira vista, apenas com interações breves, como troca de olhares entre os membros, indicando a hora do solo de algum deles, ou até demonstrando a dinâmica da música em si. Além disso, é nítido que todos os “rituais” antes da apresentação, como o jantar e as conversas, produzem um ambiente descontraído e confortável para os integrantes do grupo, criando a atmosfera tão bela e dinâmica que observamos. Mesmo todos tendo experiências e vidas divergentes, algo os unia: esse elemento era a música. Assim, concluímos que são esses comportamentos que tornam possível a roda de fato acontecer, tão lindamente, apenas na base do improviso e do amor que cada qual tinha pela beleza sonora de produzir e reproduzir música. E isso tornava a experiência de vê-los tão única e especial.

Disponibilizamos, no QR Code a seguir, o vídeo produzido durante a etnografia.





## **CAPÍTULO 11**

**RITUAL E SINCRETISMO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO  
CENTRO ESPÍRITA PAI JOÃO**

## RITUAL E SINCRETISMO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO CENTRO ESPÍRITA PAI JOÃO

Hayyan Makin Macari

O Centro Espírita Pai João<sup>1</sup> (matriz Umbanda de Almas e Angola) foi escolhido para a realização deste ensaio etnográfico por ser próximo à residência do autor, localizada na mesma rua. A escolha também se deu pela curiosidade, pois nunca havia participado de um “culto” relacionado a essa manifestação religiosa, sendo o termo “culto” uma maneira que o responsável pelo centro encontrou para descrever as atividades que ali ocorriam. Contribuiu também para tal opção o apoio que receberia de uma amiga, a Mãe Patrícia de Iemanjá, para compreender o ritual, pois ela é uma das frequentadoras e representantes que ajudam o Pai Newmar de Ogum, seu marido e dono do Centro, cujo esforço contribui para o funcionamento do núcleo.

Na entrada do Centro Espírita (popularmente chamado de “terreiro”) encontra-se fileiras de cadeiras brancas, de plástico, com pessoas esperando o evento começar compondo o que se convencionou classificar como assistência. Há imagens, pelos cantos e paredes, de Orixás (energias que representam fenômenos da natureza e sentimentos humanos) que são sincretizados<sup>2</sup>, como Ogum em cima de seu cavalo matando um dragão com uma lança (São Jorge), Oxum (Nossa Senhora Aparecida), Iemanjá (Nossa Senhora da Conceição, Rainha do Mar, dentre outras analogias).

Há também velas acesas, para iluminar as imagens, incensos e copos d’água para

---

1 Foi obtido uma autorização escrita para a utilização do nome do local e dos nomes das pessoas citadas

2 No Brasil, é possível observar em religiões, como o Espiritismo de Almas e Angola, a agressão sofrida pelos Africanos que foram trazidos à força como escravos, submetidos a catequização dos colonizadores, a exemplo os jesuítas, e que tiveram, como maneira de manter sua fé e cultura, o sincretismo religioso, supracitado nesse ensaio etnográfico. Hoje as culturas estão tão mescladas que se torna difícil a separação da religião católica das de matriz africana ou mesmo indígenas



equilibrar o ambiente. É possível ainda observar uma sala à parte, que tem diversas imagens dos Orixás já mencionados, com atabaques, microfone e como oferenda para as entidades homenageadas nesse ritual, os Pretos Velhos (escravos de Angola que morreram), frutas, pinhão e grãos de feijão, pois eram os alimentos de que dispunham para sua própria alimentação, na época da escravidão. Nessas ocasiões, sob a vigência da escravidão, os rituais eram realizados em segredo, com seus integrantes escondidos nas senzalas.

Nos fundos há uma cozinha, onde é preparada a refeição que será oferecida em reverência à festa que está ocorrendo. Entidades como Preto Velho, Beijada (Cosme e Damião), Exu (Santo Antônio) e Caboclo (entidades da mata da floresta), dentre outras, viveram na terra, bebem, fumam, dão passe (descarrego espiritual, “emocional”), fazem trabalho em troca de oferendas, tanto para coisas boas quanto para ruins (no Centro Espírita Pai João eles não fazem trabalhos para causas ruins).

Cada homenagem segue um calendário anual e cada Orixá e Entidade tem sua data, como um aniversário, podendo ser redesignado para algum outro dia no mesmo mês, para que caia num fim de semana ou para quando já foi recebido o salário, já que as “festas” são custeadas pelos próprios médiuns.

Há adultos e crianças; os médiuns usam longas correntes no pescoço, chamadas de guias, cada um possuindo as suas conforme seu desenvolvimento e função no terreiro. Também utilizam vestimentas brancas, representando a pureza e o começo da espiritualidade: calça e/ou saia, com uma camiseta com o nome do local (Centro Espírita Pai João), outras pessoas, os assistentes (quem está na assistência), usam roupas comuns do dia a dia.

O autor foi recebido na entrada do terreiro pelo Ogã, quem tem a função de tocar o atabaque e cantar o ponto (música), sendo que cada Orixá e Entidade tem seu ponto de chegada e o de subida, assim como uma forma própria de dançar, tudo antes de incorporar sua entidade. A música e sua vibração contribuem para a incorporação, embora não seja obrigatório, me foi relatado que é mais difícil incorporar sem o ponto, necessitando mais



concentração.

Em seguida apareceu Patrícia (Mãe Patrícia de Iemanjá) e guiou o aluno visitante pelo local quase pela noite toda, sendo ela quem coordena e ajuda no terreiro, contribuindo de maneira relevante e impactante para a condução da atividade no Centro. Quando não é Patrícia, esta é substituída por Newmar (Pai Newmar de Ogum), que é o dono do terreiro e esposo da Patrícia, sendo ele quem incorpora o Preto Velho Pai João e responsável por passar todos os seus conhecimentos para seus filhos de santo.

Houve, inclusive, uma pessoa que pensou que o autor fosse da NSC TV, deve ter sido pela estranheza de ter alguém com tantas perguntas, anotando tudo sobre e no local, registrando que foi muito bem recebido e os médiuns asseguraram que poderia fazer qualquer pergunta e inclusive tirar fotos.

Enquanto há o ponto, o tocar dos adjás e sinetas, do batuque e o canto do Ogã, os médiuns “batem cabeça” pelos cantos do terreiro, o que é uma forma de demonstrar respeito para as entidades, ficam de joelhos e encostam a cabeça no chão, alguns batem palmas (1 semínima e 2 colcheias) e se movem de um lado para o outro, como um balançar. No término de cada ponto é executada uma frase rítmica semelhante com “Falou para parar, parou!” e em quase todo momento há o ponto.

É declamada a reza do Pai Nosso e a Ave Maria, ficando assim evidente o sincretismo da religião cristã e da religião de matriz africana. Em um momento eles fumam cachimbo, cigarro de palha e cigarro comum; algumas pessoas trouxeram vinho para ofertar aos Pretos Velhos, tendo a oportunidade de falar com algum deles, sendo essas coisas de que eles usufruíam quando estavam vivos, sendo ofertado para as entidades o que eles tomavam antes de desencarnar. Enquanto esse ato se desenvolve, surge uma pessoa com uma espécie de panela de metal, chamada turibo (talvez seja corruptela de turíbulo), com carvão em brasa e ervas para defumar o local, com a função de harmonizar o ambiente.

Após isso, é servida a comida, em homenagem aos Pretos Velhos, menu que



apresentou feijoada, batata doce, aipim, farofa, pinhão, tangerina ponkan e laranja, assim como quentão e suco. O alimento é servido primeiro aos médiuns, depois aos assistentes, exceto o quentão, que foi servido antes aos presentes. A comida é então recolhida e quando o ritual acaba, os médiuns que não comeram têm a oportunidade de comer.

Em seguida, teve início um ritual em que os médiuns andavam como “corcundas”, pois estão “arriados” com os Pretos Velhos incorporados, alguns usando bengala e outros seguem batendo palma (uma semínima e duas colcheias); ao mesmo tempo eram tocados os atabaques pelo Ogã, que também cantava. O Preto Velho “Newmar” fez um discurso de finalização e depois começou a tocar outra música. O evento foi encerrado com uma oração.





**PARTE III**

**ENTREVISTA**



## CAPÍTULO 12

ENTREVISTA COM AMURABI OLIVEIRA

## ENTREVISTA COM AMURABI OLIVEIRA

Ana Martina Baron Engerhoff

Bruna dos Santos Bolda

Amurabi Oliveira é docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atua como professor e pesquisador na área das Ciências Sociais brasileiras, com maior ênfase na Sociologia e Antropologia. É o primeiro sociólogo eleito como membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências e é membro afiliado da Global Young Academy, representando o reconhecimento de sua vasta produção científica, que permeia diversos campos do conhecimento. Publicou inúmeros artigos científicos, em diversas áreas, aproximando-se dos temas da Antropologia e Educação, enfoque desta entrevista. É autor do livro “Etnografia para educadores”, publicado em 2023 pela editora UNESP.

**Sua produção intelectual é reconhecida, não só no Brasil, mas também internacionalmente, em diversos campos do conhecimento que permeiam e/ou interseccionam as Ciências Sociais. Conte-nos um pouco sobre a construção do seu percurso acadêmico e intelectual, especialmente nesse trânsito entre Sociologia e Antropologia.**

Eu fiz vestibular no ano de 2002, tinha 16 anos, era a primeira vez que ia votar e era também a eleição de Lula, então havia toda uma ebulição social e política, discussões acaloradas sobre o futuro do país, mesmo entre adolescentes. Eu estava em um espaço bem conservador, estudava em uma escola católica muito frequentada pela elite local de Campina Grande na Paraíba, de onde sou. Mas, na verdade, meu plano original era fazer geografia, que era a matéria escolar que eu mais me identificava, porém esse curso só



havia na Universidade Estadual da Paraíba e meus pais me pressionavam para que nessa instituição eu prestasse vestibular para direito. Cogitei fazer vestibular para história na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), porém fui muito bem aconselhado por minha professora de geografia chamada Eliene, que me mostrou como o curso de Ciências Sociais era amplo, que eu cursaria disciplinas de geografia, história, sociologia, antropologia etc.

Fiz vestibular para Ciências Sociais diurno e marcando como segunda opção Ciências Sociais noturno, pois estava muito convicto de minha escolha, e achava que já sabia o percurso que faria: iria para a ciência política. Ao ingressar no curso de Ciências Sociais eu tinha a ideia de fazer licenciatura, mas ainda algo um pouco nebuloso, pensava em utilizá-la para lecionar história e geografia, e de fato tive alguma experiência nessa área, lecionando inicialmente em um cursinho pré-vestibular para alunos de escolas públicas, que funcionava como curso de extensão na UFCG. Porém ingressando no curso as coisas ficaram mais complexas, me aproximei mais da antropologia e da sociologia e menos da ciência política, e quando estava perto de me graduar, o que ocorreu no segundo semestre de 2006, a sociologia estava regressando ao currículo o que reorientava minhas possibilidades de atuação como licenciado. Minha formação foi assim de um antropólogo-sociólogo muito interessado em educação, todas as atividades acadêmicas que busquei se relacionavam ao ensino, seja por meio de minha atuação no cursinho pré-vestibular, seja por meio da atividade de monitoria, fui monitor de Introdução à Sociologia e de Teoria Sociológica Clássica.

Fui pensar em pós-graduação já muito próximo a me graduar, pois meu plano em princípio era atuar como professor na educação básica. Ao final de minha graduação fui desenvolvendo um projeto voltado para um tema clássico das ciências sociais: religião; ainda que a partir de um campo empírico menos conhecido: o Vale do Amanhecer. Fiz seleção de mestrado na Antropologia da UFPE, na Sociologia da UFPB e nas Ciências Sociais da UFCG, passei nas três mas permaneci em minha instituição, estava com 20 anos e acho que



ainda não estava pronto ainda para sair de casa. Posso dizer que me formei como etnógrafo a partir do mestrado, podendo também me adensar teoricamente na Sociologia. Na mesma época passei para professor substituto para Ciência Política pouco antes de começar meu mestrado, mas não tomei posse, e no ano seguinte passei para substituto em Sociologia na UEPB, onde tomei posse e lecionei pela primeira vez Sociologia da Educação. No mesmo ano ocorreu tanto a aprovação da lei que introduziu a Sociologia em todas as séries do ensino médio quando da que criava os Institutos Federais, nessa combinação começaram a surgir concursos para CEFETs que se converteriam em institutos. Fui aprovado no então CEFET Petrolina onde fiquei entre 2008 e 2009, foi lá minha primeira experiência como docente de Sociologia para o ensino médio, além de ter continuado a lecionar Sociologia da Educação para licenciaturas.

Acho que essa combinação de pesquisador antropólogo-sociólogo com professor da educação básica que foi moldando meu percurso. Fui ainda professor do Instituto Federal de Pernambuco, onde permaneci por apenas um ano, e depois, já em 2010 me tornei professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, onde lecionava Antropologia da Educação para a Pedagogia e os estágios para a licenciatura em Ciências Sociais, posteriormente ainda lecionei em uma especialização em Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Concomitantemente a tudo isso, concluí mestrado em 2008 e comecei meu doutorado em Sociologia na UFPE em 2009, tendo finalizado em 2011. A rigor fui um aluno-trabalhador, como muitos alunos meus, ainda que sob condições especiais, bom salário, boas condições de trabalho, ainda que trabalhando a 500 km de onde estudava, o que me levava a percorrer toda semana aproximadamente 1000 km para estudar e trabalhar.

**Em suas pesquisas, observa-se uma atenção constante aos arranjos educacionais e às relações entre os campos científico, escolar e político. Como essa**



## **aproximação entre Antropologia e Educação foi se construindo na sua trajetória?**

Como disse fui me formando pesquisador concomitante a me formar professor, então para eu ser cientista social e ser professor eram coisas que não se separaram. Minha primeira Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi em 2010 na cidade de Belém, participei do GT sobre Antropologia e Educação que tinha como uma das coordenadoras a professora Neusa Gusmão (Unicamp), um amor de pessoa, uma das pessoas mais fantásticas que conheci na vida acadêmica, e que me recebeu de braços abertos nesse campo. Acho que para além das pesquisas, foram as trocas realizadas no caminho que me fizeram um pesquisador da Antropologia da Educação.

Minha estratégia sempre foi juntar e articular mais de um campo, então eu queria fazer etnografias das aulas de Sociologia que observava, mas também queria realizar uma análise sociológica do campo da Antropologia da Educação, mapear agentes e espaços. Há alguns trabalhos meus que são isso, uma Sociologia da Antropologia e outros que são uma etnografia do ensino de Sociologia.

Claro que muitas vezes queremos reduzir a Antropologia à Etnografia, mas não são reduzíveis, é necessário pensar como também há formas muito distintas de pensar e de produzir Antropologia. A pesquisa com arquivos, por exemplo, é algo muito interessante na forma de pensarmos essa relação. Escrevi artigos, por exemplo, que são uma análise antropológica de aulas ocorridas no passado, como as aulas lecionadas por Arthur Ramos na Universidade do Brasil, ou ainda as aulas na Faculdade Catarinense de Antropologia.

Olhando em retrospecto talvez eu tenha praticado pouco de uma antropologia mais tradicional, que poderia se esperar de um antropólogo em educação. Há ainda um outro complicador, quando dizemos educação não necessariamente estamos nos voltando para a educação escolar, ela pode envolver processos muito mais amplos, como aqueles descritos por Jean Lave. Então pode ser que eu seja mais um antropólogo escolar por assim dizer,



mas que também realiza outros movimentos, como uma sociologia da antropologia escolar, de modo que parafraseando uma colega da Polônia, Grażyna Kubica-Heller, a sociologia é a moldura teórica a partir da qual produzo minha antropologia.

Acredito, por fim, que também o que muito alimenta meu fazer na antropologia sejam meus alunos, os orientandos que tive e tenho ao longo da vida, seja nas ciências sociais seja na educação ou ainda no programa interdisciplinar, e que têm me colocado diante de questões e demandas das mais diversas ordens. Meus alunos me fazem professor, mas também me fazem antropólogo da educação.

**A recorrência da etnografia em suas investigações sobre espaços escolares evidencia um diálogo consolidado entre Antropologia e Educação, expresso também no livro “Etnografia para educadores” (2023). Você percebe a etnografia como uma síntese prática do encontro entre Antropologia e Educação?**

Acho que a etnografia é um dos caminhos para se pensar a interface entre esses dois campos. Claro que a etnografia não é praticada exclusivamente pelos antropólogos, porém sua compreensão mais profunda demanda-nos uma volta aos fundamentos da antropologia. Não quero tratar aqui como sendo sinônimas, afinal, há pesquisas antropológicas que não são etnográficas, assim como pesquisas etnográficas que não são antropológicas. O que me interessa enfatizar é que pensar a etnografia nos remete a seus fundamentos teóricos e epistemológicos, que encontramos na antropologia.

O encontro entre a antropologia e a educação pode gerar frutos muito distintos, e a etnografia da educação é um deles. Talvez possamos compreender a visibilidade desse encontro específico considerando a plasticidade que ele possui, afinal, estamos falando de uma possibilidade de construção do conhecimento que pode ser incorporado por esse campo interdisciplinar que denominamos educação.



A professora Tânia Dauster, uma das pioneiras da antropologia da educação no Brasil e que recentemente nos deixou dizia que enquanto uma antropóloga orientando teses em educação ela não estava preocupada em formar antropólogos, mas sim bons etnógrafos. Acho que sua preocupação é bastante válida, claro que eventualmente podemos formar bons antropólogos nos mais diversos espaços institucionais - em programas de educação, interdisciplinares, de saúde coletiva etc - mas essa preocupação da Tânia sintetiza o que podemos esperar do encontro entre a antropologia e a educação e como a etnografia entra no meio desse debate.

**Em abril de 2025 tivemos a oportunidade de receber você na UDESC no evento “Enxergando o que não se via: etnografia em ambientes escolares”, voltado para os estudantes da primeira fase do curso de Pedagogia. Nesse momento você falou sobre como a etnografia pode ser mobilizada para a compreensão da escola e processos educacionais. Você acredita que a etnografia, ainda que situada em contextos socioculturais específicos, tem a potencialidade de interpretar a educação enquanto um fenômeno mais amplo?**

Em grande medida a etnografia é sempre isso, tentarmos conectar coisas muito pequenas, como em uma colcha de retalhos a algo maior. O que é imediatamente observado não necessariamente é imediatamente apreensível. Eu acho que um bom exemplo para a realidade brasileira é o racismo, pois sabemos que é algo estrutural, que remete a nosso passado colonial que teve como base principalmente a escravização de pessoas oriundas de África e seus descendentes, porém o racismo se produz e reproduz cotidianamente a partir de fenômenos observáveis. Um dos primeiros TCCs que orientei ainda na UFAL foi sobre racismo na escola, daí durante o trabalho de campo minha orientanda encontrou todos aqueles clichés sobre o tema, a escola que dizia que isso não ocorria lá, algo que contrastava



com o que ela estava observando, pois sim, o racismo era bem evidente naquela escola. Há um texto excelente da Claudia Fonseca chamado “Quando cada caso não é um caso”, que trata justamente disso, que os fatos observáveis etnograficamente ainda que singulares eles não são isolados, tampouco totalmente idiossincráticos, pois eles se relacionam com outros fatos e possuem capacidade de algum grau de generalização. Todavia, não devemos ter cuidado com a quão elástica é nossa capacidade de generalização, afinal quando Malinowski escreveu sobre os trobriandeses, ele estava preocupado com aquele grupo em particular, com sua cultura, suas práticas, ao mesmo tempo, Mauss remete às trocas do kula para pensar o Ensaio sobre a Dádiva, e refletir sobre fenômenos mais amplos das sociedades humanas, a obrigação do dar, receber e retribuir.

Acredito que esse é nosso desafio, equilibrar entre a percepção empírica da etnografia sobre a sociedade estudada e a elaboração de reflexões mais amplas, no caso da antropologia escolar isso talvez seja mais evidente, pois a cultura escolar é partilhada pelas distintas instituições do sistema educativo, ou seja, mesmo uma pesquisa realizada em uma escola x pode nos ajudar a compreender elementos da escola e, já que partilham essa cultura escolar, no entanto, as escolas são únicas, e a pesquisa etnográfica nos revela como a cultura escolar se materializa em cada uma das realidades singulares.

**A Antropologia da Educação (ou Antropologia e Educação e suas variações) nem sempre compõe os currículos das licenciaturas como disciplina obrigatória ou mesmo optativa. No seu entendimento, qual a importância desta disciplina na formação de professores?**

Falar de formação de professores é sempre um terreno perigoso e pantanoso, afinal, sempre faltará algo, sempre algum campo disciplinar irá reivindicar um espaço para si, além do próprio debate de uma época. Por exemplo, quando surgem os primeiros cursos de



formação de professores nas Faculdades de Filosofia uma disciplina que era recorrente era a de biologia educacional, hoje dificilmente pensaríamos essa disciplina como obrigatória nos currículos.

Por vezes, quando falamos em formação de professores, remetemos ao campo das licenciaturas de modo geral, e as disciplinas que compõem esses currículos na “formação comum” tendem a refletir mais a correlação de forças que os fundamentos epistemológicos da educação. Isso é evidente para qualquer um que tenha lido sobre as teorias do currículo. Assim sendo, por vezes nessa “formação comum” opta-se por disciplinas mais genéricas como teorias da educação, fundamentos da educação, fundamentos sócio-históricos etc. Claro que podemos notar aí que algumas disciplinas como sociologia, história, filosofia e psicologia tendem a encontrar uma posição mais consolidada, não apenas junto às licenciaturas de modo geral, como em especial junto aos cursos de pedagogia, o que remete às próprias tradições curriculares e às correlações de força como já dito.

Todavia, creio que há algo interessante a ser dito: ao menos desde a década de 1990 no Brasil as políticas educacionais começam a dar um maior espaço ao debate em torno da chamada diversidade, diferença ou cultura, o que tem também aberto espaço para a discussão antropológica em si. Notadamente se olharmos desde um ponto de vista disciplinar o desafio é compreender como certas discussões se vinculam a certas disciplinas, afinal, como abordar o tema da cultura sem considerar o ponto de vista antropológico. Outro desafio que se coloca é que normalmente a antropologia situa-se naquilo que se convencionou denominar de fundamentos teóricos da educação, percebidos muitas vezes como em oposição à prática educativa, assim sendo um dos desafios é também visibilizar como tais reflexões se vinculam também à prática.

Acho que a presença da antropologia nas licenciaturas tem uma relevância significativa a depender de como compreendermos o que é a formação de professores. Se compreendermos que formar professores é algo que se resume à conteúdos e aplicação



de técnicas então a presença da antropologia não possui nenhuma relevância, porém se entendermos que se trata de uma formação reflexiva teoricamente, e que formamos além do profissional da educação básica também o pesquisador em educação, então o papel da antropologia é redimensionado. Se o legado de Paulo Freire é realmente reivindicado no campo educacional, não podemos olvidar que seu método nos leva a conhecermos a realidade cultural no qual os alunos se inserem, ou seja, é necessário um olhar antropológico sobre a realidade do corpo discente para podermos ter uma prática educativa efetiva.

**É comum, quando falamos do trabalho antropológico de “ver, ouvir e escrever”, que ele seja interpretado como etapas fixas e literais. Nesse sentido, uma aluna cega ou com baixa visão teria dificuldade em completar a “primeira etapa”, ou até poderia ser entendido como um impeditivo para etnografar - para falar de algumas das tantas especificidades que atravessam o pesquisador. Como você entende essa tríade “ver, ouvir e escrever”?**

Essa tríade imortalizada no texto do Roberto Cardoso de Oliveira pode ser pensada como um tipo ideal talvez, mas cabe problematização. A primeira problematização que faria seria em relação aos próprios corpos dos etnógrafos que são plurais, pensemos o caso de Ruth Benedict (1887-1948), uma autora clássica da antropologia e que possuía um grau profundo de surdez, ela estaria fora dessa tríade. Aqui em Santa Catarina, a antropóloga Anahí Guedes de Mello, que é uma pessoa surda, tem realizado reflexões interessantes sobre o tema, atualizando o debate. Quero demonstrar com esses exemplos que estamos falando aqui de um tipo ideal no qual nem todos conseguem se encaixar.

Mas do meu ponto de vista essas etapas nem são uma sequência estanque, nem tampouco representam uma sequência literal. Creio que uma das questões centrais da etnografia é a autoria, como você percebe o real, como você percebe a realidade que está



sendo estudada, analisada, na qual você imergiu.

Um livro que me marcou profundamente no debate sobre etnografia foi “Vidas e obras: o antropólogo como autor” do Geertz. Nesse livro ele inicia com uma problematização sobre o que é um autor, dialogando com Foucault, reivindicando a dimensão autoral da etnografia. Acredito que esse debate sobre a dimensão autoral nos ajuda a compreender essas possibilidades que a etnografia traz, a etnografia é uma construção autoral dialógica, não à toa temos trabalhos marcantes na antropologia no qual os sujeitos de pesquisa são trazidos para a coautoria.

Quero dizer com tudo isso que na troca produzida no trabalho etnográfico cada pessoa que produz a pesquisa trará sua autoria, que é também atravessada pela sua existência, pelo seu corpo, pelo seu estar no mundo. O questionamento de um eu universal na ciência - que sintetizava a ideia de um eu masculino, branco e europeu - é que nos permite problematizar e revisar essas etapas.

**O ato de etnografar exige um deslocamento epistemológico: o ver, o ouvir e o escrever não devem partir de uma posição etnocêntrica. Você acredita que o etnógrafo também deve assumir esse “olhar antropológico” como uma pré-condição de sua própria profissão? Especialmente no caso de licenciados, que atuam ou atuarão em escolas essencialmente multiculturais, eles devem adotar a postura antropológica como uma atitude permanente da sua prática docente?**

Normalmente quando se leciona uma disciplina de antropologia da educação em cursos de licenciatura, especialmente na pedagogia, amiúde essa disciplina é ao mesmo tempo uma introdução à antropologia e uma reflexão antropológica sobre a educação.

Talvez a antropologia na formação de futuros docentes tenha como um dos principais objetivos o alargamento da visão deles sobre a educação, compreendendo-a como indo



além da escola, e uma alteração de sua posição no mundo. O famoso debate sobre o relativismo cultural não deve ser pensado apenas como uma questão teórica, mas sim como um posicionamento pedagógico. Se pensarmos a própria proposta do “método Paulo Freire” perceberemos que ele é também um convite ao relativismo cultural, um convite a conhecermos a realidade cultural do outro em profundidade.

Nesse sentido, ao reconhecermos o papel relevante que a antropologia pode desempenhar na formação docente - digo pode, pois, nenhuma disciplina isoladamente faz nada, é necessário pensar as condições nas quais ela é lecionada - podemos também defendê-la como um eixo fundamental para formação docente. Temos uma tradição mais forte de contarmos com psicologia da educação, filosofia ou história da educação, e o que nos revela muito sobre nossa concepção de educação e de formação de professores. A antropologia poderia, portanto, oxigenar a formação docente.

Por fim, cabe indicar que o debate em torno da diversidade e diferença cultural tem se deslocado para o centro da formação de professores, sendo um marco significativo no caso brasileiro a LDB de 1996. Desse modo, a antropologia potencialmente pode ocupar um lugar central nesse processo.

**Pensando na chegada às escolas, por vezes pesquisadores e nossos estudantes relatam dificuldades em acessar os ambientes escolares. Ao que parece, há um receio do que irá se revelar sobre aquele espaço e os usos dessas informações, especialmente em tempos de violência e acusações contra professores. Como manejar essas questões para viabilizar as pesquisas etnográficas?**

O medo do desconhecido, do registro, da ideia de denúncia ou avaliação é real e está constantemente presente não apenas nas escolas, há outros tantos campos que possuem um acesso difícil. No caso das escolas, notadamente, conseguimos acesso mais



fácil às escolas públicas, que muitas vezes possuem convênios com as instituições de ensino superior, mas o que muitas vezes ocorre é que o acesso mais pontual, como por meio de entrevistas é mais fácil que um contato mais prolongado que a etnografia demanda.

Claro que no caso da etnografia tudo envolve negociação e consentimento. É necessário deixar claro o que se almeja, a forma, as implicações, a questão do anonimato na pesquisa. Também algo que muitas vezes se esquece é da agência dos jovens, afinal, o consentimento não pode vir apenas da instituição, as pessoas que estão presentes e envolvidas na pesquisa também precisam estar de acordo com sua presença, nesse ponto acredito que principalmente o debate que se origina na antropologia da criança tem avançado bastante, reconhecendo essa dimensão da agência infantil e da necessidade de contínuos processos de negociação.

Mas há algo que sempre falo para meus orientandos: tudo é dado de pesquisa, cada não levado, cada dificuldade, cada porta na cara. Uma vez o professor Rodrigo Rosistolato me convidou para um dossiê sobre etnografia e educação e em princípio recusei, dizendo que eu não tinha material, porém depois pensei melhor e construí o texto “Quem tem medo de etnografia?”, que foca justamente nisso, nas dificuldades e nos não recebidos para produzir pesquisa etnográfica no ambiente escolar.

**Por fim, você poderia dar algumas dicas sobre como fazer uma etnografia para quem está começando a pesquisar nas escolas e sobre a educação?**

Há uma questão que aparece muito nos textos sobre etnografia que é verdade: um bom começo é sempre ler boas etnografias, ler trabalhos clássicos sobre o tema. Entre os autores clássicos, um que sempre me utilizo é O Crisântemo e a Espada da Ruth Benedict, que tem um capítulo chamado “A criança aprende”. Esta é uma obra de antropologia que atingiu o status de best seller a seu tempo e possui uma escrita envolvente, nos ajuda a



pensar sobre educação não escolar, bem como a pensar como produzir uma boa descrição do real. Mas claro, ler outras etnografias ainda que não sejam sobre educação nos ajuda a pensar sobre esse processo de imergir no campo e a como lidar com situações inusitadas. Um outro clássico nesse sentido é o trabalho de Geertz sobre a briga de galos que está na coletânea *A interpretação das culturas*, que nos ajuda a pensar a relevância do imprevisto e do inesperado em campo.

Todos nós antes de chegarmos à antropologia passamos por instituições escolares, de modo que podemos estar demasiadamente embriagados de certas referências, certezas sobre a realidade escolar, de modo que esse é um desafio nosso, que nos remete a necessidade de nos utilizarmos do que Bourdieu denominou de vigilância epistemológica, afinal, não é possível simplesmente nos suspendermos socialmente, ou apenas afastarmos as pré-noções como diria Durkheim, mas podemos e devemos questionar epistemologicamente nossas certezas.

Por fim, acho que uma reflexão necessária é sobre a ética em pesquisa, pois muitas vezes refletimos pouco sobre as formas de devolver os resultados de pesquisa a nossos sujeitos, eventualmente pode até funcionar entregar uma cópia do TCC, dissertação ou tese, e às vezes não, logo, é importante dialogar sobre as diferentes etapas da pesquisa desde o princípio, alinhar as expectativas de ambos os lados, para pensarmos o que as pessoas podem fazer pela antropologia e o que a antropologia pode fazer pelas pessoas.

## **REFERÊNCIAS**

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. *Revista Brasileira de educação*, v. 10, n. 1, p. 58-78, 1999.



GEERTZ, Cliford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Editora Vozes, 2025.

OLIVEIRA, Amurabi. Etnografia para educadores. São Paulo: UNESP, 2023





DOS AUTORES

**Amurabi Oliveira** é professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Ana Martina Baron Engerroff** é professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vinculada ao curso de Pedagogia e professora de Sociologia do Estado de Santa Catarina.

**Beatriz Cesconetto Franchini** é graduanda de Música (UDESC).

**Bianca de Andrade Silveira** é graduanda de Pedagogia (UDESC).

**Bruna dos Santos Bolda** é professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vinculada ao curso de Pedagogia e professora de Sociologia do Estado de Santa Catarina.

**Hayyan Makin Macari** é graduando em Música (UDESC).

**Ivan Penteado Dourado** é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vinculada ao curso de Pedagogia. Doutor e professor da FAED/UDESC

**Kamille Vitoria de Simas** é graduanda de Pedagogia (UDESC).

**Letícia Bento Sezerino** é graduanda de Música (UDESC).

**Liana Bohn** é graduanda de História (UDESC).

**Manuela Venerio Viero** é graduanda de Pedagogia (UDESC).



**Mauricio Pereira da Costa** é graduando de História (UDESC).

**Ricardo da Conceição** é graduando de História (UDESC).

**Robson Nunes de Souza** é graduando em Pedagogia (UDESC).

**Rosemeri Pereira Wieczinski** é graduanda de Pedagogia (UDESC).


**Rubia Alves Ramos** é graduanda de História (UDESC).

**Sílvia Reis** é psicóloga e graduanda de Pedagogia (UDESC).

**Valéria Mendes** é artesã e graduanda de História (UDESC).

**William Rafael Barbosa Machado** é educador, artista e graduando em Pedagogia (UDESC).





A Cultura ao Redor de Nós: Ensaio Etnográfico na Formação de Professores reúne experiências de estudantes das áreas de Ciências Humanas, Educação e Artes da UDESC, revelando a etnografia como instrumento de pesquisa e formação docente. Entre escolas e diversos espaços sociais, a obra convida o leitor a compreender culturas, relações e significados do cotidiano. Mais do que registrar experiências, os textos evidenciam o potencial transformador da escuta, da observação e do encontro com a diversidade humana.



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA